

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Homens parceiros de transexuais:  
diálogo fenomenológico de vivências afetivo-sexuais

Milene Soares

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como  
parte das exigências para a obtenção do título de  
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO -SP  
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Homens parceiros de transexuais:  
diálogo fenomenológico de vivências afetivo-sexuais

Milene Soares

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como  
parte das exigências para a obtenção do título de  
Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Alves de Toledo Bruns

RIBEIRÃO PRETO - SP  
2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

#### FICHA CATALOGRÁFICA

Soares, Milene.

Homens parceiros de transexuais: diálogo fenomenológico de vivências afetivo-sexuais. Ribeirão Preto, 2012.

135p. : il.; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP. Área de Concentração: Psicologia.

Orientadora: Bruns, Maria Alves de Toledo.

1. Pós-Modernidade 2. Diversidade Sexual 3. Transexualidade  
4. Heteronormatividade 5. Fenomenologia

## Folha de Aprovação

Soares, Milene.

Homens parceiros de transexuais: diálogo fenomenológico de vivências afetivo-sexuais.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

### Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

*Dedico este trabalho a meus pais, Sueli e Edson (in memoriam); a minha irmã, Monica, e ao meu marido, João – sentido de minha existência.*

## **Agradecimentos**

*Faço a tentativa de colocar em palavras o meu carinho e gratidão por todos aqueles que compartilharam comigo a trajetória rumo à obtenção deste título de Mestre.*

*Primeiramente, agradeço aos meus colaboradores e suas parceiras transexuais por compartilharem comigo suas trajetórias existenciais possibilitando a efetivação da pesquisa narrada nesta Dissertação e as intensas reflexões que a compõem.*

*Agradeço à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Alves de Toledo Bruns, orientadora e exemplo de vida pessoal e profissional. Devo a você a ampliação de meus horizontes e caminhos. Obrigada pela paciência e dedicação diante de minhas dificuldades.*

*Ao meu pai, Edson, que, infelizmente, se foi, mas continua a ser minha referência de vida, motivo de minha eterna admiração.*

*A minha mãe, Sueli, pelo amor e cuidado imenso que dedica a mim e pelos conselhos valiosos que orientam a minha vida.*

*A minha irmã, Monica, por sua amizade e amor, pelas orações feitas a mim.*

*Ao meu marido, João, meu companheiro, meu amor, minha referência e incentivo. Obrigada por sua compreensão e incansável apoio ao longo do desenvolvimento deste estudo.*

*A minha sogra Telma, pelo apoio e incentivo.*

*A minha prima Elaine, pela amizade e por me dar abrigo sempre que necessário.*

*Agradeço a toda a minha família; sem dúvida, vocês fazem parte das minhas mais significativas vivências. Devo e dedico a vocês todas as minhas conquistas.*

*Ao Prof. Dr. Sergio Kodato e à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudiene Santos, pelas orientações e contribuições pertinentes no Exame de Qualificação.*

*Aos colegas do Grupo de Pesquisa SexualidadeVida-USP/CNPq, pelas constantes trocas de conhecimento.*

*Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP, pela oportunidade de realizar o mestrado, e, a todos os funcionários pelo auxílio e orientações.*

*Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP, por compartilharem seus saberes colaborando para minhas reflexões e interlocuções acadêmicas.*

*Aos colegas das disciplinas do mestrado que também compartilharam seus conhecimentos e dividiram essa experiência comigo, tornado-a mais rica e prazerosa. Em especial, agradeço a Angélica Teixeira Gomes, Vânia Reis e Silva e Edmar Henrique Dairell Davi.*

*Ao colega de pós-graduação da FFCLRP-USP, Rafael Alves Galli, que teve contribuição decisiva ao nos ajudar a encontrar colaboradores dispostos a participar dessa pesquisa.*

*Agradeço também à Faculdade de Medicina de S. J. Rio Preto (FAMERP), local onde iniciei o Projeto e obtive o apoio e incentivo necessários à pesquisa, aos colegas de seu Serviço de Psicologia e aos membros de sua Equipe de Adequação Sexual.*

*Em especial agradeço à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Jaqueline Coelho Pinto, principal incentivadora de meu caminhar pelo mundo acadêmico.*

*À Prof<sup>ª</sup>. Verônica Coelho, pelo trabalho de revisão de texto em uma orientação segura e pertinente, com compromisso e seriedade.*

*Agradeço a todos os meus amigos, pelos diálogos instigantes e pela torcida por minhas conquistas, especialmente a Aline, Elina, Francielle, Rafael, Oswaldo e Denise.*

*Obrigada!*

SOARES, M. **Homens parceiros de transexuais: diálogo fenomenológico de vivências afetivo-sexuais**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

## RESUMO

Na presente dissertação, buscamos situar e (re)conhecer as características típicas do cenário contemporâneo por acreditar que a visibilidade do fenômeno “*Como são as vivências afetivo-sexuais de homens parceiros de transexuais?*” encontrou possibilidade de manifestação no contexto da pós-modernidade. Em seguida, mergulhamos nos horizontes em que as diversidades afetivo-sexuais vêm sendo investigadas pelas diferentes áreas do conhecimento científico, tais como a psiquiatria, a sociologia, a psicologia etc. E, apoiadas nesse arcabouço de conhecimento, elegemos a perspectiva da fenomenologia merleau-pontyana com o intuito de compreender o existir humano da perspectiva mundana da encarnação corporal e de intersubjetividade. Assim, o presente trabalho tem como objetivo conhecer a história de vida de homens que se relacionam com transexuais para compreender os significados atribuídos por eles às suas vivências afetivo-sexuais. Para realizar tal intento entrevistamos cinco homens que se relacionam com transexuais a partir da questão norteadora: “*Fale para mim acerca de seus relacionamentos afetivo-sexuais no decorrer de sua vida*”. Para a análise dos relatos, utilizamos a metodologia qualitativa fenomenológica, que consiste na leitura e releitura dos relatos, discriminação das unidades de significados, elaboração de categorias e identificação das convergências e divergências nos discursos. A compreensão dos relatos foi feita a partir da perspectiva merleupontyana num interdiálogo com perspectivas teóricas biológicas, psicológicas e sócio-culturais. Na análise dos relatos, foram destacadas as seguintes categorias de significados: 1) Nos horizontes da família; 2) Vivências heteroafetivas-sexuais; 3) Vivências homoafetivas-sexuais; 4) Transições e descobertas: orientação e identidade sexual; 5) Nos horizontes da homofobia; 6) A vivência afetivo-sexual com uma transexual; 7) Projeto de vida. Encontramos que a vivência de um relacionamento afetivo-sexual contribui para importantes esferas de produção de sentido existencial, como a construção de um modo conjunto de ver o mundo e se ver enquanto indivíduo. Dar voz aos parceiros de transexuais contribui para deslocar o paradigma da heteronormatividade – responsável pelas angústias, medos e estigmas por eles vivenciados – enquanto se possibilita a visibilidade das múltiplas possibilidades de vivência da sexualidade.

**Palavras-chave:** gênero, heteronormatividade, parceiro de transexual, fenomenologia.

SOARES, M. **Men in a relationship with a transsexual: a phenomenological dialogue of affective-sexual experiences.** 2012. 135 f. Dissertation (Master degree) – Philosophy, Science, and Literature Faculty of Ribeirão Preto, University of São Paulo, São Paulo, 2012.

### ABSTRACT

The present work seeks to locate and recognize/learn characteristics that are typical of the contemporaneity once we believe the visibility of such phenomena as “*What are the affective-sexual experiences of t-lovers?*” has been enabled in the post-modern scenario. We then dive into the horizons in which the affective-social diversities have been investigated by the various fields of knowledge, as psychiatry, sociology, psychology etc. Supported by such knowledge base, we elected the phenomenological perspective of Merleau-Ponty as to understand humane existence from the world perspective of body reincarnation and subjectivity. Therefore, we aim to learn the life history of those men who maintain a relationship with transsexuals with the objective of understanding the meanings they attribute to their affective-sexual experiences. We thus interviewed five men in a current relationship with a transsexual to report their views triggered by the following prompt: “*Tell me about your affective-sexual relationships along the years*”. We analyzed these men’s reports through the qualitative phenomenological methodology, which consists of reading and rereading the reports, identifying the units of meaning, establishing the analysis categories and identifying the convergent and divergent aspects among our collaborators’ reports. The reports were analyzed through the perspective of Merleau-Ponty in an interdialogue with the biological, psychological and social-cultural theoretical perspectives, among others. The following units of meaning emerged from the reports: 1) In the family’s horizon 2) Hetero-affective-sexual experiences; 3) Homo-affective-sexual experiences 4) Transits and discoveries: sexual orientation and identity; 5) In the horizons of homophobia; 6) The affective-sexual experience with a transsexual; 7) Life projects. We found that the experience of an affective-sexual relationship contributes to important spheres of production of existential meaning, such as the creation of a set of ways of regarding the world and oneself as an individual. Moreover, granting t-lovers a voice contributes to displacing the heteronormativity paradigm – generator of the anguishes, fears and stigmas they experience – as we enable the visibility of the multiplicity of sexual experiences.

**Key words:** gender, heteronormativity, t-lovers, phenomenology

## SUMÁRIO

### **PRÉ-REFLEXIVO:**

#### **APRESENTAÇÃO**

A TRAJETÓRIA EM DIREÇÃO À REALIZAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA.....	12
---	----

### **CAPÍTULO 1**

#### **NOS HORIZONTES DAS DIVERSIDADES SEXUAIS.....17**

O CENÁRIO CONTEMPORÂNEO E A PÓS-MODERNIDADE.....	17
--	----

#### DIFERENTES OLHARES PARA O FENÔMENO

“COMO SÃO AS VIVÊNCIAS AFETIVO-SEXUAIS DE PARCEIROS DE TRANSEXUAIS?” .....	20
---	----

SOBRE A SEXUALIDADE: ENTRE O NORMAL E O PATOLÓGICO.....	26
---	----

OS DIFERENTES OLHARES SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO.....	30
--	----

### **CAPÍTULO 2**

#### **A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA**

MERLEAUPONTYANA.....	38
----------------------	----

A SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA MERLEAUPONTYANA .....	42
--	----

### **CAPÍTULO 3**

#### **O MÉTODO QUALITATIVO FENOMENOLÓGICO.....45**

ACESSO AOS COLABORADORES.....	47
-------------------------------	----

#### NOS HORIZONTES DA COMPREENSÃO/INTERPRETAÇÃO

DO MUNDO VIVIDO DE PARCEIROS DE TRANSEXUAIS.....	50
--	----

ELEIÇÃO DAS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS.....	51
---	----

### **CAPÍTULO 4**

#### **O MUNDO-VIDA DE HOMENS PARCEIROS**

#### **DE TRANSEXUAIS: ANÁLISES COMPREENSIVAS.....54**

Perfil do Colaborador 1: Juliano.....	54
---------------------------------------	----

Perfil do Colaborador 2: Paulo.....	63
-------------------------------------	----

Perfil do Colaborador 3: José.....	75
------------------------------------	----

Perfil do colaborador 4: André.....	87
Perfil do colaborador 5: Miguel.....	100

## **CAPÍTULO 5**

### **DESVELANDO SENTIDOS:**

#### **A VIVÊNCIA DE HOMENS QUE SE RELACIONAM**

<b>AFETIVO-SEXUALMENTE COM TRANSEXUAIS.....</b>	<b>111</b>
---	------------

## **CAPÍTULO 6**

<b>HORIZONTES.....</b>	<b>120</b>
------------------------	------------

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>122</b>
-------------------------	------------

<b>ANEXO A.....</b>	<b>132</b>
---------------------	------------

<b>ANEXO B.....</b>	<b>133</b>
---------------------	------------

<b>ANEXO C.....</b>	<b>134</b>
---------------------	------------

<b>ANEXO D.....</b>	<b>135</b>
---------------------	------------

*Chega de tentar dissimular e disfarçar e esconder  
O que não dá mais pra ocultar e eu não quero mais calar  
Já que o brilho desse olhar foi traidor  
E entregou o que você tentou conter  
O que você não quis desabafar  
Chega de temer, chorar, sofrer, sorrir, se dar  
E se perder e se achar e tudo aquilo que é viver  
Eu quero mais é me abrir e que essa vida entre assim  
Como se fosse o sol desvirginando a madrugada  
Quero sentir a dor desta manhã  
Nascendo, rompendo, tomando  
rasgando meu corpo e então eu  
Chorando, sofrendo, gostando, adorando gritando  
Feito louco, alucinado e criança  
Sentindo o meu amor se derramando  
Não dá mais pra segurar, Explode coração!*

(Gonzaguinha)

## PRÉ-REFLEXIVO

### APRESENTAÇÃO

#### A TRAJETÓRIA EM DIREÇÃO À REALIZAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Apresento, inicialmente, o meu percurso em direção à elaboração e execução do Projeto de Pesquisa intitulado “*Homens parceiros de transexuais: diálogo fenomenológico de vivências afetivo-sexuais*” no decorrer do período de 2009 a 2012.

Em 2005, durante meus estudos de graduação na Universidade Paulista (UNIP) surgiu a oportunidade de estágio no Serviço de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital de Base da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP), no Projeto Sexualidade. Tal experiência despertou em mim o interesse pelo tema da sexualidade e, concomitantemente, pela área da saúde.

Ainda em 2005, conclui minha graduação e sou aprovada no programa Aprimoramento em Psicologia da Saúde do Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica na mesma faculdade – FAMERP. Assim, iniciei o Aprimoramento na área de Ginecologia e Obstetrícia e no Programa Saúde da Família em fevereiro de 2006. Nesse mesmo mês, ingressei no curso de Especialização *Lato Sensu* em Psicologia da Saúde, também na FAMERP. A experiência no Programa Saúde da Família desperta em mim o interesse pela Pós-Graduação *Lato Sensu* em Intervenção Familiar e de Casal: Psicoterapia e Orientação Sistêmica oferecida pela mesma instituição, a qual iniciei em junho de 2006. No primeiro ano, desenvolvi os estudos: “Programa Saúde da Família: Grupo para controle e manejo do estresse no professor” sob a orientação do Prof. Dr. Nelson Iguimar Valério e co-orientação da Prof.<sup>a</sup> Ana Márcia S. A. Vianna (SOARES; VALÉRIO; VIANNA, 2007) e “Prevalência das disfunções sexuais femininas” sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Jaqueline Coelho Pinto e co-orientação da Prof.<sup>a</sup> Ana Márcia S. A. Vianna (SOARES; PINTO; VIANNA, 2006).

Ainda no aprimoramento, em 2007, tive a oportunidade de atuar como membro da Equipe de Adequação Sexual, supervisionada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Jaqueline Coelho Pinto, no Serviço de Urologia do Hospital de Base – FAMERP. Em contato com as pacientes transexuais, comecei a observar que várias compareciam aos atendimentos, tanto nas

primeiras consultas anteriores à cirurgia de transgenitalização quanto nas consultas de retorno pós-cirúrgico, acompanhadas de seus parceiros. Surgiu, então, o interesse em conhecer esses homens, parceiros de transexuais, e suas vivências acerca das experiências afetivo-sexuais.

Em janeiro de 2008, concluí o Aprimoramento e a Especialização *Lato Sensu* em Psicologia Hospitalar com Trabalho de Conclusão do Curso intitulado “Saúde sexual da mulher no climatério” sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina O. S. Miyazaki e co-orientação da Prof.<sup>a</sup> Ana Márcia S. A. Vianna (SOARES; MIYAZAKI; VIANNA, 2008). Em agosto, concluí a Pós-Graduação *Lato Sensu* em Intervenção Familiar e de Casal: Psicoterapia e Orientação Sistêmica, com Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O apoio da rede social a transexuais femininas” sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marianne Ramos Feijó e co-orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Jaqueline Coelho Pinto (SOARES et al, 2011).

Visando à ampliação do corpo de conhecimento das várias expressões da sexualidade e uma nova forma de entender o ser humano, instigada pelos fenômenos da transexualidade e dos homens parceiros de transexuais, passo a acompanhar o desenvolvimento da tese de doutorado da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Jaqueline Coelho Pinto intitulada “A vivência afetivo-sexual de mulheres transgenitalizadas” e orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Alves de Toledo Bruns, líder do Grupo de Pesquisa Sexualidadevida–USP/CNPq defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da FFCL-USP campus de Ribeirão Preto em março de 2008.

Tive, então, a oportunidade de conhecer essa docente cujas investigações se inserem na linha de pesquisa *Sexualidade e a reflexividade da moral sexual na constituição histórico-cultural do sujeito na pós-modernidade*, ancorada na Área de Concentração Psicologia, Processos Culturais e Subjetivação, constituinte do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia desta Faculdade. A pesquisadora desenvolve o projeto de pesquisa intitulado “*Sexualidade e Desenvolvimento: O existir de Homens e Mulheres*” dirigido à análise compreensiva do existir de homens e de mulheres na qualidade de ser sexuado e simbólico a partir do ethos sócio-histórico-cultural e espiritual do sujeito na pós-modernidade. Trata-se de um projeto que visa integrar um conjunto de estudos sobre a vivência das relações afetivo-sexuais de homens e de mulheres na contemporaneidade a partir das transformações nas relações de gêneros; das configurações familiares atuais; do processo de envelhecimento, adoecimento e deserotização do corpo bem como da visibilidade e inclusão da diversidade sexual. Abarca, portanto, diferentes segmentos da existência humana, incluindo a infância, a adolescência, a adultez, a maturidade e a velhice, identificados pelos três eixos investigatórios: *O mosaico da família contemporânea e as relações de gênero*;

*Expressão da diversidade afetivo-sexual: sujeito/corpo/desejo/corporalidade na pós-modernidade e O corpo em sua temporalidade: o processo do envelhecer, do adoecer e do deserotizar-se.* Eixos esses que vêm integrando todos os subprojetos de pós-graduandos realizados sob a orientação da pesquisadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Alves de Toledo Bruns.

Do encontro com essa pesquisadora, que já se interessava por questões acerca da sexualidade de homens parceiros de transexuais, surgiram os seguintes questionamentos: *Como é esse homem que se relaciona afetivo-sexualmente com uma transexual? Que significados ele atribui a essa vivência afetivo-sexual? O que o mobiliza para suas escolhas de parceiros?* Da mesma forma, essa aproximação me possibilitou conhecer a abordagem fenomenológica, eleita pela pesquisadora para realização de suas pesquisas.

É importante pontuar que passo agora a utilizar a primeira pessoa do plural, uma vez que esta dissertação só pode ser pensada e, conseqüentemente, concretizada com a orientação sempre criativa da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Alves de Toledo Bruns.

De tal modo, elegemos o método fenomenológico para elaborarmos um Projeto de Pesquisa, intitulado “*Quem são os parceiros de transexuais? Relatos de Vivências*”, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São José Rio Preto (FAMERP) (ANEXO A) e por este aprovado em agosto de 2008. Igualmente, foi obtido o consentimento para realização da pesquisa pelo Departamento de Especialidades Cirúrgicas e do Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da FAMERP (ANEXO B).

Desse encontro com a pesquisadora ampliei minha visão acerca de seu projeto de pesquisa e tomei conhecimento de seu interesse por questões acerca da sexualidade de homens parceiros de transexuais. Surgiram, então, os seguintes questionamentos: *Como é esse homem que se relaciona afetivo-sexualmente com uma transexual? Que significados ele atribui a essa vivência afetivo-sexual? O que o mobiliza para suas escolhas de parceiros?*

Em dezembro de 2008, com esse Projeto de Pesquisa fui aprovada no processo de seleção nível de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, iniciado em março de 2009.

Na trajetória de realização deste Projeto, tivemos a oportunidade de participar de eventos científicos e publicar os trabalhos intitulados “Vivências afetivo-sexuais de parceiros de transexuais” (SOARES; BRUNS, 2010) e “Parceiros de Transexuais: Relatos de vivências afetivo-sexuais” (SOARES; BRUNS, 2010a). Tais experiências me propiciaram o engajamento em discussões acerca de temas relativos à sexualidade, família, gênero,

contemporaneidade, entre outros – que significaram novas possibilidades de conhecimento e maturidade no decorrer de seu desenvolvimento.

Quando submetida a presente Dissertação ao Exame de Qualificação, pudemos refletir e decidir, em conjunto com a Banca, por alterar o título do Projeto de Pesquisa inicial para “*Homens parceiros de transexuais: diálogo fenomenológico de vivências afetivo-sexuais.*” Assim, passo a apresentar agora a estrutura da Dissertação.

Antes, porém, cabe dizer que nossas reflexões não têm como objetivo esgotar o fenômeno em sua complexidade, mas permitir a abertura de horizontes de compreensão acerca do mundo vida de homens parceiros de transexuais a partir dos relatos de nossos colaboradores de sua história de vida.

Nos valem da suspensão fenomenológica, que consiste em abster-se de preconceitos, estigmas e juízos de valor acerca de teorias científicas e de posições filosóficas, de modo a ampliar nossa visão compreensiva da orientação afetivo-sexual de homens parceiros de transexuais.

O pré-reflexivo viabiliza ao pesquisador mergulhar nos horizontes da complexidade do fenômeno das diversidades afetivo-sexuais e da forma como este vem sendo investigado pelas diferentes áreas do conhecimento científico, tais como a psiquiatria, a sociologia, a psicologia, entre outras. Todavia, o diálogo com essas áreas do conhecimento se dá sem que nos desviemos do nosso objetivo que é compreender este fenômeno indagado por intermédio de histórias de vidas. Desse modo estamos reafirmando a escolha da fenomenologia enquanto método e da perspectiva merleau-pontyana e de seus seguidores para realizar a análise compreensiva/interpretativa da história de vida de nossos colaboradores.

**CAPÍTULO 1 – NOS HORIZONTES DAS DIVERSIDADES SEXUAIS.** Neste capítulo situamos o nosso fenômeno “*Como são as vivências afetivo-sexuais de homens parceiros de transexuais?*” na contemporaneidade e na pós-modernidade bem como em estudos de diversas áreas que abordam temas relativos à sexualidade, a fim de construirmos um leque de possibilidades que consiga dar conta da complexidade que é a compreensão/interpretação do fenômeno que indagamos.

**CAPÍTULO 2 – A FENOMENOLOGIA MERLEUPONTYANA.** Neste momento, estabelecemos um interdiálogo com a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty e estudos de autores seus seguidores.

**CAPÍTULO 3 – O MÉTODO QUALITATIVO FENOMENOLÓGICO.** Para que possamos caminhar em direção à compreensão do fenômeno que nos propomos a investigar, apresentamos a abordagem metodológica eleita – baseada na entrevista fenomenológica como percurso e na técnica de história de vida como estratégia para essa caminhada –, o que possibilita o acesso e o delineamento do perfil dos colaboradores. Assim, expomos aqui o perfil de cada colaborador e elencamos as categorias e subcategorias emergidas em seus relatos.

**CAPÍTULO 4 – O MUNDO-VIDA DE HOMENS PARCEIROS DE TRANSEXUAIS: ANÁLISES COMPREENSIVAS.** Apresentamos a análise do perfil de cada colaborador e suas histórias de vida, seguidas da compreensão/interpretação de suas descrições acerca do fenômeno: “Como são as vivências afetivo-sexuais de homens parceiros de transexuais?” bem como oferecemos uma explanação sobre as categorias estabelecidas.

**CAPÍTULO 5 – DESVELANDO SENTIDOS: A VIVÊNCIA DE HOMENS QUE SE RELACIONAM AFETIVO-SEXUALMENTE COM TRANSEXUAIS.** Finalizando o relato de pesquisa, sintetizamos os resultados, apresentando algumas reflexões acerca dos significados atribuídos pelos colaboradores ao fenômeno indagado.

**CAPÍTULO 6 – HORIZONTES.** Com este Capítulo encerramos nossas reflexões e apontamos caminhos que podem ser seguidos em futuras pesquisas que visem aprofundar o conhecimento acerca desse tema e dar maior visibilidade a essas questões, uma vez que consideramos impossível esgotar a complexidade que envolve o fenômeno abordado.

## CAPÍTULO 1

### NOS HORIZONTES DAS DIVERSIDADES SEXUAIS

#### O CENÁRIO CONTEMPORÂNEO E A PÓS-MODERNIDADE

Situamos no contexto da contemporaneidade o nosso interesse em compreender a vivência afetivo-sexual de parceiros de transexuais – homens, sujeitos pós-modernos, que nos incitam a refletir sobre os diferentes modos de expressão do desejo. Considerando que a visibilidade das “minorias sexuais” foi possibilitada na Pós-modernidade, torna-se imprescindível estabelecer uma interlocução com os autores a seguir para que possamos situar o leitor ao nosso interesse de explicitar o mundo vida de homens parceiros de transexuais.

Diversos autores têm refletido a respeito da sociedade tal como a conhecemos na atualidade, cada um deles denominando diferentemente alguns conjuntos de características típicas deste cenário contemporâneo.

Para Bruns e Santos (2006), o cenário contemporâneo constitui-se de transformações em velocidade estonteante, avanços tecnológicos, mudanças profundas nas relações entre os indivíduos, rupturas de paradigmas, novos padrões de ética, valorização da estética e do consumo, que leva à lógica das paixões consumistas, cujas ressonâncias vêm afetando os vínculos afetivo-sexuais. O sujeito passa, assim, a ocupar o lugar de objeto descartável e/ou reciclável.

Segundo Jameson (2000), a Pós-modernidade assenta-se em valores que orientam a produção cultural na sociedade pós-industrial, ao qual ele chama de “lógica cultural do capitalismo tardio”. Essa “lógica” engloba aspectos como multiplicidade, fragmentação, desreferencialização e entropia. Dessa forma, trata-se de uma sociedade que promove a aceitação de todos os estilos e estéticas com a pretensão de incluir todas as culturas como mercados consumidores.

O autor reflete a cultura pós-moderna e as consequências psicológicas das contínuas transformações sociais e propõe um modelo de estrutura subjetiva ressaltando que o sujeito do capitalismo clássico e da família nuclear, que é autônomo e autocentrado, estaria fragmentando-se e desaparecendo. Dessa forma, destaca o autor a necessidade de “totalizar” os pensamentos, superando as contradições do presente, ou seja, incluir os sujeitos na constituição do sistema de organização social, mesmo sendo este inserido em um conjunto

multidimensional de realidades descontínuas, em uma época percebida como fragmentada, espacial e diferente. Sendo o Pós-modernismo um componente do estágio atual da história, é preciso investigar suas manifestações, independente de suas características de ruptura ou continuidade, procurando transcendê-las para traçar os possíveis rumos futuros, mesmo que impensáveis até pouco tempo atrás. Por fim, o autor salienta que o sujeito pós-moderno não deve ser visto como doente apesar de sua fragmentação estrutural (JAMESON, 2000).

Para Lyotard (2002), um dos pioneiros no uso do termo Pós-modernidade, qualquer crítica é necessariamente pragmática, local e contextual, já que na sociedade contemporânea a vida cotidiana é fragmentada. Segundo esse estudioso, as metanarrativas tornaram-se obsoletas, descontínuas e heterogêneas – características da condição pós-moderna. A ciência deixa de ser garantia de verdade e os enormes esquemas explicativos caem em descrédito. Nesse sentido, o discurso pós-moderno nas sociedades mais desenvolvidas torna-se imprescindível – nas palavras do autor, uma “condição”.

O filósofo Lipovetsky (2004), por sua vez, prefere o termo “hipermodernidade”. O autor considera que não houve uma ruptura com os tempos modernos assim não se justificando o uso do prefixo “pós”. Para o filósofo, a contemporaneidade é “moderna” e caracteriza-se pelo individualismo e consumismo demasiado, ética hedonista e fragmentação do tempo-espço. O que há é uma exacerbação das sociedades modernas, que teve um conjunto de forças abaladas como a tradicional divisão dos papéis sexuais estruturalmente desiguais, as consciências sob o poder da Igreja, o sacrifício dos sujeitos justificados pelo ideal de Nação e a administração da economia pelo Estado. Por fim, esse autor observa que as mudanças foram além da redução de pressões e imposições sociais, havendo uma abertura para a liberdade e para a dissolução dos aspectos sociais, políticos e ideológicos vigentes.

Bauman (2004), pensador da contemporaneidade, reflete sobre a “liquidez” dos relacionamentos humanos. O termo liquidez é usado pelo autor para caracterizar a incapacidade da sociedade moderna de manter a forma, semelhantemente aos líquidos, o que leva as pessoas a buscarem relações transitórias e fugazes e a sofrerem as angústias intrínsecas a essa situação. A “modernidade líquida”, como o autor define o cenário atual, traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos, um amor líquido torna nossas relações cada vez mais “flexíveis”, provocando cada vez mais insegurança. Em um mundo carregado de sinais confusos, onde mudanças ocorrem com rapidez e de forma imprevisível, estar em movimento é um requisito indispensável. Priorizamos relacionamentos em “redes” já que estes podem ser tecidos e desmanchados com a mesma facilidade, além de evitar contatos que ultrapassem o virtual; consequentemente, desaprendemos como manter laços de longo prazo.

A confusão atinge não apenas os valores, mas também as relações afetivas e amorosas bem como os vínculos familiares e, por fim, a nossa humanidade ao tratar um estranho (BAUMAN, 2004). A falta de habilidade em se relacionar, o distanciamento e a ausência de valores como empatia e afetividade é o que vemos como resultado desta ‘confusão’ de práticas e valores característica da atualidade.

Os vínculos afetivo-sexuais, o consumo de objetos e afetos e a ideia de que as pessoas podem ser recicladas formam a lógica do *ethos* atual, das paixões consumistas. Os fenômenos da globalização e da informatização que marcam a sociedade do espetáculo colaboram com o paradigma do risco e da incerteza, moldando a maneira de expressão das emoções, o lugar dos corpos e a atuação dos papéis de gêneros na atualidade (BRUNS; SANTOS, 2006).

Debord (1997) denomina “sociedade do espetáculo” as sociedades contemporâneas que são constituídas por vidas pobres e fragmentárias, em que os sujeitos contemplam e consomem obrigatória e passivamente as imagens do que lhes falta na vida real. Logo, a onipresença dos meios de comunicação de massa é apenas o aspecto mais visível e superficial desse espetáculo. Ainda para Debord (1997, p. 14), o domínio da economia sobre a vida era marcado pela transformação do ser em ter, já no espetáculo o aparecer reina absoluto. Para o autor, na imagem não existe uma lógica própria, mas uma abstração do real e o espetáculo significa “tornar-se abstrato” do mundo. A abstração generalizada é consequência da sociedade capitalista, onde a mercadoria é baseada no valor de troca, ou seja, qualidades concretas do objeto não são consideradas diante da quantidade abstrata de dinheiro que este representa. Por fim, o autor refere que a alienação social chegou ao auge – no espetáculo, a economia deixa de ser meio para transformar-se em fim, é a submissão do homem que crê ser governado por algo que ele mesmo criou.

Tais perspectivas suscitam reflexões acerca do que está acontecendo, colocando em evidência os fenômenos novos e decisivos da vida contemporânea. Assim, as mudanças ocorridas a partir da metade do século XX e suas enormes repercussões sociais após os anos 60, requerem empenho de interpretação para que se investigue sobre a Pós-modernidade. Nesse sentido, a velocidade e a abrangência das mudanças na vida atual estão no centro das discussões acerca da Modernidade e da Pós-modernidade. Diante da manipulação de suas vidas privadas e da inserção de papéis sociais no âmbito da reflexividade e da globalização os sujeitos vêm-se lançados no vácuo, soltos e sozinhos (FRIDMAN, 1999).

Conforme nos ensina Hall (2003), a globalização provoca mudanças na noção de tempo-espço e desconstrói as estruturas fixas do sistema social, o que possibilita o aparecimento de novos e diferentes centros para exercício do poder. Sua reflexão também

reside no modo como a percepção da identidade cultural haveria se alterado. As transformações nas identidades do sujeito pós-moderno, provocadoras de deslocamentos e/ou descentramentos, desorganizam a ideia que o sujeito tem de si próprio como sujeito integrado no mundo. Este movimento gera no sujeito atual uma “crise de identidade” originária do processo de mudanças resultantes da inevitável necessidade de construção de uma identidade “móvel” e da insegurança instituída por tal situação. O contínuo ciclo de formação e transformação gera angústia, pela necessidade humana de escolher e de se definir. Tal pluralidade confronta-se com a ideia de unidade e de universalidade, consideradas as bases do modernismo. Enfim, a uniformidade sucumbiu à diversidade, seja nas relações humanas, na família, na arte, nos valores e nos costumes, na produção de bens de consumo e na cultura contemporânea de forma geral (HALL, 2003; VAITSMAN, 2003).

Dessa forma, na contemporaneidade o sujeito defronta-se com uma gama de possíveis identidades culturais, sociais e de gênero – todas caracterizadas pela diferença – ao passo que as representações e os sistemas de significação se multiplicam.

É a partir desse contexto da Pós-modernidade e da contemporaneidade que passamos a apresentar estudos desenvolvidos através de diferentes olhares sobre o fenômeno em questão, de modo a ampliar nosso conhecimento acerca do mundo vida desses homens.

## **DIFERENTES OLHARES PARA O FENÔMENO “COMO SÃO AS VIVÊNCIAS AFETIVOSEXUAIS DE PARCEIROS DE TRANSEXUAIS ?”**

Acreditamos ser importante primeiramente expormos os diferentes olhares acerca do fenômeno da transexualidade para, em seguida, expormos os olhares para o nosso fenômeno. Nosso intuito é o de, por meio da apresentação das diversas nomenclaturas utilizadas em pesquisas encontradas por nós para denominar nosso fenômeno, podermos apreender a visão que os estudiosos possuem sobre “*Como são as vivências afetivo-sexuais de homens parceiros de transexuais?*”.

Assim, segundo Pinto (2008), Pinto e Bruns (2003) e Costa (1994), *transexualidade* diz respeito a sujeitos – homens e mulheres – que se identificam psicologicamente com o sexo oposto e recusam totalmente o sexo que lhes é atribuído biologicamente, embora não sejam portadores de qualquer anomalia. Esses sujeitos vivem um enorme conflito, pois, geralmente, desde a infância, experienciam a sensação de ter nascido em um corpo “trocado”, ou seja,

percebem-se aprisionados em um corpo que não identificam como seu, o que pode levá-los à autocastração ou até mesmo ao suicídio.

Na visão de Bento (2003), a experiência transexual vai além da rejeição pelo próprio corpo ou do desejo por intervenções cirúrgicas que buscam a unificação do corpo com a identidade de gênero, unificação que na verdade pode ser apenas uma busca por aceitação social. A transexualidade é caracterizada por conflitos entre corpo e identidade de gênero, mas engloba uma “considerável pluralidade de articulações dos níveis constitutivos das posições dos sujeitos” (BENTO, 2003, p. 239).

No DSM-IV-tr (APA, 2002)<sup>1</sup> a transexualidade consta como Transtorno de Identidade de Gênero e é caracterizado como um desconforto que o sujeito apresenta com seu sexo biológico e uma persistente identificação com o gênero oposto. Já na CID-10 (OMS, 2008) o termo utilizado é o Transexualismo, sendo definido como um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto ao seu sexo biológico.

Em nosso estudo não pretendemos desacreditar o diagnóstico psicopatológico, o qual permite a construção de um corpo de conhecimento que serve como parâmetro para a compreensão adequada do sofrimento das pessoas que apresentam questões psiquiátricas, psicológicas e/ou sociais; para dar visibilidade e promover discussões em sociedade sobre tais questões bem como para possibilitar estratégias de atendimento adequado nos sistemas de saúde e educação, entre outros. Contudo, pretendemos sim chamar a atenção para a sua utilização, no sentido de rotular pessoas que sejam diferentes ou excêntricas, criar doenças, ou ainda, para permitir e legitimar o poder médico. Considerando a história da psicopatologia e alguns contextos específicos, tais críticas são válidas e daí a importância de considerar aspectos pessoais, singulares de cada indivíduo (DALGALARRONDO, 2008).

É dessa perspectiva que optamos pelo termo *parceiros de transexuais*, por entendermos ser esta uma designação não patologizante de vivência afetivo-sexual. Por patologizante, entendemos uma postura que produz estigmas, preconceito e exclusão, questão que será mais aprofundada neste Capítulo quando abordarmos a perspectiva de Foucault e estudiosos de sua teoria.

Isto posto, passamos a apresentar os estudos que encontramos acerca do nosso fenômeno “*Como são as vivências afetivo-sexuais de homens parceiros de transexuais?*”.

---

<sup>1</sup> Tanto o DSM-IV-tr (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – Quarta Versão Revisada) quanto o CID-10 (Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) são manuais criados por organizações de saúde e utilizados por profissionais da saúde para categorizar e delimitar critérios para o diagnóstico de doenças. O DSM-IV-tr, no entanto, traz apenas transtornos mentais enquanto o CID-10 aborda doenças em geral.

Dessa forma, buscamos criar um interdiálogo com foco na compreensão e interpretação das vivências afetivo-sexuais de homens parceiros de transexuais, sob a perspectiva de vários autores fundamentados em paradigmas diversos, em pesquisas que datam do início da década de 80 até hoje. Acreditamos ser importante revisitar tais autores, que nos oferecem um leque de horizontes explicativos acerca da complexidade que envolve as expressões da orientação afetivo-sexual nos dias atuais.

Em seus estudos, os psiquiatras Money e Lacmacz (1984) empregaram o termo ginemimetofilia (de origem desconhecida), que em grego significa: mulher (*gyne*); representar (*mimos*) e amor (*philia*) para denominar homens que possuem interesse afetivo-sexual por homens feminilizados ou que vivem em sua comunidade como mulheres. Segundo estes autores, existem clínicas médicas para o tratamento desses homens cujo comportamento estaria situado no campo das parafilias ou transtornos de preferência sexuais.

Já o termo ginandromorfofilia – também grego e significando mulher (*gyne*); homem (*andro*); gênero (*morpho*) e amor (*philia*) – foi utilizado pela primeira vez por Blanchard e Collins (1993) para nomear os homens que se interessam sexualmente por travestis, transexuais e homens feminilizados. Para os autores, a ginandromorfofilia se institui como um interesse erótico diferenciado e particular de homens que não se travestem. Os autores, no entanto, não fazem diferenciação entre homens transexuais, travestis ou homossexuais que buscam os travestis ou transexuais para manterem relações afetivo-sexuais. Ou ainda, homens feminilizados que se reconhecem em atividades de travestis devido à forma como se vestem ou ao seu estilo de vida e que procuram outros como eles para encontros sexuais.

Blanchard e Collins (1993) afirmam que os ginandromorfófilos, em sua maioria, não se definem como gays ou homossexuais e desejam ser tratados como homens masculinizados. Também relatam que a grande maioria dos ginandromorfófilos de seus estudos não fez referência ao seu estado civil e poucos assumiram ser casados. Afirmam os autores, ainda, que esses homens geralmente não possuem atividades ou comportamentos travésticos. Assim, se distinguem dos travestis e transexuais pela maneira como se reconhecem, além de sua preferência pelo papel dominante na interação sexual.

Os autores acreditam que os ginandromorfófilos constituem uma população maior do que se imagina, já que é grande o número de publicações em revistas pornográficas, anúncios em jornais e mesmo os “chamados pontos nas ruas” dessa população. Enfim, a oferta de mercado é ampla para esses consumidores específicos.

É importante mencionar que o termo *ginandromorfofilia* foi inserido neste estudo após ser citado no relato do Colaborador 3, o qual recebeu o nome fictício de José a fim de se preservar sua identidade.

Ainda sob uma visão patologizante da parceria transexual, Verde e Graziottin (1997) acreditam que o casal transexual estaria compartilhando um delírio psicótico, que chamam de *folie à deux*, em português “loucura a dois”.

O delírio *folie à deux* é encontrado no DSM-IV-tr (APA, 2002) como Transtorno Psicótico Compartilhado e na CID-10 (OMS, 2008) como Transtorno Delirante Induzido, descrito como um transtorno caracterizado pela presença de sintomas psicóticos semelhantes em dois ou mais sujeitos – um delírio partilhado por duas ou mais pessoas ligadas muito estreitamente entre si no plano emocional. Apenas uma dessas pessoas apresenta um transtorno psicótico autêntico, as idéias delirantes são induzidas na(s) outra(s) e são habitualmente abandonadas em caso de separação. A associação de fatores tais como a dominância, a submissão, a personalidade pré-psicótica, o sexo, a idade, o tipo de delírio e a homossexualidade com este transtorno é discutida e a ênfase dos estudos tem recaído sobre os fatores de origem e os mecanismos de explicação, incluindo identificação, hereditariedade e desenvolvimento, imitação e simpatia, choque e pressão. Este transtorno é raro nos contextos clínicos, embora se argumente que alguns casos passam despercebidos.

Para Verde e Graziottin (1997), a orientação sexual dos parceiros de transexuais pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual, mas a orientação homossexual é dominante, mesmo sendo impregnada por comportamentos heterossexuais. Ainda segundo esses autores, “as características dos *partners* ‘normais’ dos transexuais são difíceis de serem definidas, porque frequentemente eles fogem do encontro clínico” (VERDE; GRAZIOTTIN, 1997, p. 166). E afirmam que alguns transexuais escolhem seus parceiros para constituírem relações estáveis enquanto outros preferem viver constantemente na condição de solteiros.

Huxley, Kenna e Brandon (1981), por sua vez, discorrem sobre a relação afetivo-sexual estabelecida entre os transexuais e seus parceiros e relatam que tais parceiros, por “amor”, aceitam pacificamente ou compartilham a idéia dos transexuais, que acreditam ter nascido em “corpos trocados”. Os autores acreditam que o grau desse compartilhamento de idéia seria expresso na intensidade do laço de afeição entre os parceiros, em suas necessidades sexuais e no padrão de dominância entre o casal. E concluem que, geralmente, o transexual exerceria uma dominância sobre seu parceiro, apesar de, na maioria das vezes, pertencerem à mesma classe social.

Em estudo mais recente, Lewins (2002) relata ter encontrado dados que evidenciam serem os relacionamentos de transexuais femininas mais instáveis e que há uma valorização das características físicas e do comportamento sexual do parceiro, tidas como características do gênero masculino. Enquanto os relacionamentos de transexuais masculinos, por sua vez, são mais estáveis e ajustáveis além de haver uma busca por parceiros com características relacionadas a carinho e cuidado, tidas como características do gênero feminino. Logo, o autor acredita que as características de gênero seriam determinadas biologicamente. No entanto, é importante ressaltar que o autor desconsidera o papel histórico-social na determinação de tais características, o que na realidade compreendemos como papel social de gênero.

Borges, M. C. *et al.* (2007) realizaram estudo a partir do relato de quatro casos de pacientes buscando relacionar o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) com diferentes tipos de transtornos parafilicos. Entre os casos estudados de TOC, há um diagnóstico que os autores chamam parafilia da ginandromorfofilia, ou seja, homens que se sentem atraídos sexualmente ou têm encontros sexuais ocasionais com homens feminilizados ou com travestis, característica presente desde o início da vida adulta do paciente. Relatam os autores: “o paciente permanecia horas perambulando pelas ruas onde os travestis trabalhavam durante a noite (...) Sentia-se profundamente atraído pelas curvas dos travestis e essa fantasia não o preocupava” (BORGES, M. C. *et al.*, 2007, p. 221). Os autores finalizam o caso relatando a inalteração do quadro de ginandromorfofilia durante o tratamento.

Brown (2009), em estudo qualitativo, entrevistou vinte mulheres que se relacionavam afetivo-sexualmente com transexuais masculinos, que passaram por readequação sexual. Segundo a autora, a maioria dessas mulheres relatou que a relação afetivo-sexual foi afetada de maneira insatisfatória no período de transição física e hormonal do parceiro transexual, que passou de uma aparência feminina para uma masculina. A avaliação negativa da relação decorreria do fato de muitas dessas mulheres terem declarado orientação sexual lésbica ou possuir uma história pessoal de traumas em relacionamentos com homens. Porém, há também relatos quanto a terem sido afetadas de forma satisfatória, já que o parceiro passou a se sentir mais contente com o próprio corpo e teve um aumento da libido devido aos hormônios masculinos administrados.

Embora o estudo de Brown (2009) trate de transexuais femininas e o estudo de Pelúcio (2006a) de parceiros de travestis e não de transexuais, acreditamos que estes possam contribuir para a compreensão do fenômeno por nós investigado.

Assim, a partir de uma visão que se afasta daquela da psiquiatria tradicional e ancorada em teorias Queer, Pelúcio (2006a) discute a identidade dos *t-lovers*, nome atualmente utilizado de forma popular para denominar homens que se relacionam sexualmente com travestis. A pesquisa foi realizada a partir de reuniões semanais e de fóruns na rede internacional de computadores de um grupo organizado. Segundo a pesquisadora, tais homens não rompem com o padrão de masculinidade vigente e, muitas vezes, até contribuem para reforçá-lo e, assim: “esvaziam a possibilidade de reconceitualização dos referências de gênero, de práticas sexuais e, mesmo, de como encaram as travestis” (PELÚCIO, 2006a, p. 31). Pontua ainda a autora que, sendo os *t-lovers* homens que gostam de travestis, o desvelamento dessa prática sexual no meio social o colocaria na marginalidade e, muito provavelmente, teriam sua masculinidade questionada. E finaliza: “Ser um *t-lover* ainda é ser clandestino” (PELÚCIO, 2006a, p. 31).

Ampliando a visão acerca do lugar dos *t-lovers*, Pelúcio (2007) afirma que os homens que procuram travestis desejam não apenas um pênis, mas também um tipo de feminino ligado a um padrão de passividade e dominação. Buscam, assim, um “superlativo de feminino” (PELÚCIO, 2007, p. 4), mas, concomitantemente, desejam uma relação entre iguais. Os *t-lovers* acreditam ser impossível obter esse tipo de relação com mulheres, isso devido a elas não saberem se relacionar sexualmente como um homem e não, pela falta do pênis.

Nossa trajetória em busca de interlocução com autores que focam seus interesses no entendimento/compreensão acerca do modo de ser dos homens parceiros afetivo-sexuais de transexuais, nos possibilita afirmar que há escassez de pesquisas acerca dessa prática sexual e que esses sujeitos clamam por ser compreendidos não só por profissionais como também no meio social e familiar. A ênfase nos aspectos patológicos aponta lacunas que podem ser preenchidas por pesquisas alicerçadas no paradigma qualitativo de pesquisa, o qual viabiliza dar voz a esses sujeitos de modo a serem compreendidos a partir de suas vivências afetivo-sexuais, matizadas de angústias, medos e estigmas por não se engendram no binômio do heteroerótico-homoerótico.

Dessa forma, trazemos, a seguir, estudos que colocam em questão alguns significados e sentidos atribuídos à construção social dos conceitos de “normalidade” e “patologia” nas práticas sexuais.

## **SOBRE A SEXUALIDADE: ENTRE O NORMAL E O PATOLÓGICO**

Passamos, agora, a apresentar uma reflexão sobre a sexualidade, propondo uma discussão a partir da perspectiva de Foucault e de outros autores que o abordam.

Para Foucault, durante a Revolução Burguesa, ocorrida no século XVIII, a norma é utilizada como um princípio de qualificação e de correção dos desvios, instituindo uma nova tecnologia de poder fundamentada na disciplina. Neste contexto, na segunda metade do século XIX, surge o discurso psiquiátrico contemporâneo, que abandona temas como delírios e alienação da realidade e volta-se para questões relativas a medir, classificar e disciplinar comportamentos, desvios e anormalidades. Ou seja, o discurso psiquiátrico ganha poder tornando-se referência do normativo (FOUCAULT, 1974; FOUCAULT, 1979).

Concomitantemente a esse processo de empoderamento da psiquiatria, surgem estudos sobre hereditariedade que acabam por sustentar a crença em uma determinação genética integral, inclusive no que tange à orientação sexual. O discurso psiquiátrico concentra-se em pesquisar, corrigir ou controlar os sujeitos que se desviam do desejo heterossexual tradicional e as perversões sexuais passam a ser definidas como doença, mesmo que não se abandone completamente a visão religiosa destas, que remeterá ao crime ou pecado (FOUCAULT, 1987).

Foucault (1993) discorre sobre uma criação de discursos científicos para abordar a sexualidade, que ele chama de *scientia sexualis*. Dessa forma, coloca em questionamento a hipótese repressiva sobre o sexo, não objetivando mostrar que ela é falsa, mas sim buscando compreender porque ela é colocada como centro dos discursos sobre sexo.

É necessário deixar bem claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado e mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão, e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir da qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso (FOUCAULT, 1993, p. 17).

E expõe ainda:

O século XIX e o nosso (século XX) foram, antes de qualquer coisa, a idade da multiplicação: uma dispersão de sexualidades, como um reforço de suas formas absurdas, uma implantação múltipla das “perversões”.

Nossa época foi iniciadora de heterogeneidades sexuais (FOUCAULT, 1993, p. 38).

Foucault (1993) chama de “dispositivo da sexualidade” alguns mecanismos complexos que suscitam incômodo nas relações interpessoais que abrangem questões ligadas a sexualidade. Ou seja, “dispositivos” seriam discursos que constituem um conjunto de elementos heterogêneos, presentes, por exemplo, na justificativa de uma prática, nas instituições, nas leis, nos enunciados científicos e nas conjecturas filosóficas, morais e filantrópicas. Desta forma, são concepções de momentos históricos específicos que surgem para responder a uma demanda urgente.

Esse autor elenca quatro “dispositivos” fundamentais para a prática do controle social sobre a sexualidade durante as épocas, que demonstram procedimentos claros de exercícios do poder. Estes “dispositivos” são a proibição das práticas sexuais, como: as sexualidades de lactentes e crianças, principalmente em prática como a masturbação; as sexualidades do não heterossexual e do fetichista; sexualidades que envolvem relações entre médico-paciente e pedagogo-aluno; e as sexualidades que habitam espaços definitivos como lar, escola e prisão (FOUCAULT, 1993).

Nesse sentido, Foucault (1993) fala sobre Freud e sua crítica à repressão sexual em sua importância e alcance, mas aponta que o sucesso e aceitação dessa teoria estavam ligados ao fato de estar dentro do dispositivo da sexualidade e não fora ou contra ele. Assim, a luta antirrepressiva e a revolução sexual são apenas um deslocamento estratégico no grande dispositivo da sexualidade sem romper com os discursos dominantes acerca da sexualidade.

Discursos que, para o autor, são decorrentes de um processo sócio-histórico-cultural e findam por manter o estigma da homossexualidade. Assim, ele traz que no século XVII e XVIII, a medicina e a pedagogia, baseadas na idéia de sexo com fins de reprodução, estimulam o medo de pessoas que seriam responsáveis por prejuízos causados por dispêndio sexual, comportamentos que causariam a morte ou até a destruição da raça. O autor também relata haver textos do século XIX onde se traça um perfil do homossexual: seus jeitos, posturas, formas e expressões do rosto, em uma descrição desqualificadora, referindo-se ao tema de uma inversão dos papéis sexuais naturais (FOUCAULT, 1998).

Já o psicanalista Mariguela (2008) se opõe a Foucault quanto à teoria de Freud. Esse autor acredita que ao fundar a psicanálise, Freud rompe com a psiquiatria de sua época e afirma não existir diferença qualitativa entre o normal e o patológico. Freud faz do conceito de normalidade uma ficção, pois mostra que as perversões integram o psiquismo humano. Assim, ultrapassa a idéia de sexualidade como genitalidade e abre possibilidade de outras

apresentações do sexual no psiquismo humano, tal como o amor pelos ideais, pelos líderes, pelos mestres.

Ainda segundo Mariguela (2008), o conhecimento da loucura questionado sob novas bases conceituais permitiu que Freud construísse um campo discursivo e como instaurador da discursividade torna-se o autor da psicanálise. Ao constatar o esforço histórico para manter as questões acerca da sexualidade como da ordem do impróprio e do recalque moral, Freud abriu uma nova possibilidade de interrogar a sexualidade para além do discurso biológico. Logo, o pensamento contemporâneo tem a possibilidade de rompimento com essas fronteiras biologicistas – estabelecidas pelo discurso neurológico e pela prática psiquiátrica – baseadas na dicotomia entre o normal e o patológico.

Para Spargo (2006), os psicanalistas procuravam desvendar os segredos sexuais de seus pacientes como forma de alcançar sua saúde mental e emocional. Foucault, no entanto, buscou compreender os modos pelos quais a psicanálise nos atrai para construir um saber sobre nossa sexualidade, sendo este um saber mais cultural do que natural e que contribuiria para manter as relações de poder.

A pesquisadora apresenta também algumas críticas existentes acerca da abordagem de Foucault, como o foco histórico eurocêntrico e a concentração na história da sexualidade masculina. Nem por isso sua contribuição é minimizada, já que sua abordagem possibilita uma visão diferente das relações entre sexo, sexualidade e poder. Devido à originalidade das ideias de Foucault, outros estudiosos revisaram, modificaram e até desafiaram amplamente sua teoria e, assim, acabaram por apresentar análises mais cautelosas sobre relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, sobre as categorias emergentes de identidade e a diferenciação da homossexualidade do século XIX. A autora chama a atenção para o fato de que a teoria de Foucault, como qualquer outra, foi possível e deve ser analisada de acordo com o contexto cultural no qual emergiu (SPARGO, 2006).

Miskolci (2003), dialogando com a teoria proposta por Foucault, considera que na sociedade burguesa, a família é o modelo de saúde e vida, uma união legítima amparada no consenso sobre a monogamia heterossexual. Nesse sentido, enfatizava a sexualidade infantil, a homossexualidade e a loucura como problemas que não deviam ser expulsos, mas classificados na tentativa de normalizá-los de alguma forma. Assim, a família se transformou em parâmetro de normalidade a partir do dispositivo de sexualidade e os pais e cônjuges tornaram-se agentes de tais dispositivos, sustentados pelos saberes médicos, pedagógicos e, posteriormente, psiquiátricos.

A homossexualidade é vista como uma ameaça à ordem desde sua invenção médico-

legal no fim do século XIX. Trata-se de uma prática sexual estigmatizada e encarada como um desvio da normalidade. A chamada “inversão sexual” é considerada uma múltipla ameaça já que subverte a ideia de sexo para a reprodução biológica, para a divisão tradicional de poder entre o homem e a mulher na família e na sociedade e, sobretudo, para a manutenção dos valores e da moralidade responsáveis por toda uma ordem e visão de mundo. Essas razões levaram os saberes psiquiátricos e as leis a colocarem o homossexual no grupo dos desviantes, ao lado da prostituta, do criminoso e do louco (MISKOLCI, 2007).

Na busca pela compreensão da visão psiquiátrica que se instituiu em uma lógica de identidade patologizada e estigmatizante da homossexualidade, Miskolci (2007) explicita:

A armadilha identitária estava pronta e saberes e práticas contribuíam para que uma criação psiquiátrica se tornasse uma identidade social reconhecível e eminentemente sexualizada, pois como bem observou Foucault: Nada daquilo que o homossexual é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade... Três grandes estigmas marcaram a identidade homossexual: sexualidade, loucura e crime. A partir desse triplo estigma foram aplicadas práticas sociais disciplinadoras como o internamento, a terapia e a prisão. Saberes e práticas se uniam em busca da “cura” ou reabilitação desses indivíduos. Dominava a percepção de que a homossexualidade era a prova visível de uma natureza sexual degenerada. Ainda que se criassem tratamentos ou formas de “reeducação”, prevalecia a crença de que aqueles indivíduos não tinham solução (MISKOLCI, 2007, p. 105).

Para Miskolci (2007), a sexualidade de gays e lésbicas rompe com a associação entre sexo e reprodução, e, como consequência, levanta-se a suspeita de que tal sexualidade não tem controle e, certamente, não é socialmente responsável. Infelizmente, faz parte do imaginário societário a crença de que esses sujeitos são pura sexualidade, o que os levaria, de uma forma ou de outra, à promiscuidade ou ao desenvolvimento de práticas ilícitas como a pedofilia. Ainda que tenham ocorrido avanços na percepção social sobre aqueles que se relacionam com parceiros/as do mesmo sexo, não há dúvida de que suas vidas amorosas ainda são vistas pela sociedade como reduzidas ao sexo e demandando controle.

Herdamos ideias e construções sociais de séculos passados a respeito da sexualidade que exercem em nós forte influência até hoje. Por isso, faz-se necessário o estudo histórico a fim de revisitá-las para compreender nossos costumes atuais e possibilitar uma postura crítica com relação a estes.

## OS DIFERENTES OLHARES SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO

Com o intuito de possibilitar a compreensão sobre as vivências de conjugalidade, família e preconceito relacionadas às diversidades sexuais, propomos, neste momento, um interdiálogo com os estudos da Psicologia, Sociologia e Antropologia na busca por refletir acerca dos conceitos de patriarcado, heteronormatividade e gênero bem como acerca das mudanças relativas a esses conceitos ocorridas na contemporaneidade.

No que se refere às experiências de criação e de educação, sempre houve grande distinção entre os gêneros – decorrente da combinação de conceitos da biologia reprodutiva e fatores sociais, incluindo posições de poder que compõem as experiências de relações de gênero (GILLIGAN, s/d).

A heteronormatividade, ou seja, a heterossexualidade como padrão de normalidade, se sustenta, fundamentalmente, nos discursos dominantes estabelecidos como naturais, que legitimam a autoridade ou mesmo a superioridade moral de algumas identidades sexuais e de gênero em detrimento de outras. Nos dizeres de Lima (2009), as regras da heteronormatividade são uma construção da própria sociedade, servindo para controlar e normatizar as condutas sexuais dos sujeitos, estruturando seus desejos, subjetividades e práticas sexuais de um único modo, estabelecidas como corretas e sadias.

Nesse sentido, o paradigma do patriarcado, que perdura há séculos, é um dos discursos mais resistentes em nossa sociedade. Singly (2000) se refere ao patriarcado e à naturalização dos papéis de gênero na família como a idéia de que os homens deveriam trabalhar para se consagrarem ao máximo no espaço social enquanto as mulheres deveriam ficar em casa para cuidar dos filhos e do marido a fim de garantir a felicidade destes no espaço privado. O autor cita, ainda, a estrutura tradicional de casamento como uma forma eficiente de assegurar a manutenção da família monogâmica, sob a imposição da lógica do amor romântico. Para Giddens (1993), o amor romântico se sustenta na hierarquia de gênero e influencia tanto homens quanto mulheres, porém, de modo diferente. Isso pode ser evidenciado quando homens profundamente influenciados pela lógica do amor romântico são marginalizados como sendo sonhadores e submetidos ao poder feminino. Os ideais de amor romântico, no entanto, tendem a se fragmentar sob a pressão da emancipação feminina e dos movimentos relacionados às diversidades sexuais.

Para Fávero (2010), estudiosa da Psicologia do Gênero, ainda vivemos no que chama de “patriarcado contemporâneo”. Sob uma nova roupagem, os antigos padrões de hierarquias e desigualdades entre os gêneros produzem e reproduzem formas de se relacionar baseadas na

dominação e expropriação das mulheres e do feminino. A autora aponta que tais padrões permeiam a mídia, como a televisão (em novelas e informes publicitários) e as instituições educacionais responsáveis pela mediação de valores que envolvem feminilidade e masculinidade, por exemplo.

A autora nos ensina também que, juntamente com esse patriarcado, o discurso de naturalização da maternidade, chamado de “o mito do amor materno” por Badinter (1985), contribui para a manutenção da heteronormatividade. Tal mito consiste no discurso de que a mulher é naturalmente dotada da habilidade e do desejo de ser mãe e cuidadora, zeladora dos laços familiares. A mulher que não se dedica à maternidade é condenada moralmente como não digna (FÁVERO, 2010).

Os estudos antropológicos vieram contribuir para o entendimento da família como uma construção social, abandonando a visão de que a instituição doméstica nos moldes da família monogâmica consiste em algo natural, fundamentado em conceitos biológicos de reprodução e aleitamento (BOURDIEU, 1996; ROMANELLI, 2003).

Bourdieu (1999) revela um enfoque biológico e determinista sobre as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, que prevaleceu durante quase um século. A identidade homossexual se reduziu essencialmente a uma categoria social patologizada e criminalizada apesar de seu abrangente leque de vivências. Concomitantemente, ainda que enredado nos termos que o depreciavam, um movimento social progressivamente organizado passou a demandar reconhecimento e aceitação. A existência e as ações simbólicas bem como os discursos e teorias produzidos pelo movimento gay e lésbico compõem certo número de questões que estão entre as mais importantes das ciências sociais. Esse movimento de questionamento acerca da violência simbólica dirigida às múltiplas formas de expressão da sexualidade, além de suscitar novos objetos de análise, põe em questão, de maneira bastante radical, os fundamentos da ordem sexual vigente e das condições de uma mobilização bem-sucedida visando a subvertê-la.

Observa-se casais homossexuais e transgêneros também em busca de constituir uma família nos moldes tradicionais, já que não possuem outro modelo. Não obstante, historicamente, a família vem se modificando como qualquer outra instituição. O que dificulta sobremaneira a substituição do modelo monogâmico de família por novas relações são as experiências infantis, muito profundas e mobilizadoras de intensa carga afetiva (DURHAM, 1983).

Assim, para que ocorra a desnaturalização do casamento, é preciso que haja a compreensão da forma como se desenvolve o sentimento de intimidade nas relações amorosas

conjugais. A conjugalidade seria como o compartilhamento da dimensão psicológica (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003). E é isso que torna a constituição de um casal fascinante e difícil – sua dinâmica de comportar ao mesmo tempo duas identidades individuais, dois desejos em uma única identidade conjugal, um desejo conjunto, um projeto de vida de casal na relação amorosa (FÉRES-CARNEIRO, 2005).

A conjugalidade se inscreve em relações e trajetórias sociais e de gênero. Logo, revela-se como a construção de uma unidade – o casal – a partir de duas personalidades em interação, com vistas a gratificações mútuas. De fato, o casal, enquanto uma unidade se percebe inundado por um forte vínculo afetivo e psicológico que se sustenta nas relações de escolha. Assim, a conjugalidade contribui para importantes esferas de produção de sentido existencial, como uma construção conjunta de ver o mundo e se vê enquanto sujeito, cumprindo aspecto importante da identidade social (TORRES, 2000).

Esta questão relativa à posição do sujeito quanto ao desejo afetivo-sexual, que participa da escolha de parcerias hetero ou homossexuais (MARRA, 2005), ocupa na relação familiar lugar cativo, já que valores e expectativas quanto a esta questão são nutridos desde cedo e participam ativamente da construção da orientação sexual. A aceitação e legitimação das escolhas, sejam elas quais forem, vão depender das possibilidades da família em conviver com valores e posicionamentos diversos, da flexibilidade para lidar com o novo, e, muitas vezes, com grandes preconceitos no convívio social (JACOBSON, 2007, p. 37).

Dessa forma, é de grande relevância a análise das transformações pelas quais a família está passando em nossa sociedade, já que a instituição família sempre esteve estreitamente ligada a formas muito rígidas de regulamentação sexual (FOUCAULT, 1993). Se a vida familiar normalmente implica alguma forma de controle da sexualidade, é fundamental reconhecer que nunca se restringe a esse aspecto, inversamente, a questão da sexualidade transborda a problemática da família e não é possível confundir integralmente as duas questões (DURHAM, 1983).

A consequência mais direta dessas transformações é a desconstrução, mesmo que parcial, da imagem “perversa” e “pouco humana” associada a lésbicas e gays, embora continuem a ser preponderantes as representações sociais que os definem como “máquinas sexuais”, cujas identidades seriam construídas, afirmadas e vivenciadas em torno do exercício permanente da sexualidade, especialmente no caso dos homens. Por meio da constituição de casais conjugais, cujos membros geralmente se autodefinem como uma família, os homossexuais passam a desvincular-se dessas representações sociais e reivindicam não mais apenas o direito à cidadania, em nível individual, mas, também, o direito à constituição de grupos familiares, integrando-se ao rol de sujeitos sociais portadores de demandas que, no mundo ocidental,

convencionalmente realizam-se por meio da constituição do casal conjugal e da socialização de crianças – filhos biológicos ou adotivos (MELLO, 2005, p. 200).

Do ponto de vista social, esse tema é muito polêmico, já que sobrevive no imaginário coletivo o modelo de família nuclear, constituída por pai, mãe e filhos, com modelos definidos de masculinidade e feminilidade (GOLDENBERG, 1999). O problema é que quando essa família é formada por um casal regido por novos padrões, constituídos de outras formas de desejo, existe um sentimento de desestruturação por parte da sociedade, que percebe a situação como uma desorganização dos padrões vigentes e, conseqüentemente, não aceita essas novas famílias (MELLO, 2005).

Para Giffin (2005), a partir da inclusão dos homens nos estudos de gêneros pode-se perceber que o patriarcado e outras posições sociais antagônicas assumidas pelos gêneros são uma construção conjunta de homens e mulheres, influenciados pelas instituições, ideologias e contexto histórico em que estão inseridos. Da mesma forma, a masculinidade hegemônica passa a ser compreendida como umas das formas de masculinidade. Desta perspectiva, a autora acredita que os estudos das relações de gênero precisam ir além das diferenças culturais entre gêneros e abarcar a política econômica atual, a dinâmica global de dominação de nações, classes sociais, entre outros.

Segundo Carrara (2009), atualmente, gênero pode ser entendido como uma hierarquia social que posiciona homem e mulher diferentemente na organização do mundo social, como família e trabalho, ou ainda, como uma linguagem utilizada para classificar objetos em masculinos e femininos em suas qualidades e atributos. Desse modo, a masculinidade está em um processo de crises contínuas desde o século XVIII, processo este caracterizado pelas ideias emergentes de igualdade entre homens e mulheres e a conseqüente quebra da hierarquia de gênero. Nos séculos seguintes, o movimento feminista e o movimento gay são responsáveis por mudanças ainda maiores em relação aos gêneros.

O feminismo é responsável pelo descolamento entre sexo anatômico e gênero a partir dos questionamentos das mulheres acerca das atividades ditas típicas do feminino ou masculino, o que torna possível a masculinidade ser incorporada por diferentes pessoas, como homens e mulheres heterossexuais ou homossexuais. E o movimento gay, por desvincular gênero da orientação sexual, autonomizando o gênero em relação ao corpo, sendo que as transexuais radicalizam na postura de cultura como determinante de um corpo, ou seja, um corpo maleável em performances de gênero (CARRARA, 2009).

Ainda para esse autor, a masculinidade ganha visibilidade e se torna objeto de reflexão

das ciências sociais e médicas, entre outras, após intensa discussão feminista e perda do poder masculino. Antes, a masculinidade englobava o feminino como efeito da superioridade decorrente da posição de poder; atualmente, com a igualdade entre os gêneros, o homem passa a ter que ocupar os espaços domésticos. Logo, revela-se a fragmentação da identidade masculina, primeiramente cindida entre um modelo de homem guerreiro, marcado pelos excessos sexuais, violência, enfrentamento da morte, desenraizamento e individualização, e do homem domesticado, voltado para a paternagem e para a família. E, agora, vista em conjunto com diferentes marcadores como idade, raça, classe social, identidade e orientação sexual, é possível analisar a fragmentação diante das diversas possibilidades de identidades masculinas (CARRARA, 2009).

Nesse mesmo sentido, Silva (2000) acredita que em decorrência dos estudos de gêneros masculinos, os homens começam a reivindicar um espaço social diferente. Em um processo de redefinição do corpo e condição masculina, o homem agora pode admitir sua fragilidade e até sensibilidade. É permitido às novas subjetividades masculinas ter características ditas femininas. Mas esse novo conjunto de características masculinas não consegue englobar ou descrever a multiplicidade de identidades masculinas contemporâneas, promovendo, a atual crise de identidade masculina.

Marrega e Bruns (2009) definem a masculinidade como uma experiência marcada por constantes exigências de virilidade que vai ter o feminino como parâmetro oposto e de comparação. Assim, esse padrão de masculinidade seria transmitido geracionalmente por um modelo de identidade masculina impregnada de comportamentos como o silêncio, a onipotência e o distanciamento afetivo. Para a autora, a desconstrução dessa complementaridade pelas mulheres propiciou ao homem a vivência de relações amorosas e familiares de forma mais satisfatória, permitindo-lhe a expressão de seus sonhos e sentimentos.

Para Welzer-Lang (2001), o processo de socialização masculina baseia-se na necessidade do homem não ser associado a uma mulher, chegando ao ponto em que o feminino se torna motivo de rejeição. A dominação masculina, entendida como algo natural, permite que os homens tenham vantagens sobre as mulheres, bem como, produz homofobia ao excluir e estigmatizar homens que não reproduzem a divisão entre homens e mulheres em grupos hierárquicos. Nas palavras do autor: “Eu propus que se definisse a homofobia como a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero” (WELZER-LANG, 2001, p. 462).

Segundo Goffman (2004), a sociedade, analisando características como naturais e comuns, estabelece formas de categorizar as pessoas. Assim, diante de um estranho, imediatamente o classificamos como um sujeito incluído ou menos desejável socialmente; ou seja, evidências de atributos que o diferencie da maioria o caracterizam como possuidor de um defeito, uma fraqueza ou uma desvantagem. É esse comportamento que gera um estigma – pré-concepções a partir de expectativas normativas.

Para Scott (1995), a palavra gênero surge nos estudos feministas como um protesto contra o determinismo biológico evidenciado na utilização de termos como "sexo" ou "diferencia sexual". Logo, gênero passa a ser entendido como construções culturais que determinam os papéis adequados para mulheres e homens, tornando-se uma palavra útil na medida em que representa uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

A autora problematiza, ainda, a constância das teorias sobre gênero dentro dos sistemas científicos sociais tradicionais e as explicações causais universais, e acredita que gênero deve ser compreendido como uma categoria analítica que busca propor enfoques alternativos. Assim, esclarece que o uso do termo “gênero” envolve um complexo sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo ou determinante da sexualidade (SCOTT, 1995).

Corroborando Scott (1995), Butler (2003) acredita que o corpo seria como um texto social construído, ou seja, a aparência de gênero dos corpos é adquirida por meio de reiterações contínuas das normas de gêneros, onde tais normas são interpretadas em atos que se renovam e se consolidam a todo tempo. Assim, essas reiterações das normas e conjunto de normas, ou performances de gênero, entendidas como naturais, seriam geradoras de estilos corporais e ficções sociais sedimentadas.

Dessa forma, a sexualidade tem um caráter discursivo e performativo, o que torna possível a produção de novas concepções sobre sexo e gênero. Isso porque a sociedade constrói “normas regulatórias” para materializar o sexo, procurando sempre reiterá-las e retificá-las na busca por reconhecimento das autoridades e, de tal forma, produzir seus efeitos (BUTLER, 2003). Com seu estudo sobre gênero, a autora é intitulada como precursora da Teoria Queer.

Discorrendo sobre essa teoria, Louro (2004, p. 7) nos ensina:

Queer é tudo isso: significa estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que

desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina.

Para a autora, a Teoria Queer tem como proposta a reflexão sobre a construção histórica das categorias de gênero e sexo em oposição aos paradigmas da heteronormatividade. Segundo a autora, a lógica dominante da heterossexualidade se institui e reitera-se na coerência e continuidade entre corpo/gênero/sexualidade, estabelecendo um padrão de “normalidade” a ser adotado, que vai produzir efeitos sociais de hierarquia, classificação, dominação e exclusão. Por meio da reflexão acerca de características como a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, a teoria queer propõe formas criativas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação, de maneira a possibilitar o surgimento de políticas públicas para o combate à homofobia, ao preconceito e à intolerância contra a população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais).

Paglia (2007) critica a posição de teóricos pós-estruturalistas, como Butler, Scott e alguns teóricos queer ao analisar a questão de gênero. A autora alega que, não havendo como negar a base biológica na constituição de identidades, o que há é uma incapacidade de compreender as múltiplas possibilidades que a natureza oferece. Para a autora, o masculino e o feminino existem, bem como a androgenia. Assim, as pessoas ao nascerem, quanto ao gênero sexual, não são uma “tábula rasa” ao qual a sociedade inscreve suas opressões. No entanto, a autora reconhece o abandono da dimensão cultural nos estudos acerca da sexualidade.

Para Spargo (2006) alguns textos queer possuem a tendência de apresentar gênero e identidade apenas negativamente, baseados numa compreensão reducionista de estruturas ou conceitos. Por exemplo, o deslocamento, em alguns estudos, do impasse construtivismo versus essencialismo para a compreensão de genocídio como único motivador do estudo genético. Ou ainda, a interpretação da performatividade como escolha de gênero (como a escolha de uma roupa no guarda-roupa), interpretação provavelmente decorrente do desejo de escapar do sistema binário de gênero e heterossexualidade, ou, do consumismo contemporâneo alicerçado no mito da livre escolha, ou ainda, devido à escrita difícil e opaca de Butler (2003) combinada com um desejo de respostas e propostas palpáveis.

E revela:

No âmbito da teoria queer, a crítica à naturalizada classificação binária de gênero foi ampliada em trabalhos sobre transexuais e transgêneros. Algumas análises concentram-se na construção do corpo na prática e no discurso médicos, enquanto outros exploram as possibilidades de diferentes configurações sexo-tecno-corporais na era da realidade virtual.

Alguns trabalhos nessa área parecem extraordinariamente utópicos. Mas, ao ampliarem a análise da construção de corpos sexualizados e dotados de gênero nas novas configurações de tecnologia, saber e poder, tais trabalhos oferecem um contraponto à tendência de concentrar-se em representações literárias ou ficcionais de muitas análises queer (SPARGO 2006, p. 54).

O fato é que a fixação existente entre os pólos masculinos e femininos encobre a complexidade do processo de construção da Identidade de Gênero, assim como a existência das chamadas “minorias” sexuais, entre eles, os transgêneros (PINTO, 2008).

Para Macedo (2007), estudiosa da terapia familiar sistêmica, gênero é uma categoria relacional que envolve um conjunto de práticas, valores, símbolos, representações e normas que a sociedade elabora a partir das diferenças sexuais, ou seja, não são categorias isoladas, mas categorias sociais e históricas, cuja compreensão é possível apenas a partir da relação com o outro. Nesse sentido, para entender os estereótipos de gênero que influenciam o modo como os casais se relacionam, é necessária a compreensão de aspectos hierárquicos e complementares que paradoxalmente se combinam em dinâmicas psicológicas que mantêm a desigualdade entre os gêneros.

Em geral, as teorias psicológicas têm insistido na importância da congruência entre orientação afetivo-sexual, comportamento e identidade sexual para que haja uma integração do sujeito e evitar tensões psicológicas no que diz respeito às identidades LGBT. Essa posição acaba por manter uma visão linear da experiência sexual, desde a atração, a atividade e a identificação sexual. É necessária uma ampliação dessa visão atual, evidenciando a multiplicidade e variabilidade das experiências individuais acerca das vivências de gênero e sexual (FÁVERO, 2010).

A trajetória em busca de diferentes olhares para o fenômeno “*Como são as vivências afetivo-sexuais de homens parceiros de transexuais?*” nos levou a considerar a existência de espaços para todos os diferentes tipos de vivências no mundo e reforçou nossa escolha por compreender esse fenômeno pela perspectiva fenomenológica MerleauPontyana, a qual será detalhada no Capítulo 2, a seguir.

## CAPÍTULO 2

### A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA MERLEAUPONTYANA

A escolha da fenomenologia do filósofo francês Merleau-Ponty, aqui também representado por estudiosos seus seguidores, como perspectiva de análise dos relatos que constituem esta pesquisa decorreu de nossa afinidade com sua compreensão do existir humano a partir de uma visão mundana da encarnação corporal e de intersubjetividade – integrando o homem em suas dimensões biológicas, psicológicas, políticas, sociológicas, culturais e históricas, entre outras.

Merleau-Ponty fundamenta a perspectiva fenomenológica no campo ontológico-existencialista e, assim, entende que:

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 01).

Para a fenomenologia, se nos propomos a compreender um fenômeno, devemos considerá-lo em sua facticidade antes de qualquer reflexão e não submetê-lo a “leis universais” criadas anteriormente à experiência. Isso porque qualquer reflexão já dispõe de um olhar parcial e limitado constituindo um campo transcendental que se torna mais limitado quando se inicia com ideias pré-concebidas.

Nesse sentido, Merleau-Ponty (2006, p. 96) diz: “A fenomenologia é uma fenomenologia, quer dizer, estuda a aparição do ser para a consciência, em lugar de supor sua possibilidade previamente dada”. Dessa maneira, o desvelar do mundo pela fenomenologia assenta-se sobre a própria fenomenologia e, por isso, produz a sensação de estar-se em um início constante ou de experimentar-se uma incompletude; trata-se de uma característica inevitável em sua tarefa de revelação da razão e do mundo, o que não significa a impossibilidade de se alcançar sua finalidade.

A fenomenologia possibilita uma transposição da dicotomia entre o mundo natural e o mundo cultural dando prioridade para a busca do significado do *mundo vivido* ou *lebenswelt*. Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 18): “A aquisição mais importante da fenomenologia foi sem dúvida ter unido o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção do mundo ou da racionalidade”. Assim:

O mundo não é um objeto do qual possuo em meu íntimo a lei da constituição. Ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explicitadas. A verdade não “habita” somente o “homem interior”, ou mais precisamente, não há homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 08).

Na visão de Moreira, V. (2004), Merleau-Ponty transcende a perspectiva dualista que divide o homem em interior e exterior, negando o idealismo transcendental e afastando o mundo de sua opacidade. O subjetivo deixa de ser entendido como mundo interior, ou introspecção, já que é na intersubjetividade que nos conhecemos.

Entendemos, dessa forma, que o modo de estabelecermos a interação com o mundo e com outros sujeitos é por meio do corpo, num processo de produção de significados e sentidos. A minha presença no mundo se torna irrefutável a partir da existência corporal, independentemente do meu desejo de existir, visto que a existência se realiza no corpo. No entanto, nos dizeres de Merleau-Ponty (2006, p. 229): “A existência corporal que crepita através de mim sem minha cumplicidade é apenas o esboço de uma verdadeira presença no mundo”. Isso porque o corpo é a potência que temos para expressar nossa existência, não algo que consiga materializá-la completamente. A existência corporal é um ato em si, mas nunca repousa em si mesma.

Corroborando o exposto acerca da fenomenologia, Reis (2010), afirma que a percepção de existência se dá a partir do corpo; assim, marcas, memórias, sensações, abstratas ou não, enfim, todas as experiências foram registradas no corpo ao longo da trajetória do sujeito: “O corpo é o ato em si, existe na sua totalidade com o mundo. Desse modo ele é a convergência de toda a temporalidade existencial, que congrega e materializa para o ser a sua existência enquanto ser-no-mundo” (REIS, 2010, p. 25).

A autora aponta, ainda, que a compreensão da maneira como o corpo habita o mundo está intrinsecamente ligada ao tempo e espaço, já que são esses aspectos que delimitam o corpo e seu movimento pelo mundo, bem como situam o homem como ser-no-mundo. Logo, a consciência acontece mediante a percepção do sensível, ou seja, na apreensão do que foi percebido em nossa intencionalidade frente ao mundo (REIS, 2010).

Assim, o mundo pensado de forma fenomenológica não é constituído do sujeito em si, mas do sentido gerado no encontro do sujeito com suas vivências, no encontro de suas vivências com as vivências de outros e no emaranhamento de todas essas vivências – entendendo-se que subjetividade e intersubjetividade são intrinsecamente relacionadas. Nesse campo da experiência e desvelamento do mundo, sujeitos e objetos bem como homem e mundo se fundem e a percepção deixa de ser entendida como um ato psíquico.

Sobre essa questão da percepção, Campos e Coelho Jr. (2002, p. 18) concluem:

A percepção é uma experiência motivada e pré-pessoal, descrita por Merleau-Ponty como *comunhão* ou *coexistência*. Não é o sujeito que cria o mundo ou o objeto que se inscreve no ser. Eu e mundo, sujeito e objeto, atualizam-se e articulam-se em um campo de experiências para além da perspectiva dicotômica. Daí o termo *comunhão* ou *coexistência*: ser e mundo estão mutuamente implicados em uma dinâmica de reconhecimento e reencontro, determina da não por um ou por outro, mas pelos dois em sua relação. Tem-se, portanto, um imbricamento entre sujeito e objeto aquém da diferenciação clássica que se instaura no campo da consciência reflexiva. O ser é, antes de tudo, um ser-no-mundo, e não pode ser pensado fora dessa configuração. Toda essa argumentação é derivada de um conceito-chave na fenomenologia: a intencionalidade.

Campos e Coelho Jr.(2002) expõem que o reconhecimento do mundo é garantido pela intencionalidade do ato perceptivo, sendo o corpo, chamado de corpo fenomenal, o lugar em que ocorre a experiência pré-reflexiva do ato perceptivo sobre os fenômenos. Assim, esses autores expõem que, para Merleau-Ponty, a espacialidade é, justamente, a intencionalidade do ato perceptivo expresso através do corpo fenomenal conformando nosso meio existencial: “Sentido, espacialidade e esquema corporal convergem para o princípio ontológico do ser-no-mundo. A espacialidade é imanente, é um estar com as coisas e com os outros por meio desse diálogo antepredicativo que é a percepção” (CAMPOS; COELHO JR, 2002, p. 18).

Nesse mesmo sentido, Dentz (2009) analisa:

Merleau-Ponty compreende que não é porque *há espaço*, objetivo, que meu corpo se movimenta, mas porque me inscrevo em um *meio-humano* (o verdadeiro espaço) é que há espaço. Assim, não tenho um corpo movendo-se no espaço, mas é meu próprio corpo, enquanto histórico, isto é, enquanto vivido e vivendo nas relações que o afetaram e o afetam, que me faz aderir espacialmente ao mundo e que me ensina comportar-me motoramente. Isto é, não sou um aparelho ou uma máquina que se movimenta por si em um espaço, mas uma *motricidade*, portanto, uma espacialização graças à dialética dinâmica, alimentada nas relações inter-humanas (DENTZ, 2009, p. 31).

Segundo Merleau-Ponty (2006), o ser-no-mundo não é determinado apenas pela espacialidade, já que também é temporal. Assim, aponta a impossibilidade de dicotomizar

tempo e espaço, manifestos em seus correspondentes ontológicos ser e estar – configurações elementares da existência.

Sobre a questão do tempo para Merleau-Ponty, Augras (1981, p. 27) considera: “O tempo surge então não como dimensão do mundo, mas como orientação significativa do ser”. Assim, o tempo do sujeito é estabelecido pelo tempo social, constituído por meio da função mítica dos ritos e da tradição bem como pelo tempo biológico; é um processo orientado num único sentido para todas as espécies. Pode-se dizer, então, que o mundo humano é o mundo da coexistência, que de acordo com a fenomenologia existencial não se fundamenta a partir da oposição ou complementariedade, mas sim da somatória sujeito e objeto (AUGRAS, 1981).

Essa autora entende, ainda, que a interação desvela a compreensão do mundo por meio da função de mediação entre o eu e o outro, tecendo entre os homens áreas de movimentação, como aproximação e afastamento, organizando o mundo no espaço da coexistência, que tem suas dimensões instituídas a partir das extensões do corpo (AUGRAS, 1981). Assim, a intencionalidade do sujeito é sempre comunicativa ao se expressar, já que ao expressar-se sugere uma compreensão da coexistência – “a fala enuncia o encontro” (AUGRAS, 1981; p. 82).

Para Merleau-Ponty (2006), o mundo linguístico e intersubjetivo já é inerente à condição humana e, assim, sempre refletimos a partir de um mundo constituído pelo falado e pelo falante. O autor refere-se à fala falada, a exposição de significados já dados ou conquistados e à fala falante, que produz novos significados. Entende-se que a fala é um gesto e a significação da fala é um mundo. Conforme explicita:

A fala é um verdadeiro gesto e contém seu sentido, assim como o gesto contém o seu. É isso que torna possível a comunicação. Para que eu compreenda as falas do outro, evidentemente é preciso que seu vocabulário e sua sintaxe “já sejam conhecidos” por mim. Mas isso não significa que as falas agem suscitando em mim “representações” que lhes seriam associadas e cuja reunião terminaria por reproduzir em mim a “representação” original daquele que fala. Não é com “representações” ou com um pensamento que em primeiro lugar eu comunico, mas com um sujeito falante, com um certo estilo de ser e com o “mundo” que ele visa (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 249).

Nesse sentido, Furlan (2008) afirma que por sermos uma comunidade falante, a singularidade do pensamento se apóia na rede da fala, que acontece em nossos encontros com os outros, tornando praticamente impossível determinar os limites entre o meu pensamento e o dos outros. A realização do pensamento sempre ocorre na parceria ao mesmo tempo em que é uma experiência individual. Segundo a fenomenologia, a maneira como primeiramente se

estabelece uma reflexão é por meio da comunicação com o mundo – a base dos conhecimentos juntamente com seus postulados.

Dessa forma, é a partir da perspectiva merleau-pontyana que buscamos compreender o sentido vida para os homens parceiros de transexuais, por meio da fala que os possibilita expressar o pensamento inédito de forma a ultrapassar a fala corriqueira que é mantida pelo não dito.

## **A SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA MERLEAUPONTYANA**

Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 232): “A sexualidade não é nem transcendida na vida humana, nem figurada em seu centro por representações inconscientes. Ela está constantemente presente ali, como uma atmosfera”.

Merleau-Ponty (2006) afirma que a percepção erótica não ocorre na consciência, mas no mundo, ou seja, se dá por meio de um corpo que se dirige a outro corpo. Para o autor:

Um espetáculo tem pra mim uma significação sexual não quando me represento, mesmo confusamente, sua relação possível aos órgãos sexuais ou aos estados de prazer, mas quando ele existe para meu corpo, para essa potência sempre prestes a armar os estímulos dados em uma situação erótica, e a ajustar a ela uma conduta sexual. Ao mesmo tempo, nós redescobrimos a vida sexual como uma intencionalidade original e as raízes vitais da percepção, da motricidade e da representação, fazendo todos esses “processos” repousarem em um “arco intencional” que inflite no doente e que, no normal, dá à experiência o seu grau de vitalidade e fecundidade. Há uma “compreensão” erótica que não é da ordem do entendimento, já que o entendimento compreende percebendo uma experiência sob uma idéia, enquanto o desejo compreende cegamente, ligando um corpo a um corpo (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 217).

E explicita, ainda, que: “(...) um corpo não é percebido apenas como um objeto qualquer, essa percepção objetiva é habitada por uma percepção mais secreta: o corpo visual é subentendido por um esquema sexual, estritamente individual” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 216).

Segundo Augras (1981), sob a ótica existencial, a atividade sexual é fundamentalmente encontro e comunicação e não uma descarga de energia ou realização de desejos. Pode-se dizer, no entanto, que contemporaneamente a sexualidade tem se tornado a questão mais enfatizada no que tange aos problemas da integração da unidade corpórea.

Nesse sentido, Bruns (2008), adotando a perspectiva merleau-pontyana, considera que a sexualidade é a dimensão mais abrangente do existir humano, pois nos lança à gênese do existir, dos instintos, da transcendência de distintas experiências, já que somos o nosso corpo

e nele habita nossa energia vital. Ou seja, a materialização do ser-no-mundo se dá por meio do corpo. Assim, ao nascer, o homem enquanto sujeito sexuado conhece um mundo-vida já construído, o que o situa como um ser histórico, social, político e cultural (BRUNS, 2011).

Nos dizeres de Merleau-Ponty (2006, p. 219):

É a sexualidade que faz com que o homem tenha uma história. Se a história sexual do homem oferece a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem projeta-se sua maneira de ser a respeito do mundo, quer dizer, a respeito do tempo e a respeito dos outros homens.

Ainda na visão merleau-pontyana, Bruns (2007a) afirma que a comunidade antecede a biografia do ser, que tem sua existência submetida a locais de trocas significativas e consequente apropriação intersubjetiva. Logo, é na infância, primeiramente por meio das experiências em relações intrafamiliares e depois pelas relações extrafamiliares, que é construída a subjetividade, abalizadas por preconceitos e estigmas e/ou altruísmo e princípios solidários. As primeiras cenas da história afetivo-sexual de cada ser formarão o *lebenswelt* pela ação/socialização; ou seja, é na maneira de ser do sujeito que estão inscritas a forma que ele irá se expressar afetivamente e como irá estabelecer as relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo ao longo da sua existência. Assim:

Na história sexual concebida como a elaboração de uma forma geral de vida podem introduzir-se todos os motivos psicológicos, porque não há mais interferência de duas causalidades e porque a vida genital está engrenada na vida total do sujeito. E não se trata tanto de saber se a vida humana repousa ou não na sexualidade, mas de saber o que se entende por sexualidade. (...) Na primeira hipótese, a existência seria uma abstração, um outro nome para designar a vida sexual, mas não há sentido dizer que nossa existência inteira se compreende pela vida sexual (...) A vida sexual seria então apenas uma parte de nossa existência, mas vida sexual não é um simples reflexo da existência. Por que a sexualidade não é apenas um signo, mas ainda sim um signo privilegiado (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 219-220).

Segundo Vieira e Furlan (2011), também fundamentados na visão merleau-pontyana, a sexualidade seria uma das formas possíveis de expressão no mundo, pertencendo a um nível de compreensão que não se encontra na consciência, mas sim como parte das funções corporais básicas.

Para esses autores, a sexualidade é comparável à fala em sua forma encarnada de nos inserir na relação com o mundo, ou seja, em sua forma de nos posicionar em um espaço de maneira corpórea. Assim, esses autores consideram que a sexualidade e a fala são funções inerentes ao ato perceptivo. De tal modo, a sexualidade nos insere no mundo das “intersubjetividades” e das “significações eróticas”, o que nos instiga a continuar esse estudo

e compreender o fenômeno: “*Como são as vivências afetivo-sexuais de homens parceiros de transexuais?*”.

Destacamos, a seguir, a trajetória metodológica empregada para acessar o relato de nossos colaboradores.

### CAPÍTULO 3

#### PESQUISA QUALITATIVA NA MODALIDADE FENOMENOLÓGICA

Para que possamos caminhar em direção à compreensão do fenômeno “*Como são as vivências afetivo-sexuais de homens parceiros de transexuais?*”, elegemos a metodologia de pesquisa qualitativa fenomenológica porque esta compreende o homem – seu objeto de estudo – em sua complexidade (BRUNS, 2007).

Conforme Andrade e Holanda (2010), podemos dizer que as ciências humanas sofreram significativo progresso a partir da pesquisa qualitativa, isso porque pode acessar sentidos que o modelo quantitativo não alcançava. Assim, a pesquisa qualitativa é capaz de constituir “o espaço da interlocução com o humano, o espaço de busca dos significados que estão subjacentes ao dado objetivo, o espaço de reconstrução de uma idéia mais abrangente do que é empírico, um espaço de construção de novos paradigmas para as ciências humanas e sociais” (HOLANDA, 2002, p. 156).

A pesquisa qualitativa concebe para a ciência a possibilidade de retomada dos processos de subjetivação. A partir de uma nova forma de entendimento sobre os modos de pesquisa onde a realidade é subjetiva, a pesquisa qualitativa com a proposta fenomenológica constitui uma excepcional perspectiva de olhar no sentido da descoberta e desvelamento sobre os fenômenos humanos (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

O método fenomenológico parece atender exatamente a nossos requisitos, que postulam de um lado, o reconhecimento da intersubjetividade, e do outro, os meios de elaborar uma compreensão objetiva. Nas palavras de Merleau-Ponty a mais importante aquisição da fenomenologia é sem dúvida, de ter associado o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em seu conceito do mundo e da racionalidade. O mundo fenomenológico não é o ser puro, mas sim o significado que transparece na interseção de minhas experiências e das experiências alheias, pela engrenagem de umas com as outras, e portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que chegam a unidade pela retomada das minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência alheia a minha (AUGRAS, 1981, p. 15).

Na pesquisa fenomenológica, três elementos fundamentais precisam ser considerados. O primeiro é a *redução fenomenológica*, que permite a abstenção de juízos morais e de conhecimentos prévios sobre o fenômeno pesquisado, a intersubjetividade da relação que se estabelece entre pesquisador e colaborador, seus conteúdos e vínculos estabelecidos nessa

relação e o retorno ao vivido pelos colaboradores por meio do seu relato (HOLANDA, 2007).

Para Merleau-Ponty (2006), a redução fenomenológica nos proporciona o desvelar de nossos preconceitos estabelecidos e não conscientes, sem negar sua existência. Nesse sentido, Forghieri (1993) nos diz:

A redução fenomenológica consiste em retomar ao mundo da vida, tal qual aparece antes de qualquer alteração produzida por sistemas filosóficos, teorias científicas ou preconceitos do sujeito, retornar à experiência vivida e sobre ela fazer uma profunda reflexão que permita chegar à essência do conhecimento, ou ao modo como esse se constitui no próprio existir humano (FORGHIERI, 1993, p. 59).

Assumir uma postura de colocar em “suspensão de juízo de valores” o *conhecimento a priori* acerca do fenômeno que pretende investigar possibilita ao pesquisador a superação do impasse existente entre subjetividade e objetividade.

Dessa maneira, ao conduzir o processo de análise do fenômeno fundamentado no paradigma fenomenológico, o pesquisador não adota uma postura de neutralidade, mas sim de intencionalidade em relação ao fenômeno, uma vez que é a nossa consciência que atribui sentido e significado ao mundo (BRUNS, 2007).

É essa ideia de enraizamento do homem no mundo que justifica a necessidade de utilização da redução fenomenológica como modo de o pesquisador alcançar níveis profundos da estrutura do fenômeno estudado. Essa mundaneidade intrínseca do homem impossibilita que a familiaridade com o mundo seja totalmente desfeita e a prática da redução fenomenológica seja sempre incompleta (MOREIRA, V., 2004).

De acordo com AmatuZZi (2007), a entrevista fenomenológica deve ser dialética e mobilizadora, já que tem como objetivo “surpreender o vivido no presente”, quando a experiência da pessoa é pensada de repente e dita como que pela primeira vez.

As entrevistas com os colaboradores foram guiadas por uma questão norteadora, numa linguagem comum à compreensão do fenômeno, já que o principal objetivo é o registro “subjetivo” de como o sujeito enxerga a própria vida e não a busca de informações ou evidências. Sendo assim, também foi utilizada a estratégia das Histórias de Vida, as quais “buscam a visão da pessoa acerca de suas experiências subjetivas de certas situações. Essas situações estão inseridas em algum período de tempo de interesse ou se referem a um evento ou série de eventos que possam ter tido algum efeito sobre o respondente” (MOREIRA, D. A., 2002, p. 55).

A história oral de vida visa à construção de um documento que registra a experiência vivida ou o relato de um indivíduo ou de vários indivíduos, ou seja, é o relato de um narrador

sobre sua existência através do tempo.

A preocupação do entrevistador é a escuta cuidadosa que deve residir na gravação do desvelar da história da experiência dos sujeitos, documentando os vários momentos que marcaram as suas vidas, tal como eles os veem. O documento central neste estudo não é a fita de gravação, mas sim a sua transcrição (MOREIRA, D. A., 2002).

Dessa forma, os acontecimentos vivenciados puderam ser relatados e as experiências e valores transmitidos. É importante mencionar que cabe ao pesquisador desvelar as relações que os colaboradores constroem com pessoas de seu grupo pessoal, profissional, social e com a sociedade, através das narrativas de suas histórias de vida. Portanto, o relato de vida oral nos auxiliou a buscar, a partir da perspectiva dos parceiros dos transexuais, a compreensão de sua vivência nesse relacionamento afetivo-sexual.

A escolha por chamar os sujeitos de *colaboradores* reside na compreensão de que a pesquisa fenomenológica conta com sujeitos que tratam do tema *com* o pesquisador, já que ninguém mais pode conhecer tanto sobre sua vivência quanto o próprio sujeito, o qual, relatando-a, está *colaborando* com o pesquisador para o entendimento do fenômeno investigado. Enfim, trata-se de uma troca transformadora entre pesquisador e colaborador, em que o pesquisador busca aprender com o sujeito, que vivenciou ou vivencia uma experiência, a qual pretende ampliar seus conhecimentos (AMATUZZI, 2007; MOREIRA, V., 2004).

## **ACESSO AOS COLABORADORES**

Primeiramente, o Projeto de Pesquisa foi submetido ao e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da FAMERP (ANEXO A), com o compromisso de que as identidades dos colaboradores e as informações oferecidas à entrevistadora serão mantidas em sigilo, não sendo reveladas em nenhum momento da entrevista ou análise dos dados, na dissertação ou em qualquer outra produção decorrente do estudo. Em seguida, após acesso aos prontuários de transexuais que foram atendidas por uma equipe cirúrgica de Adequação Sexual em um Hospital no interior do Estado de São Paulo, os colaboradores em potencial foram contatados por telefone. Apenas dois dos doze convidados aceitaram dar entrevistas. Devido à dificuldade e à recusa da maioria dos parceiros em participar da pesquisa buscamos outras formas de acesso às transexuais. Por meio do contato com um grupo de apoio psicológico e social de uma Universidade no Interior do Estado de São Paulo, conseguimos contatar quatro parceiros de transexuais, sendo que somente um se disponibilizou a dar

entrevista. Após contatos mal sucedidos com instituições de outras cidades, uma transexual do interior do Estado de Minas Gerais, que tomou conhecimento da pesquisa por meio de professores da universidade pública em que estuda, buscou espontaneamente a pesquisadora para obter informações sobre o seu interesse e comunicar a disponibilidade de seu ex-companheiro e de um amigo dele, que também mantém um relacionamento afetivo-sexual com uma transexual, para participar da pesquisa.

Ao todo, foram contatos dezoito homens parceiros de transexuais, dos quais apenas cinco aceitaram participar da pesquisa. É interessante mencionar que os cinco colaboradores são parceiros de transexuais que não passaram por cirurgia de redesignação sexual e que os treze homens que não aceitaram participar da pesquisa eram parceiros de transexuais já cirurgiadas.

Uma vez aceito o convite, foi solicitado que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Pós-Esclarecido (ANEXO C) e respondessem ao questionário de Critério de Classificação Econômica no Brasil, da ABEP/2003 (ANEXO D), a fim de podermos delinear o perfil de nossos colaboradores. Nesse momento, o colaborador foi convidado a fornecer as seguintes informações: nome, idade no momento da entrevista, religião, grau de escolaridade, profissão, estado civil, número de filhos e nível socioeconômico.

Após o colaborador responder às questões acima, convidamo-lo a realizar a entrevista compreensiva, a qual, pela perspectiva fenomenológica, consiste num diálogo iniciado por uma questão norteadora, no caso desta pesquisa: *“Fale para mim acerca de seus relacionamentos afetivo-sexuais no decorrer de sua vida”*. A questão norteadora deve ser apresentada e/ou repetida de várias maneiras, em nosso caso, tal como: *“Fale acerca de seus relacionamentos afetivos e sexuais que você teve durante sua adolescência, fase adulta e o atual momento”*, de modo a esclarecer dúvidas do colaborador, assim, atendendo aos critérios sugeridos por Rezende (1994), que nos ensina sobre a necessidade de o relato contemplar as seguintes características.

Segundo o autor, o relato, primeiramente, deve ser *significante*, ou seja, deve buscar abranger ao máximo a riqueza dos sentidos que envolvem o existir humano, enumerando todos e somente os aspectos indispensáveis para que possamos dizer *“que fenômeno é este”*.

Deve, igualmente, ser *pertinente*; ou seja, o relato não deve omitir nenhum dos aspectos que integram a estrutura significativa do fenômeno. A descrição deve mostrar o fenômeno em sua articulação de sentidos, explicitando a significância do fenômeno que interessa desvelar, e não de outro fenômeno.

Outra característica a se observar é que seja *relevante*. Deve-se buscar a concretude do

fenômeno interrogado, ou seja, sua presença no mundo.

Deve, também, ser *referente*; isto é, necessita haver uma inter-relação dos elementos que constituem o fenômeno, ou seja, sua contextualização no mundo, no tempo e no espaço.

Deve, além disso, ser *provocante*, não se contentar em dizer de que maneira estão sendo dadas as respostas, mas de que outras maneiras elas poderiam ou deveriam ser dadas.

Por fim, mas não menos importante, deve ser *suficiente*, importa dizer e redizer, sem que se tenha nunca a impressão de que tudo foi dito.

De posse dos relatos desses colaboradores, contemplando os critérios de Rezende (1994), submetemo-los à etapa seguinte da análise fenomenológica, a qual Amatuzzi (2007) propõe seja constituída de quatro momentos.

O *primeiro*, **leitura e releitura dos relatos**. Momento no qual, com o consentimento dos colaboradores, esses relatos serão gravados e transcritos na íntegra.

Desta forma, se realizou uma leitura ampla de cada um dos relatos, ou seja, do princípio ao fim, com o intuito de apreender o sentido geral do fenômeno que está sendo indagado, para ir-se em busca dos significados a ele atribuídos pelos colaboradores.

No *segundo* momento, retomamos a releitura dos relatos, buscando **evidenciar ou discriminar as “unidades de significados”**. Estas não se encontram identificadas, mas apreendidas e construídas pelo pesquisador, imbuído da postura da suspensão fenomenológica, no decorrer do processo de análise.

É nesse momento que o pesquisador “suspende” a maneira comum de ver o fenômeno, postura que lhe possibilita reconhecer momentos pertinentes e significativos do fenômeno sendo indagado, distanciando-se o máximo possível de seus juízos, preconceitos e ideias, reduzindo, dessa forma, interferência em sua apreensão.

O *terceiro* momento, após a definição das unidades de significados, é o **agrupamento por temas ou categorias que expressam o *insight* psicológico nelas contido**. Esse trabalho se dá por meio de reflexão e do recurso de variação imaginativa, que consiste em refletir sobre partes da experiência que parecem possuir significados cognitivos, afetivos e conativos.

E, por fim, o *quarto* momento, no qual pesquisador **integra o *insight* contido em todas as unidades de significados, buscando identificar suas convergências e divergências e sua compreensão bem elaborar uma síntese descritiva da estrutura do fenômeno indagado**.

Após a elaboração da síntese descritiva, os relatos foram submetidos à compreensão/interpretação da perspectiva merleau-pontyana e de seus seguidores a partir da situacionalidade histórico-sócio-cultural do mundo vivido de homens parceiros de transexuais.

## NOS HORIZONTES DA COMPREENSÃO/INTERPRETAÇÃO DO MUNDO VIVIDO DE PARCEIROS DE TRANSEXUAIS

Passamos a apresentar (Quadro 1) uma síntese do perfil dos cinco colaboradores no momento da entrevista.

**Quadro 1 – Perfil dos Colaboradores.**

Colaborador	1	2	3	4	5
<b>Data da entrevista</b>	05.09.08	09.01.10	02.04.10	02.05.10	18.09.10
<b>Nome</b>	Juliano	Paulo	José	André	Miguel
<b>Idade</b>	35	28	30	26	28
<b>Religião</b>	Católico	Não tem	Espirita	Não tem	Não tem
<b>Grau de Escolaridade</b>	Ensino Fund. Incompleto	Ensino Médio Completo	Ensino Médio Completo	Ensino Médio Completo	Ensino Superior Incompleto
<b>Profissão</b>	Caldeireiro	Auxiliar de Motorista	Conferente-Medicam.	Pintor de Automóvel	Mecânico Industrial
<b>Estado Civil</b>	União Estável	Solteiro	União Estável	Solteiro	Divorciado
<b>Filhos</b>	Não	Não	Não	Não	Sim
<b>Nível Socio-Econômico*</b>	D	C	C	C	D

\* Dados baseados no Levantamento Socioeconômico – 2000 – IBOPE (ABEP, 2003) – ANEXO D

Conforme consta no Quadro 1, as entrevistas ocorreram no período de setembro de 2008 a setembro de 2010. As idades dos colaboradores, no momento da entrevista, variavam de 26 a 35 anos. Dos cinco colaboradores, apenas dois declararam ter uma religião. O grau de instrução que prevaleceu entre os colaboradores foi *ensino médio* – três entrevistados, tendo

os dois outros ensino fundamental incompleto e ensino superior incompleto.

As profissões eram bem diversas: caldeireiro, auxiliar de motorista, conferente de medicamentos, pintor de automóveis e mecânico industrial.

Quanto ao estado civil, dois colaboradores se disseram solteiros e dois tinham união estável. Apenas um era divorciado, sendo o único a ter filhos – uma menina. Já o nível socioeconômico familiar variou entre as classes C e D.

Para preservar as identidades dos nossos colaboradores, de suas parceiras transexuais e de pessoas por eles citadas, informamos que todos os nomes aqui citados são codinomes escolhidos aleatoriamente.

## **ELEIÇÃO DAS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS**

A seguir, apresentamos as sete **categorias emergidas nos relatos (em negrito)** e suas subcategorias (sublinhadas), recursos gráficos utilizados para facilitar sua identificação.

### **Categoria 1 – Nos horizontes da família**

Esta categoria aborda como os colaboradores relatam suas vivências com sua família de origem e os conflitos com os membros dessa família decorrentes de seu relacionamento afetivo-sexual com uma transexual. As unidades de significado que compõem esta categoria foram encontradas nos relatos dos Colaboradores 1, 2, 3, 4,5.

### **Categoria 2 – Vivências heteroafetivas-sexuais**

Esta categoria aborda como os colaboradores vivenciaram relacionamentos afetivo-sexuais heterossexuais antes de se envolverem com a atual parceira transexual bem como a importância destes relacionamentos para sua constituição atual de homem e parceiro, suas dificuldades e conflitos. As unidades de significado que compõem esta categoria emergiram nos relatos dos Colaboradores 1, 2, 3, 4, 5.

### **Categoria 3 – Vivências homoafetivas-sexuais**

Esta categoria aborda como os colaboradores vivenciaram relacionamentos afetivo-sexuais homossexuais antes de se envolverem com a atual parceira transexual bem como a importância destes relacionamentos para sua constituição atual de homem e parceiro, suas dificuldades e conflitos. As unidades de significado que compõem esta categoria emergiram

nos relatos dos Colaboradores 1, 3, 4, 5.

#### **Categoria 4 – Transições e descobertas: orientação e identidade sexual**

Esta categoria aborda como os colaboradores se denominam e se inserem na sociedade com relação às suas vivências afetivo-sexuais e à questão de seu desejo. As unidades de significado que compõem esta categoria foram identificadas nos relatos dos Colaboradores 1, 2, 3, 4, 5.

Três subcategorias emergiram:

- Nos horizontes da psicoterapia, nos relatos dos Colaboradores: 3, 4.
- O mundo-vida em um corpo travestido: no relato do Colaborador: 3.
- A existência na sexualidade: no relato do Colaborador: 3.

#### **Categoria 5 – Nos horizontes da homofobia**

Esta categoria aborda como os colaboradores vivenciam seu papel afetivo-sexual com relação a si mesmos, sua família e sua rede social diante de situações de preconceito. As unidades de significado que compõem esta categoria emergiram nos relatos dos Colaboradores 1, 2, 3, 4, 5.

#### **Categoria 6 – A vivência afetivo-sexual com uma transexual**

Esta categoria aborda como os colaboradores vivenciam a relação afetiva e sexual com suas parceiras transexuais. As unidades de significado que compõem esta categoria foram identificadas nos relatos dos Colaboradores 1, 2, 3, 4, 5.

Nove subcategorias foram encontradas:

- O encontro com uma transexual: nos relatos dos Colaboradores: 1, 2, 3, 4, 5.
- O corpo transformado: no relato do Colaborador: 5.
- Vivências afetivo-sexuais da parceira transexual: no relato do Colaborador: 5.
- Diálogo: nos relatos dos Colaboradores: 1, 2, 5.
- Ciúme: nos relatos dos Colaboradores: 1, 2, 4, 5.
- A relação sexual: nos relatos dos Colaboradores: 1, 2, 3, 4, 5.
- Risco e vulnerabilidade: no relato do Colaborador: 1.
- A cirurgia de redesignação sexual da parceira: nos relatos dos Colaboradores: 1, 2, 3, 4, 5.
- Separação: no relato do Colaborador: 5.

**Categoria 7 – Projeto de vida**

Esta categoria aborda os planos, perspectivas e projetos dos colaboradores com relação a sua vida. As possíveis mudanças de significados e sentidos existenciais. As unidades de significado que compõem esta categoria emergiram nos relatos dos Colaboradores 1, 2, 3, 4, 5.

A seguir, apresentamos as análises compreensivas dos relatos de nossos cinco colaboradores.

## **CAPÍTULO 4**

### **O MUNDO-VIDA DE HOMENS PARCEIROS DE TRANSEXUAIS: ANÁLISES COMPREENSIVAS**

Neste Capítulo, elaboramos sínteses individuais para compor o perfil de cada colaborador, apresentadas com as análises dos relatos de cada um.

#### **Perfil do Colaborador 1: Juliano**

À época da entrevista, o colaborador Juliano estava com 35 anos, dizia-se católico, tinha Ensino Fundamental Incompleto e trabalhava como caldeireiro na Indústria. Quanto ao perfil socioeconômico, pertencia à classe D. Era divorciado – esteve casado por duas vezes com mulheres, sendo que o primeiro casamento durou menos de um ano e o segundo aproximadamente quatro anos. A segunda separação havia ocorrido há cinco anos. Não tinha filhos. Juliano nasceu e foi criado em ambiente rural. Estava vivendo uma relação estável, de dois anos, com a transexual Bruna, que trabalhava como funcionária pública da cidade onde residiam. Juliano e Bruna se conheceram em um bar próximo ao local onde ambos trabalhavam, começaram a namorar e em pouco tempo decidiram morar juntos. Juliano apresentou dificuldades para relatar sua história de vida, em especial no que diz respeito às suas relações afetivo-sexuais, ficando diversas vezes enrubescido. Inicialmente, indagou sobre o fim da entrevista, mostrando-se desconfortável. Todavia, no decorrer da entrevista Juliano se tranquilizou para falar sobre si, de modo que o conteúdo de seu relato atendeu aos critérios por nós estabelecidos. A entrevista aconteceu em um Hospital Público do interior do Estado de São Paulo.

#### **Categoria 1: Nos horizontes da família**

Para Merleau-Ponty (2006), a disposição em ultrapassar as estruturas reveladas para si, recriando o mundo e a si mesmo, é que vai definir um homem. Nesse sentido, Juliano fala de suas origens e estruturas familiares que permaneceram, mas também das que foram

ressignificadas por ele em sua forma de se relacionar consigo mesmo e com o mundo bem como de seu processo de construção de identidade de gênero.

*Desde os três anos, era difícil, tinha que ajudar meu pai, eu nem tinha brincadeira, igual hoje, era só trabalhar, não tinha. Meu pai é sergipano ainda, imagina! Inclusive agora, depois de grande, que fui estudar, depois de certa idade que... Bom, hoje até pra pegar o lixo na rua precisa de estudo, eu estou estudando agora. Meu pai era muito bravo. Sempre trabalhei na lavoura, com arroz, feijão.*

Ao falar da origem do pai, expõe o modelo patriarcal, em que a família tem como atributos básicos a dominância masculina exercida em uma estrutura hierarquizada de poder e autoridade, e a divisão sexual do trabalho que atribui ao homem o dever de sair de casa desde cedo para trabalhar e trazer o sustento para família. Deste modo, a origem rural e a baixa renda associadas aos valores patriarcais tiveram como consequência a desvalorização dos estudos em prol do trabalho. Essa falta de acesso aos estudos afeta seus horizontes de compreensão sobre suas vivências afetivo-sexuais bem como seu projeto de vida profissional.

O colaborador também fala do processo de construção de identidade de gênero masculina, que tem como modelo central a figura masculina de seu pai, apresentando características como a rigidez e o distanciamento afetivo. Segundo Marrega e Bruns (2009), o padrão de masculinidade transmitido historicamente entre as gerações é impregnado de atos como o silêncio, a onipotência e o distanciamento afetivo. Para as autoras, o movimento das mulheres para desconstruir sua complementaridade nesse padrão de identidade masculina propiciou ao homem a vivência de relações amorosas e familiares de forma mais satisfatória, permitindo-lhe a expressão de seus sonhos e sentimentos.

Essa possibilidade de ressignificação da identidade masculina pode ser notada no relato do colaborador em sua iniciativa de estudar e no convívio com sua atual parceira, que é uma transexual:

*Hoje vivemos nós dois, moro e pago aluguel, trabalho, tenho respeito pela minha casa, levo nossa vida. Ela trabalha até na prefeitura de (...), e a gente está levando, vivendo a vida (...) você vê ela é trabalhadora, o serviço de casa tudo bem que nós dois ajuda, mas ela arruma bem apesar de trabalhar fora, faz a maior parte né (risada).*

O colaborador aponta para uma divisão igualitária do trabalho na convivência com sua parceira, no que se refere a ambos exercerem funções fora de casa. Já quanto aos afazeres domésticos, Juliano diz ‘ajudar’, no entanto, refletindo a submissão feminina representada por uma restrição social e intelectual da figura feminina ao espaço doméstico, destaca que a parceira faz ‘bem’ e ‘a maior parte’ do serviço doméstico.

Nesse sentido, revela a vivência de uma relação nos padrões da família nuclear heterossexual. Segundo Pelúcio (2006), as travestis reproduzem em suas relações conjugais os papéis tradicionalmente atribuídos à mulher e esposa, esperando de seus parceiros que também estejam adequados a esse modelo e, assim, se atrelam às normas heterossexuais e a uma visão hierárquica das relações de gênero.

Contudo, os familiares nem sempre veem essa relação da mesma forma. Segundo relata Juliano:

*Até hoje minha família não aceita; já, a família dela, o pai dela aceita tudo bem, me trata muito bem, os irmãos dela também no começo não aceitava muito bem, mas hoje em dia já aceitou tudinho, disse que estava tudo bem, a mãe dela também... Minha mãe também, minha mãe mora lá no Mato Grosso do Sul, faz tempo que eu não vou pra lá, mas ela já começou a aceitar, só que eu peguei o telefone e liguei pra ela, expliquei a realidade pra ela e ela falou assim: 'Não filho, se você escolheu isso ai, você segue sua vida, mais sobre isso ai não, pode ficar tranqüilo. Você é meu filho! Se você escolheu seja lá o que for, eu quero que você viva bem'. Agora quem não aceita é meu pai, meu pai não aceita de jeito nenhum, mas com o tempo, um dia ele vai aceitar.*

Para Jacobson (2007), a questão da orientação sexual permeia a relação familiar desde cedo, existe uma intencionalidade dos valores e das expectativas familiares que as conduzem a querer participar ativamente na construção do processo das escolhas das parcerias, sem levar em conta que a orientação de seus filhos pode ser homossexual.

A aceitação e legitimação das escolhas, sejam elas quais forem, vão depender das possibilidades da família em conviver com valores e posicionamentos diversos, da flexibilidade para lidar com o novo, e, muitas vezes, com grandes preconceitos no convívio social (JACOBSON, 2007, p. 37).

A ótica dos pais e familiares é focada pelo paradigma do patriarcado – as dimensões da vida de seus filhos se resumiriam a experiências heterossexuais, como casar, ter filhos, ser pais, avós, e assim por diante. Quando os filhos trilham outros horizontes que não correspondem às expectativas e revelam seus segredos acerca da sexualidade, a percepção é de que o mundo intersubjetivo da família foi desorganizado. Essas famílias passam por um momento em que é necessário sentir a dor das expectativas perdidas com relação àquele filho e o filho sentir a dor de não corresponder às expectativas dos pais (BORGES R. C., 2009).

## **Categoria 2: Vivências heteroafetivas-sexuais**

O colaborador fala de experiência conjugal com uma mulher:

*Sobre a mulher que eu fui casado, que eu falei... Porque eu trabalhava, eu trabalhei oito anos na firma (empresa) tudo, e, eu fui dispensado do serviço. E eu trabalhava, mas infelizmente não sei por que motivo, qual foi o motivo da dispensa. E aí eu cheguei um dia em casa, e ela me chamou de vagabundo, uma coisa que eu não merecia e eu pensei: ‘Bom, então já que você está me chamando de vagabundo, eu vou virar vagabundo mesmo, agora você vai ver mesmo, aí eu entrei dentro, no meio da bagunça’ (passou a ter relações sexuais com prostitutas de zona de meretrício). É porque a mulher ia trabalhar e eu ia ficar na bagunça... E aí num tem jeito. Nós começamos a brigar. Porque eu acho que homem nenhum pode fazer isso de tratar mal uma mulher. Um homem não pode fazer isso. E já que não está dando certo é melhor cada um seguir sua vida. Aí eu tinha até construído uma casa, eu deixei a casa pra ela (...)*

Juliano atribui o fim de seu casamento aos relacionamentos extraconjugais com prostitutas. Para Salem (2007), a coexistência marital é tida como um dos mais estreitos vínculos afetivos, sendo baseado no preceito da exclusividade sexual e da fidelidade. Uma vez que o regulamento do vínculo não foi cumprido ele se dissolve.

Conforme entendemos, Juliano parece ter passado por um momento de crise de *identidade de gênero* nesse período, ligada à perda de seu emprego. Ter sido chamado de “vagabundo” pela esposa foi para ele como se deixasse de ser “homem”, já que a construção de identidade de gênero masculina de Juliano se deu no paradigma patriarcal – no qual o homem deve ser trabalhador para exercer poder e autoridade no lar.

Assim diz:

*(...) já tive muito relacionamento com muita mulher lá na zona (de meretrício), mas isso eu não faço mais, essa bagunça, zona né; mas hoje eu nunca que eu faria um negócio desse não. Mas eu já tive sim relação com mulher assim, assim de zona, não vou negar.*

Pode-se pensar que a sua opção por ‘entrar na bagunça’ tenha sido uma forma de ele provar sua masculinidade para a esposa e para si mesmo. Para Guimarães e Bruns (2008) o fenômeno da prostituição remete justamente ao paradigma do patriarcado, onde a mulher se submete ao domínio e desejo do homem, tornando-se objeto de consumo e trazendo-lhe prazer rápido e descomprometido.

### **Categoria 3: Vivências homoafetivas-sexuais**

*Bom, mas eu nunca tive assim, relacionamento com essas pessoas assim, sabe essas pessoas assim, como fala, essas pessoas assim homossexuais... E olha, sobre esse fato dela ser homossexual, quando eu conheci, ele já era assim, e ele fala: 'Você sabe que eu sou assim?' E eu falo pra ele: 'Não, quando nós nos conhecemos eu sabia que você era assim, eu gosto de você do jeito que você é! Se eu to com você é porque eu gosto de você!'*

Em sua fala, Juliano demonstra não conhecer e nem tampouco compreender a diferença entre *transexualidade* e *homossexualidade*. Desta forma, refere-se a sua companheira transexual como sendo ela homossexual, conflito também evidenciado na utilização dos pronomes “ele” e “ela” indistintamente. Blanchard e Collins (1993), nos esclarecem que os ginandromorfófilos (homens que se interessam sexualmente por transexuais e travestis), na maioria das vezes, não distinguem as características que definem homossexuais, travestis ou transexuais.

O colaborador também enfatiza a aceitação da parceira como ela é, superando estigmas e rótulos. Para Bruns (2007a), ao se despir desses valores, o indivíduo permite-se vivenciar sua escolha afetivo-sexual de forma a alcançar a reciprocidade afetiva e sexual simultânea.

#### **Categoria 4: Transições e descobertas: identidade e orientação sexual**

*Você vê, minha primeira relação (sexual) eu já estava moço. Até os 18 eu só trabalhava muito (...) é que eu sou muito tímido, desde pequeno até hoje. Meus irmão não são igual a mim, eles falam muito. Prá namoro então eu ficava muito tímido; mas você sabe né, pra arranjar namorada a gente dá um jeito na timidez (risada).*

Sua fala aponta para uma iniciação sexual tardia em decorrência de uma história de muito trabalho e timidez. Para Merleau-Ponty (2006), a falta da fala para expressar as emoções ocorre porque entre todas as funções corporais, a fala é a mais ligada à coexistência. Assim, a timidez de Juliano representa uma fuga da coexistência, uma forma de evitar as relações sociais.

*(...) porque atração assim eu sinto por mulher, eu sempre senti por mulher, mas assim hoje, eu num tenho mais, num sei, é mais assim por homem, mas eu nunca tive relação com homem sem ser ela. Na realidade, eu num sinto assim, atraído, nem por homem nem por mulher, é por ela (Bruna, atual parceira transexual) mesmo, é dela que eu gosto.*

Dessa forma, reflete sobre suas relações afetivo-sexuais. Mostra dificuldade em entender o que se passa – não se sente atraído por homens, mas também não mais por mulheres; enfim, põe um ponto final no conflito dizendo-se atraído apenas por *ela* – a parceira transexual, à qual, conforme já apontado, ele se refere por ‘ela’, mas diz ser o único *homem* com quem manteve relações: “*nunca tive relação com homem sem ser ela*”. E assim, por não saber onde se enquadrar, em sua vivência, permite que a pessoa amada se desvele para ele e se desvela diante da pessoa amada (BRUNS, 2004).

### **Categoria 5 : Nos horizontes da homofobia**

No que tange à homofobia, Juliano lembra de uma fala depreciativa sobre ele, que relata ocorrer em todos os espaços em que ele se apresenta com sua parceira.

*Olha, a gente, muitas coisas a gente tem que relevar, fazer o que (...). Porque fala sabe: ‘Olha lá o cara que ta com um travesti!’ Fica falando sabe, o povo, mas você releva, senão você vai brigar com o mundo (...).*

Para Goffman (2004), estigma é justamente o ato de atribuir valores depreciativos a sujeitos que podem ser considerados uma ameaça situacional, de forma que esses sujeitos se sintam inferiorizados – o que para nosso colaborador é algo vivenciado rotineiramente.

*Preconceito tem em todo lugar, em todo mundo tem, mas eu num to nem ai vou fazer o que, discrimina como pessoa sabe (...). Sei lá sabe, e eu falo: ‘Se sabe que preconceito existe em todo lugar, tem lá no Mato Grosso, tem aqui, sei lá, se eu estiver trabalhando eu levo minha vida, o que eu quero é estar junto com você’.*

Segundo Pinto (2008), um constrangimento muito forte decorrente do preconceito, estigma e discriminação é dirigido às transexuais, que se apresentam à sociedade com um corpo que não corresponde ao corpo de seu sexo anatômico. Assim, os sujeitos que não se identificam com os padrões sociais estabelecidos para os corpos masculinos ou femininos e adotam condutas que seriam correspondentes ao outro sexo são vistos como transgressores da heteronormatividade.

### **Categoria 6: O mundo-vida ao lado de uma transexual**

#### O encontro com uma transexual

*(...) não vou negar, eu não saia de porta de bar, você sabe né? Que porta de bar, assim (faz careta). Sabe? Eu já vivi em porta de bar,*

*bebia muito. Eu até conheci ele (Bruna, transexual) em porta de bar, ela (Bruna) pegava no meu pé e a gente conversava, aí eu fiquei umas vezes (...). Eu não queria porque tinha minha família, mas ela pegava no meu pé e eu também tinha um pouco de medo pra falar bem a verdade, mas infelizmente. Aí que nós fomos, nós trabalhávamos na roça junto, de pegar laranja, e ela começou a gostar de mim, aí ele (Bruna) pegava muito no meu pé, e a gente acabou ficando junto, e a minha família não queria de jeito nenhum. Eu peguei, já que é assim, a minha família não queria de jeito nenhum, eu peguei e fui morar junto, comecei a gostar, eu falei: 'vai fazer o quê?' (...) Eu sinto que eu nunca tinha gostado de ninguém antes da Bruna.*

Juliano se lança nessa vivência afetivo-sexual com sua parceira transexual apesar do preconceito e do estigma que envolve o mundo-vivido dessa parceira e dele como parceiro. Isso possibilita que ele descubra e desvele as sutilezas do seu próprio mundo e do mundo do outro e, assim, se volte para um mundo intersubjetivo de um “nós” e que não se perca na especificidade e individualidade do si próprio (BRUNS, 2007a).

### Diálogo

*Quando eu vou fazer alguma coisa eu converso com ele, prá resolver alguma coisa tudinho, se ele quer resolver alguma coisa chega em mim, fala comigo, tipo: 'Oi amor, eu posso fazer isso e tal...?' Eu falo: 'Pode'. E se tem alguma pra falar, pra resolver alguma coisa, eu falo: 'Posso fazer isso e tal...?' Ela fala: 'Sim'. Pra saber, sabe? Nós combinamos muito bem.*

Esta fala do colaborador expressa a facilidade que o casal tem de expor suas necessidades e desejos um para o outro, facilitando a convivência e a compreensão. Para Merleau-Ponty (2006), a fala, assim como o gesto, são maneiras de expressar as emoções por meio do corpo. Assim, os sujeitos falantes, por meio das “significações disponíveis” ou “atos de expressão anteriores”, fundam um mundo em comum onde no momento do falar nos referimos ao mundo sensível. Segundo esse autor: “... a fala é única entre todas as operações expressivas capaz de sedimentar-se e de constituir um saber intersubjetivo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 257).

### Ciúme

Em estudo sobre a conjugalidade em travestis, Pelúcio (2006) destaca que as travestis mostram-se bastante ciumentas, isto porque se sentem constantemente em situação de risco de

serem abandonadas pelo homem, seja por ele não suportar a situação de clandestinidade ou pelo forte estigma que tal situação implica.

*Mas ela é ciumenta, sempre fica perguntando se eu queria estar com uma mulher, assim, de verdade, fica com ciúme das mulheres da televisão, mas eu falo pra ela: ‘Se relacionar com uma mulher, acha? Se eu tô com você é porque eu gosto de você’ (...).*

Na fala do colaborador, o ciúme por parte de sua parceira se dá pelo fato dela não ter um corpo de uma “mulher de verdade”. De forma semelhante, o ciúme seria incitado pelos homens que cedem a seduções de outras travestis, pois teriam um impulso sexual “naturalmente incontrolável” ou, ainda, pela falta de coragem para assumir o relacionamento com uma travesti, o que os levaria a novamente se relacionarem com mulheres.

A autora diz ainda que uma hierarquia de gênero foi construída pelas travestis, em que a mulher biológica possuiria certas vantagens sobre elas, o que legitimaria uma traição e até a troca de parceira por parte do homem (PELÚCIO, 2006a).

Como se pode atestar nesta outra fala do colaborador:

*Até assim, quando eu fui entrar (risada), ela falou: ‘Ai, você vai entrar sozinho com a psicóloga!’ Ai eu falei pra ela: ‘Larga de ser tonta (risada), ela é a doutora, vai ficar com ciúme até dela? (risada)!’*

### A relação sexual

*Às vezes ele dá uns probleminhas, pois não é todo dia que você tá disponível. Às vezes você chega cansado, com a cabeça cansada, e já fica um pouco nervoso, trabalho o dia todo quer descansar num tá disponível né. (...) E além do mais do relacionamento sexual não tem diferença é a mesma coisa, não muda nada, assim como com uma mulher.*

Juliano aponta para a constante disposição sexual da parceira e diz não sentir que haja diferenças entre a relação sexual com uma transexual e com uma mulher heterossexual. Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 217): “A percepção erótica não é um *cogitatio* que visa um *cogitatum*; através de um corpo, ela visa um outro corpo, ela se faz no mundo e não em uma consciência”. No entanto:

Dizer que tenho um corpo é então uma maneira de dizer que posso ser visto como um objeto e que procuro ser visto como um sujeito (...). Aquilo que procuramos possuir não é, portanto, um corpo, mas um corpo animado por uma consciência (...). A importância atribuída ao corpo, às contradições do amor ligam-se, portanto, a um drama mais geral que se

refere à estrutura metafísica de meu corpo, ao mesmo tempo objeto para o outro e sujeito para mim (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 231).

Nesse sentido, o fato de Juliano não expressar a vivência de diferenças, conflitos ou questionamentos quanto ao corpo de sua parceira, sendo esta uma questão que afeta diretamente a parceira (conforme apontado na subcategoria Ciúme) denota uma dificuldade do colaborador de refletir ou falar sobre tal questão.

### Risco e vulnerabilidade

*Tem essas doenças tudo, a AIDS. Eu já tive com outras pessoas, mas eu sempre me protegi, usei camisinha e tal, faço exame de HIV, tudo certinho.*

A preocupação com seu corpo e sua existência aponta para a consciência da temporalidade inerente aos seres vivos, refletindo sobre sua fragilidade e finitude. Da mesma forma, significa uma consciência das consequências de seu comportamento sexual, adotando procedimentos (como usar preservativos, submeter-se a exames) para prolongar sua existência. Para Merleau-Ponty (2006), ao renunciarmos à espontaneidade, nos colocamos no mundo de forma a nos engajarmos, tomando posições de intencionalidade. Assim, “dar-se um corpo habitual é uma necessidade interna para a existência mais integrada” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 129).

### A cirurgia da parceira de redesignação sexual

*Mas agora, olha assim, ela tem vontade de fazer essa operação, acho que não vai ter problema com ela, porque eu gosto é dela, não sei se vai mudar alguma coisa.*

No que tange à cirurgia de redesignação sexual, apesar do apoio dispensado à parceira para sua realização e do questionamento sobre a possibilidade de mudança no mundo-vivido do casal, Juliano trata a questão como um fato que influenciará apenas o mundo-vida de Bruna. Permanece no irrefletido acerca desta questão, já que não leva em consideração que o corpo de Bruna mudará radicalmente. Considerando que é pelo corpo que estabelecemos nossas relações com o outro e com o mundo, o que irá ocorrer é uma mudança profunda no sentido de vida da existência de Bruna, que possivelmente afetará o projeto de vida do casal, além de trazer a necessidade de ressignificações.

## **Categoria 7 – Projeto de vida**

*É sobre o relacionamento está muito ótimo, num tem nem o que dizer, sobre o casamento num tem nem o que falar. Nossa, num tem mesmo. Meu relacionamento, eu e ela assim, vai muito bem. (...) Mas hoje o que eu quero é estar com ela, viver com ela.*

Para Merleau-Ponty (2006), *querer* é ter consciência do quão algo é valioso assim como amar é ter consciência de alguém como amável. E explicita:

Os atos do Eu são de uma tal natureza que eles se ultrapassam a si mesmos e não há intimidade da consciência. A consciência é de um lado a outro transcendência, não transcendência passiva – dissemos que uma tal transcendência seria a interrupção da consciência –, mas transcendência ativa (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 503).

Nesse sentido, Juliano tem consciência do seu *querer* e do seu amor pela transexual Bruna devido a uma consciência de si que é ativa e a partir de um ato intencional.

### **Perfil do Colaborador 2: Paulo**

O colaborador Paulo tinha 28 anos à época da entrevista. Dizia não possuir credo religioso, tinha grau de escolaridade Ensino Médio incompleto, trabalhava como auxiliar de motorista e foi classificado na classe C do perfil socioeconômico. Seu estado civil era solteiro e residia com a mãe. O pai, militar aposentado, havia falecido recentemente após longo período doente em decorrência de três derrames. Paulo estava em luto e relatou tristeza pela morte do pai, mas satisfação por ele ter aprovado seu namoro com a transexual Luana antes de seu falecimento. Até aquele momento, relacionava-se com Luana há três anos – ela, estudante do ensino superior em instituição pública. Segundo o colaborador, Luana foi motivo de conflito entre ele e seu amigo, ex-namorado dela, que acreditava ter sido traído pelo casal. Ele disse ser uma pessoa muito tímida, com sérias dificuldades de se expressar socialmente: “*se me pressionam, é como se desse um branco em minha cabeça*”. Também relatou uma tentativa de suicídio devido a uma decepção amorosa em seu segundo namoro, um relacionamento heterossexual em que se sentia muito cobrado quanto à inteligência e desempenho profissional. Paulo demonstrou-se bastante ansioso inicialmente, mas pôde falar e refletir sobre seu mundo-vida de forma satisfatória. No final, relatou sentir-se surpreendido: “*No início pareceu que ia ser tão difícil, mas até que foi bom, gostei de conversar com você*”. A entrevista foi realizada na Universidade Pública que Luana estuda.

### **Categoria 1: Nos horizontes da família**

*E eu tinha muito medo do meu pai ficar sabendo (do relacionamento com Luana), meu pai era um daqueles militares bem fechadão e bem severo. (...) Olha, foi bem conflitivo (a família saber sobre o relacionamento com Luana), principalmente por causa da minha família. Minha mãe já logo de cara, bem, é muita mais fácil desabafar com a mãe do que com o pai. Eu já falei pra minha mãe, pra ela não saber pelos de fora. Mas, minha mãe aceitou, eu expliquei pra ela, e ela disse assim: ‘Oh meu filho, o perigoso é o seu pai, se ele ficar sabendo dessa história, ele com certeza vai achar que você é gay e ele não aceita isso, porque você sabe que todo mundo fala. E eu te aconselho a conversar com ele’. Mas aí, eu fui, conversei com ele, tentei explicar pra ele. Mas, na hora ele falou: ‘Pelo amor de Deus. Sou investigador da polícia, já fui cabo do exército e você me apronta uma dessas! Me arruma uma travesti!’ Foi difícil. Mas, depois, num sei o que aconteceu que ele aceitou de boa, acho que deve ter sido minha mãe, conversou com ele, e também o fato dele ter ficado doente ele mudou muito, mas eu num tive mais problemas (...)*

Segundo Merleau-Ponty (2006), tudo no homem é natural e biológico assim como cultural e social de forma intrínseca. Logo, não tem como sobrepor a fisiologia às questões sociais. Para o autor:

Os sentimentos e condutas passionais são inventados, assim como as palavras. Mesmo aqueles sentimentos que, como a paternidade, parecem inscritos no corpo humano são, na realidade, instituições. É impossível sobrepor, no homem, uma primeira camada de comportamentos que chamaríamos de naturais e um mundo cultural ou espiritual fabricado. No homem tudo é natural e tudo é fabricado... (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 257).

Nesse sentido, Paulo relata que foi confiada à mãe a força para compreender o seu relacionamento mantido em segredo, na expectativa que a mãe o ajudasse a explicar ao pai. Para Giddens (1993), a construção moderna de maternidade fez com que as mães fossem idealizadas, como pessoas que devem ser afetuosas e compreensivas com seus filhos.

Fávero (2010) vê o patriarcado como constituinte da ideia de “natureza da mulher” ou “instinto materno”; por sua fisiologia reprodutiva, as mulheres se voltariam para os cuidados com os filhos a fim de garantir a felicidade do seu lar no espaço privado.

Assim como Juliano (Colaborador 1), Paulo expõe um modelo de família patriarcal, que tem como atributos básicos a dominância masculina exercida em uma estrutura hierarquizada de poder e autoridade, nesse caso, também marcada pela profissão do pai – militar. Daí a dificuldade do pai em flexibilizar sua percepção sobre a vivência afetivo-sexual do filho, que é algo jamais vivido antes e, por isso, irrefletido.

Essa estrutura familiar típica do patriarcado é o que fundamenta a postura rígida dos pais e promove a dificuldade deles para compreender a vivência do filho de uma sexualidade que foge aos padrões da heteronormatividade. A intencionalidade tanto dos pais quanto dos familiares de uma criança é tratá-la e educá-la sempre no sentido de encaminhá-la para um relacionamento heterossexual (COSTA, 1994).

Em seguida, o colaborador relata que foram as conversas entre os familiares sobre seu relacionamento que possibilitaram que ele fosse incorporado à dinâmica familiar.

Segundo Giddens (2000), na contemporaneidade, funda-se uma nova visão das relações estabelecidas entre pais e filhos, apoiada num mundo em que as diferenças culturais são amenizadas pelo poder das formas de comunicação. O sistema de ideias e relações baseadas em classificações de tipologia e hierarquia cede espaço a modelos mais participativos e descentralizados.

O fato de o pai estar doente também contribuiu para que o relacionamento de Paulo fosse aceito e incorporada ao mundo-vivido de sua família, já que a doença possibilitou ao pai uma mudança de sentido em relação a sua posição enquanto ser-no-mundo. O que não ocorre na família da parceira, Luana, conforme relata abaixo.

*Eu só converso com a mãe dela e um pouco com a irmã, muito pouco. O pai dela é assim, só uma ou outra situação que eu converso com ele, cumprimento, falo oi. Ele é muito fechado, e o fato dele não conversar muito e eu menos ainda. Eu só procuro conversar com quem eu vejo que eu já tenho amizade e quando a pessoa vem que já simpatizou comigo. A irmã dela não simpatizou muito comigo, fomos para praia uma vez e tivemos uma briga feia lá, ela brigou comigo e eu fiquei parado, depois disso então, agora que está começando a voltar, assim: ‘Oi, beleza!’ Mas, mesmo assim, eu chego a casa dela, só cumprimento ela e a mãe dela, a irmã e o pai não cumprimento, a não ser que eles me cumprimentem primeiro, porque eu penso assim, às vezes eles não gostam de mim, então eu prefiro não ficar conversando.*

E continua:

*E eu vejo que ela não quer que a família dela participe do nosso relacionamento, ela não quer, ela não gosta que eles fiquem sabendo do nosso relacionamento de jeito nenhum. [Pesquisadora: Eles não sabem que vocês namoram?] Sabem, eu falo do relacionamento sexual. Do namoro eles sabem, eu estou todo dia na casa dela. Mas ela acha que eles não vão entender a gente ter relação sexual.*

Mais uma vez o relato aponta para a dificuldade da família para compreender suas vivências – dessa vez, a família de Luana. A família está aprendendo a lidar com essa situação em sua mundaneidade. Assim, Paulo relata certo distanciamento da a família de Luana; apesar

de ter havido apenas um conflito, ele sente que não é bem quisto. Segundo Merleau-Ponty (2006), é através do corpo que compreendemos os outros, assim como é através do corpo que percebemos as “coisas”. Dessa perspectiva, o sentido do gesto está na mundaneidade, ou seja, se entrelaça com a estrutura do mundo, como na experiência perceptiva.

Assim, há uma falta de diálogo que remete a uma fuga da coexistência entre Paulo e Luana pelos familiares dela, que evitam compartilhar a fala para expressar suas emoções.

## **Categoria 2: Vivências heteroafetivas-sexuais**

*E como que eu posso dizer, a primeira namorada não teve assim, relação sexual, foi pouco tempo, poucos meses, aí terminou. (...) A segunda (namorada) teve (relação sexual). Assim, eu já tive, como se diz né, “ficante”, aí eu tive bastante relacionamento sexual, eu tive bastante, mas eu estou namorando com ela (Luana, transexual) agora, gosto dela.*

Paulo relata ter tido várias experiências sexuais com “ficantes”. Segundo Bauman (2004), o sujeito que assim exerce sua sexualidade seria um “coleccionador de sensações”, ou seja, constitui-se como um consumidor inveterado e vive apenas o instantâneo e o imediato.

Para Justo (2005), o ficar é um relacionamento afetivo típico da adolescência e tem como características a efemeridade, a instabilidade e a ausência de compromisso. Logo:

O “ficar”, portanto, inscreve-se nesse paradigma da contemporaneidade que privilegia a compressão do tempo, a expansão das fronteiras geográficas, econômicas, políticas e psicossociais, o nomadismo, o desamparo, o desprendimento, o isolamento, o individualismo, o hedonismo, o narcisismo, o desapego, o jogo, o acaso e tantas outras condições produtoras de uma subjetividade oscilante e intermitente (JUSTO, 2005, p. 76).

E relata sobre sua timidez:

*Eu estava na rua com um amigo meu, sempre muito calado, muito fechado, e por ironia, eu andava muito com o boné tampando a cara, e ela (primeira namorada) começou a gostar de mim porque ela não via meu rosto, mas achava eu... Ela gostava de cara tímido, falou assim: ‘Gostei do jeito dele’. Ela pediu pra me conhecer e aí acabou me conhecendo e foi até, acho que ela queria outro relacionamento e pediu pra terminar e eu levei de boa esse, num achei ruim, aí terminou. Agora a segunda já foi difícil. A gente namorou três anos; também foi ela que pediu pra me conhecer porque gostou do meu jeito, aí conhecemos.*

Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 122), o corpo é veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e

*empenhar-se continuamente nele.* Nesse sentido, Paulo se recusava a estar no mundo por meio do encobrimento de seu rosto para as pessoas. Apesar de ele relacionar tal comportamento com a timidez, podemos associa-lo a uma grave dificuldade para manter contato social e se colocar enquanto ser-no-mundo, ou até uma recusa a sua existência.

Também expressa o fato de as mulheres sempre o procurarem de forma a pontuar sua atratividade para as mulheres, mesmo tendo consciência de que sua postura frente ao mundo implica que o outro tome a iniciativa. Nos parece também que o colaborador, apesar de se dar conta de que, da mesma forma, é o outro que se afasta, não leva em consideração o fato de ser ele abandonado, possivelmente por seu não envolvimento como ser-no-mundo. Assim, ainda segundo Merleau-Ponty (2006) as relações prosaicas de espaço não atravessam o contorno de (meu) corpo, que é uma fronteira. Os comportamentos criadores de significações são ensinados e compreendidos, e apesar de imanescentes ao corpo anatômico são transcendentais a ele.

*A segunda (namorada) me deu um choque assim, eu nem gosto de falar, acho que foi isso que talvez me deu um branco assim, é muito difícil... É que às vezes eu não me comunico direito com as pessoas, todo mundo fala que eu sou muito calado e aí eu ia falhando nas entrevistas (de emprego), tentava fazer prova para entrar em concurso público, mas eu também não conseguia (...) aí ela (namorada) num foi aceitando, no começo até ela aceitava, mas foi indo ela acabou, como é que fala, estressando, desiludindo de mim (...). Aí eu falhava, comecei a mentir para ela não saber que eu estava falhando, aí que mentira tem perna curta, ela acabou descobrindo e ficou pior o relacionamento, eu não conseguia contar, eu tinha sido mandando embora do serviço que eu estava tentando arranjar outro, mas eu não falava pra ela que eu já estava desempregado, eu estava no seguro desemprego e eu falava pra ela que eu já tinha conseguido e ela acabou descobrindo.*

Nessa fala transparece o não envolvimento completo de Paulo no relacionamento, já que para ocultar as próprias falhas ele representa um papel ou um personagem, de forma que ela mantivesse seu interesse. No entanto, ela cobra a permanência das características do sujeito pelo qual ela se apaixonou.

Assim como analisamos no caso do colaborador Juliano, para Merleau-Ponty, (2006) o sujeito não inventa o personagem de má fé. Dessa maneira, esses sentimentos ilusórios ou imaginários são vividos, mas não nos atravessam, ficam na periferia de nós mesmos.

Considerando a idade de Paulo e o fato de que ele ainda vivia com a mãe, pode-se crer que sua forma de se inserir no mundo – no que tange à linguagem, suas relações intersubjetivas, suas dificuldades para estabelecer um projeto de vida profissional – remete

àquela de um adolescente (tardio). Nesse sentido, sua ex-namorada passa a assumir o papel do adulto que impõe e restringe sua atuação no mundo. Os conflitos do adolescente com o mundo, com os pais e com os adultos é uma representação antiga dessa fase da vida, conhecida por ser o momento de constituição da identidade do sujeito (FÉRES-CARNEIRO, 2005).

#### **Categoria 4: Transições e descobertas: orientação e identidade sexual**

*(...) Eu tentava fazer curso pra agradar ela (segunda namorada), mas não adiantava, eu não tinha inspiração pra isso entendeu, eu não conseguia, e a gente terminou, eu fui me fechando, me fechando, fiz essa bobeira (tentativa de suicídio). Eu tomei vários comprimidos até dar overdose, fui pro hospital, fiquei muito tempo internado, aí o médico na hora falou que eu tentei (suicídio), minha mãe entrou em desespero e depois que eu vi o que eu fiz eu comecei foi a ficar com mais dó é da minha mãe, (emocionado) que ela parecia que tava sofrendo comigo, meu pai num sabia disso, porque eu tinha epilepsia, meu pai achou que eu tava com convulsão, crise por causa dela (segunda namorada). Mas ele (pai) não soube que eu quis, que eu tentei me matar. Foi aí que ele (pai) mudou de lá pra cá, pra tentar me ajudar, mudou de um bairro pro outro, porque eu tava sofrendo pra caramba acabei caindo em depressão, fazia acompanhamento médico.*

Ainda segundo Merleau-Ponty (2006), uma experiência traumática expõe uma história do passado, mas que está sempre presente em nosso corpo, reiterando-se em todas as nossas experiências. Nesse sentido, a timidez e o “fechar-se” de Paulo reitera-se em todas as suas relações chamando a atenção para a possibilidade de um fato não revelado.

Apesar atribuir à ex-namorada o motivo de sua tentativa de suicídio, Paulo demonstra um conflito existencial culminado com o fim desse relacionamento, mas que estava relacionado à sua identidade, que se confirma na continuação de sua fala:

*(...) eu mesmo mudando de bairro, eu me fechava, não tinha amigos, já caí em turma errada, mudei de turma, e no começo sofria preconceito. Você vai achar que é bobeira, mas eu raspava a cabeça e o povo via cara branco com a cabeça raspada já achava que eu era neonazista, skinheads, aí como eu já não conversava com ninguém, o povo ficava com medo, mandava se afastar, aí demorou mais ainda pra eu conseguir fazer amigo lá na rua, aí eu consegui fazer amigos e aí muito mais pra frente eu conheci a Luana (...)*

Após a tentativa de suicídio, Paulo incorporou figuras homofóbicas contemporâneas, como neonazistas e skinheads, o que aponta para o encobrimento de um desejo não

heterossexual. Para Pinto (2008) muitas vezes expressões espontâneas sobre a orientação afetivo-sexual são encobertas por representações de papéis ou personagens, pelo temor de que seu estigma seja revelado e também para que o seu “eu” seja preservado.

Para Goffman (2004), o fato de os sujeitos estigmatizados atuarem na tentativa de ocultar, ou, exercer uma estratégia de influência sobre a visão do mundo sobre si decorre da necessidade de evitar experiências desagradáveis em suas relações sociais e íntimas, prevenindo-se de todas as formas possíveis quanto ao seu estigma não ser revelado de maneira irrefletida. A tentativa é de evitar o desgaste psicológico decorrente da revelação da verdadeira identidade.

Corroborando esse exposto, Teixeira Filho e Marreto (2008), em estudo sobre homossexualidade, afirmam que sujeitos homossexuais, na intenção de afastar os questionamentos ou a desestabilização da heteronormatividade, apresentam comportamentos homofóbicos visando evitar desgastes psicológicos e sociais. Esses autores dizem, ainda, que pensamentos e tentativas de suicídio em pessoas homossexuais podem surgir principalmente na adolescência, pelo fato de sofrerem com a opressão, rejeição e exclusão social em decorrência da homofobia. Sendo importante considerar que a homofobia pode se revelar de várias formas, como pela pessoa homossexual em relação a si e/ou às outras pessoas homossexuais, ou ainda, a tudo que fizer referência à homossexualidade; e a partir de pessoas que não sejam homossexuais em relação às pessoas homossexuais, ou a tudo que se refere à homossexualidade (TEIXEIRA FILHO; MARRETO, 2008).

Paulo diz:

*Ai por dentro eu fico pensando, eu penso comigo, mas não falo pra ela (Luana, transexual, atual namorada). Eu fico pensando: ‘Será que eu sou gay? Mas eu acho que não sou, eu não sinto atração por essa parte (pênis), eu não sou’; não sinto atração nenhuma. Ela (Luana) me tira, fala que eu sou homofóbico, fica com essas brincadeirinhas, fica zuando. Mas eu fico pensando: ‘Eu não sou gay’. Eu vou te falar uma coisa, eu agora sinto que eu posso dizer, eu estou em paz comigo e isso é o que importa. Eu não sinto atração por essa parte (...). É que eu deitava a noite assim, e ficava pensando: ‘Será que eu sou gay, será que eu não sou?’. Ai eu fiquei assim, nessa angustia.*

Quanto à dúvida, conforme explicitado também no caso do colaborador Juliano, Merleau-Ponty (2006) defende que é no contato com a dúvida que se dá a percepção interior, no entanto, apenas depois de se conhecer na relação com as coisas. Para o autor, o “eu” enquanto sujeito psíquico não pode ser percebido por si mesmo por não constituir um objeto, já que é responsável pela sua realidade e que o encontro consigo mesmo ocorre no ato no mundo. Nesse sentido, qualquer percepção interior é imprópria.

Explicita Merleau-Ponty (2006, p. 496):

Todo pensamento de algo é ao mesmo tempo consciência de si, na falta do que ele não poderia ter objeto. Na raiz de todas as nossas experiências e de todas as nossas reflexões encontramos então um ser que se reconhece a si mesmo imediatamente, porque ele é seu saber de si e de todas as coisas, e que conhece sua própria existência.

A dúvida de Paulo remete a pensamentos quanto a sua identidade de gênero, e nesse modo de ser indaga: Quem eu sou? Por serem a sexualidade, o gênero e a subjetividade historicamente pensados de forma binária – onde se é homem *ou* mulher, heterossexual *ou* homossexual, produzem a sensação nas pessoas que não se encaixam nesses padrões de ansiedade e angústias.

Essa atenção à variabilidade cultural dos papéis de gênero, alimentada pela luta por direitos reprodutivos, inspirou uma ressignificação das categorias de sexualidade e gênero. A sexualidade enfocada como algo que é socialmente construída considera que a existência de variações culturais contradiz as noções de papéis universais de gênero e de sexualidade uniforme (PARKER, 1999).

### **Categoria 5: Nos horizontes da homofobia**

*Todo mundo distorcia, xingava ela (Luana). Chamava ela de travesti, traveco, chamava ela de vários nomes. (...) Ela fica tentando provar pra todo mundo que ela num é gay ou travesti, e eu tento falar pra ela, que num é isso que importa. 'Você é uma pessoa correta, íntegra', eu falo pra ela. 'Você pode sim, tentar explicar seu problema, mas num é todo mundo que vai entender'.*

A sua compreensão sobre a transexualidade aponta para algo que diverge da *homossexualidade* ou da *travestilidade*. Segundo Pinto (2008), existe uma fixação entre os polos masculinos e femininos que encobre a complexidade do processo de construção da Identidade de Gênero.

O colaborador demonstra apoiar sua parceira transexual nas situações em que ela sofre preconceito, de forma a acalentá-la e acalmá-la.

*Quando ela (Luana) sofre com os preconceitos lá do bairro, eu tento ajudar e apoiar ela no máximo, inclusive na época quando ela estava com o outro, o ex dela, teve um carinho que chegou e começou a falar besteira dela perto, aí eu acabei perdendo a cabeça, e eu... (suspiro) bom, vou falar... Eu acabei batendo no cara, espancando ele, deu até polícia. Porque o cara ficava falando que meu amigo, o ex dela era gay, e eu sabia da história dela, e eu falava pra ele (o cara) que meu*

*amigo não era gay e ele insistia, não acreditava. E eu acabei indo pro lado da ignorância (...)*

Paulo nos faz crer que já se sentia atraído sexualmente por Luana e por não ter facilidade para se comunicar por meio da linguagem acaba utilizando da agressão física. Segundo Vilhena e Maia (2002), o sujeito atua agressivamente quando reconhece o objeto de sua reivindicação agressiva, portanto, um ato agressivo seria ao mesmo tempo uma resistência do “Eu”, buscando marcar seus contornos identitários no momento em que o objeto ou “o outro” ameaça o seu lugar, bem como, o desejo de ser reconhecido e de enviar uma mensagem a esse “outro”. A agressividade existe dentro do próprio processo de construção da subjetividade, já que seu movimento permite a organização do “labirinto identificatório” de cada sujeito; porém, ser constitutiva não deve significar a validade de todos os seus movimentos (VILHENA; MAIA, 2002).

### **Categoria 6: O mundo-vida ao lado de uma transexual**

#### O encontro com uma transexual

*Assim quando eu mudei pra lá (bairro onde mora Luana) que eu fui à casa de um colega meu, um que eu já conhecia, lá em cima ela estava na porta e eu fiquei olhando pra ela e aí um colega chegou pra mim e falou: ‘Num se ilude não que essa aí é homem!’ Só que na época eu levei um choque eu olhei assim, ‘Você está brincando’, eu olhei de novo e só peguei e virei às costas e não conversei mais com ela, tempo depois eu vi que ela era amiga desse amigo meu, era amiga não, era namorada desse amigo meu (...)*

Desse modo, Paulo aponta para a questão da ilusão ou do engano que a figura do corpo de Luana provoca em sua percepção, de fato, geralmente na percepção de todos. Também fala de uma visão preconceituosa sobre Luana, em que sua transexualidade é vivida pelo mundo como um ser que engana ou que ilude e, por isso, o conselho é de que as pessoas devem se afastar dela, conforme fez o amigo. Percebe-se que para o amigo de Paulo o corpo de Luana é uma “coisa” que está invertida, mas para Paulo é objeto de desejo sexual. Assim, segundo Merleau-Ponty (2006, p. 216): “um corpo não é percebido apenas como um objeto qualquer, essa percepção objetiva é habitada por uma percepção mais secreta: o corpo visual é subentendido por um esquema sexual, estritamente individual”. E é nesse sentido que se dá o interesse de Paulo por Luana.

*Eu vi nela (Luana) o que eu vivi, parecia que eu estava me vendo no passado, o jeito que ela sofria, o jeito que ela falava dele (ex-*

*namorado), quando ela falava pra mim. Até a gente começar a ficar, antes de ficar, eu peguei e perguntei pra ela que eu queria saber a verdade, aí ela pegou e me explicou o caso dela, e eu já tinha ouvido das mentiras até a verdade, ela explicou e eu entendo agora o caso dela. Como eu posso explicar, pra mim é assim, como se ela tivesse dois sexos, um por dentro e um por fora. Assim, mas eu a vejo como uma mulher normal (...)*

A fala é de um processo de apaixonamento, que, para além de um desejo corporal, remete ao encontro de duas consciências ocorrido por meio de uma projeção, ou seja, uma identificação entre as histórias de vida de ambos. Assim, Paulo se abre para essa coexistência em um movimento de ir em direção ao outro e buscar compreender sua vivência, tal qual é representada por ele, no caso, a vivência da transexual Luana.

### Diálogo

*Eu me abro bem com ela, eu não consigo, assim, desabafar as coisas que eu sinto, mas eu converso bastante com ela. (...) eu não tenho nada de vergonha, de timidez, com ela eu consigo conversar numa boa. E ela nessa parte é bastante insistente, porque ela é bastante espontânea. Ela sabe mais, conversa mais, só que ela não entende meu lado porque cada pessoa é de um jeito, não é igual. Mas eu tento falar pra ela: ‘Luana, as pessoas não são do jeito que você quer, não adianta querer que eu seja igual a você’.*

Fica evidente aqui um sentimento de inferioridade perante sua parceira Luana, já que ela possui mais habilidade para transitar pelo mundo e estabelecer conversas e se expressar através da linguagem. A dificuldade de se expressar, em estabelecer um espaço de comunicação ou de entendimento mútuo com sua parceira, se repete novamente no mundo-vida de Paulo, novamente afetando seu relacionamento.

### Ciúme

*Só que ela é um pouco insegura por causa do problema dela, e ela acha que eu vou fazer a mesma coisa que o ex dela. (...) Ela diz que ele traiu ela, e ela até tem prova, eu num vou falar que ele traiu porque eu não sei. (...) Ela fica o tempo todo perguntando se eu olho outras mulheres. Eu falo: Olhar a gente olha. Mas eu não sinto atração por outra mulher. Eu olho, mas eu quero ela, não outra mulher. Eu falo pra ela: ‘Eu gosto muito de você, eu me adaptei com você, eu to sossegado’.*

Paulo, assim como o Colaborador 1, Juliano, refere-se a um sentimento de ciúme por parte da parceira em decorrência da possibilidade de seu parceiro se interessar por uma mulher. Segundo Pinto (2008), a angústia das transexuais está associada ao temor de quanto a perderem ou não conseguirem manter um namorado por não terem uma vagina, ou mesmo por não sentirem-serem uma mulher fisicamente completa, ou seja, a ideia de não serem uma “mulher de verdade” para seu parceiro.

Ele também fala da transexualidade de Luana como “o problema dela”, relacionando a transexualidade com uma patologia. Segundo Miskolci (2007), a visão psiquiátrica se instituiu em uma lógica de identidade patologizada e estigmatizante para os sujeitos que não são heterossexuais. Assim, historicamente, a sexualidade, a loucura e o crime foram construídos como os três grandes estigmas da identidade não heterossexual. Logo, o internamento, a terapia e a prisão foram, por muito tempo, consideradas as práticas sociais adequadas para esses indivíduos.

### A relação sexual

*Assim, como eu posso dizer, ela num pode usar a frente ainda né, aí a gente fez do outro lado (sexo anal) (...). É, mas eu queria que ela gostasse, porque parece assim, cada vez que a gente faz parece que ela está fazendo pra me segurar. Então eu já falei: ‘Luana, então vamos dar um tempo nessa parte aí, que a gente volta fazer quando puder, eu não quero que você se sinta obrigada a fazer só pra me agradar’. (...) Porque se pra ela é difícil ter uma relação anal eu nunca vou forçar.*

Paulo aponta para um desconforto que sente quanto a apenas ele satisfazer-se sexualmente nessa relação, já que sua companheira não se sente à vontade com sexo anal. Pinto (2008), em um estudo realizado com transexuais encontrou que há repulsa ao pênis e, muitas vezes, esta prática é referida como a única forma possível de se relacionar sexualmente embora não apreciem esse tipo de relação. No entanto, ensina a autora, a sensação de prazer com essa prática é algo pessoal que está relacionado aos desejos e às fantasias sexuais e não a uma orientação sexual específica.

*Ela fica bem envergonhada, ela tampa (o pênis), num deixa eu ver a parte da frente, nunca deixou, ela fica com vergonha e eu disse pra ela que não me incomodava (...). É. Já pedi pra ver uma vez, por curiosidade. Mas ela não deixa, nunca deixou. E eu não tenho mais curiosidade, eu entendo a parte dela. Mas eu não sinto vontade de que role alguma coisa, e ela deixou bem claro que nunca ia rolar, de usar,*

*sabe? Mas eu só queria ver mesmo, porque pra mim ela é mulher sabe, às vezes nem acredito que ela tem um negócio (pênis), sabe. Era uma forma de saber a verdade (se ela é transexual ou mulher).*

Embora Paulo diga não sentir desejo pela ‘*parte da frente*’ de sua parceira, demonstra interesse em vê-lo, o que ocorre de uma forma fetichizada. O fato de não ter tido contato visual com o órgão genital de sua parceira coloca Paulo em dúvida sobre a existência de um pênis, mesmo que sua parceira tenha revelado sua existência. Essa dúvida se dá porque o estado afetivo de Paulo toca diretamente o mundo objetivo, ele retoma a ideia de que a mesma razão que o torna capaz de ver a verdade é capaz de lhe lançar a ilusão em relação ao saber.

### A cirurgia de redesignação sexual

*Eu sinto que de um tempo pra cá ela piorou, está ficando com mais vergonha, está se fechando mais. Fica muito inquieta, eu acho que é por causa da cirurgia que está chegando perto, talvez. (...) E agora eu estou feliz e estou triste. Porque eu tento explicar pra ela que agora era a hora dela estar ficando mais feliz por conta que está perto da cirurgia, mas parece que ela está se fechando mais. Ela está todo dia com dor de cabeça, fica passando mal. Ai eu fico pensando se sou eu que estou forçando a barra agora. (...) Depois da recuperação dela as coisas melhoram. A gente já conversou sobre isso.*

Segundo Pinto e Bruns (2006) a cirurgia de redesignação sexual pode gerar bastante ansiedade e expectativas no casal. Isso porque a transexual entende essa cirurgia como a possibilidade de uma ressignificação de seu mundo vivido por meio de sua integração individual e social, com a eliminação da discordância sexual que vivencia entre o sexo biológico e psicológico. No entanto, é importante mencionar que apenas a realização dessa cirurgia não possibilitaria o reencontro do sentido existencial, esse é um processo muito mais complexo e subjetivo que poderia se desenvolver com auxílio de psicoterapia.

*Eu até falei pra ela, que se depois (da cirurgia de redesignação sexual) ela quiser perder a virgindade comigo eu vou ficar muito feliz. Mas não quero que seja uma obrigação, que seja como forma de prender a pessoa. Eu falei: ‘Depois que você fizer a cirurgia, depois que você se recuperar, pensa bem se é comigo que você quer ter, pensa muito bem, porque isso pra mulher é uma coisa muito importante, então você pensa bem’.*

Segundo Pinto (2008), as transexuais se referem à primeira relação sexual após a cirurgia de redesignação sexual como a perda da virgindade. Assim, segundo seus relatos, elas começam a sentir sensações e sensibilidade na região genital, o que acaba por despertar a

curiosidade do parceiro para a vontade de experimentar o sexo para comprovar se a vagina construída cirurgicamente é realmente funcional.

### **Categoria 7 – Projeto de vida**

*(...) ela (Luana) já falou de faculdade comigo, só que pra não ter problema com ela, igual eu tive com a outra, eu já falei que eu não tenho intenção de fazer. Eu falei que o que eu posso fazer é um concurso público que dê uma condição social um pouquinho mais abonado, melhor. Ela ficou meio assim, mas depois aceitou. (...) Porque eu quero que esse namoro dure.*

E completa:

*Sabe quando a pessoa parece que foi feita um para o outro? A gente briga de vez em quando, mas é muito raro a gente brigar. A Luana não deixa de querer o meu melhor, ela quer meu bem, mas querer o melhor é uma coisa, agora pressionar, forçar uma pessoa a fazer uma coisa é outra. É outra coisa. Só sei que é muito raro a gente ter um briga e eu acho que a gente foi feito um para o outro. E nessa parte eu não tenho do que reclamar, eu amo ela.*

Assim, diz que o motivo de ter exposto sua forma de pensar e seu projeto de vida claramente para Luana foi devido à experiência do relacionamento anterior e pelo desejo em continuar com Luana por longo tempo. Nesse sentido, segundo Merleau-Ponty (2006) a falsidade dos sentimentos passados apenas nos podem ser revelados com a verdade dos sentimentos futuros. O autor diz ainda:

*Da mesma maneira, para o apaixonado que o vive, o amor não tem nome, não é uma coisa que se possa circunscrever e designar, não é o mesmo amor do qual falam os livros e os jornais, porque é a maneira pela qual os apaixonados estabelecem suas relações com o mundo, é uma significação existencial (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 510).*

### **Perfil do Colaborador 3: José**

À época da entrevista, o colaborador José tinha 30 anos, dizia-se espírita, possuía grau escolar Ensino Médio completo e trabalhava como conferente de medicamentos. Foi classificado como classe C quanto ao perfil socioeconômico. Era solteiro, mas mantinha uma união estável com a transexual Fabiana há cinco anos. Fabiana era cabeleireira e possuía um salão de beleza. José e Fabiana compunham uma banda de rock que fazia shows na cidade em

que residiam. José nasceu em uma pequena cidade do interior paulista e aos quatro anos de idade experienciou a separação de seus pais – seu pai tendo, então, se mudado para a cidade em que José residia quando da entrevista. Então, José e seu irmão passaram a viver apenas com a mãe, que já era alcoolista. Relatou período de abandono até ir morar com os avós paternos, que eram evangélicos e rígidos, mas cuidadosos. Depois disso, o pai se casou novamente, providenciou a internação da mãe e levou seus filhos para morar com ele, sua nova esposa e os filhos dela. O colaborador relatou ter ótimo relacionamento com um dos filhos da esposa do pai. A mãe de José morreu em decorrência do abuso do álcool. Relatou ter tido um namoro de cinco anos com uma mulher e constantes programas com prostitutas travestis durante a adolescência e o início da vida adulta. Aos 25 anos, ele saiu de casa e foi morar com Fabiana, relatou período de crise familiar. Aos 28 anos, separou-se de Fabiana e iniciou um processo de feminilização de seu corpo – tomou hormônios e mudou a maneira de se vestir, tornando-se travesti. Passou por experiências homossexuais, mas disse que não se identificou. Relatou também que ao sofrer com julgamentos e preconceito da família, iniciou psicoterapia e teve acompanhamento psicológico por um ano e meio. Logo, deixou de travestir-se, voltou a se relacionar e morar com Fabiana. José foi bastante comunicativo, não teve dificuldade para se expressar e nem para falar de sua vida pessoal. A entrevista foi realizada em Universidade Pública do interior de São Paulo, local onde José e Fabiana faziam psicoterapia à época.

### **Categoria 1: Nos horizontes da família**

*Então, eu fui bem abandonado, porque minha mãe bebia e meu pai não estava lá (...) eu fui morar com meus avós. Eu fiquei um tempo sem estudar quando eu era criança, porque não tinha condições. Nós morávamos num lugar muito longe, era um estradão de terra (...). Então eu morei em lugar bem assim, em baixo de pé de abacate, pé de fruta... Era uma floresta praticamente (risada). Mas meus avós me trataram muito bem, o tanto quanto possível. Eles eram evangélicos, tanto é que hoje eu tenho um pouco de birra com os evangélicos, eu não gosto muito, certas atitudes. Porque os evangélicos têm uma postura que, não é criticando, mas eles têm as atitudes deles, eu não concordo com algumas, enfim, eles não concordam com meu estilo de vida e eu não concordo com o deles e acabou.*

Segundo Merleau-Ponty (2006), a percepção de historicidade do sujeito é permitida pela subjetividade, que é a temporalidade no plano da percepção. Assim: “Meu corpo toma posse do tempo, ele faz um passado e um futuro existirem para um presente, ele não é uma

coisa, ele faz o tempo em lugar de padecê-lo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 321).

É nesse sentido que ao falar do abandono pelos pais na infância e da coexistência com os avós religiosos José reflete sobre sua história e se posiciona criticamente a respeito da religião evangélica. Assim, aponta as consequências de isolamento e rejeição para aqueles que assumem uma sexualidade fora da heteronormatividade perante a postura religiosa. Sendo assim, podemos assinalar a repetição do sentido de abandono e rejeição em sua história.

Ainda sobre essa questão, José relata:

*(...) eu tenho um irmão. Ele é uma pessoa muito egocêntrica. Ele é completamente homofóbico. É homofóbico, não aceita a Fabiana de jeito nenhum... Eu não vou entrar na questão religiosa dele, mas, ele é católico e tal. Ele acha que é isso aí e acabou, então beleza. Eu tenho que ser uma pessoa inteligente o suficiente para saber que o entendimento dele dessas coisas só vai até ali e então para que brigar? O ignorante vai ser eu. Não é que ele é ignorante, o entendimento dele vai até esse ponto.*

Novamente, o colaborador cita posturas religiosas como fundamento para as críticas que recebe acerca de suas práticas e comportamentos. Também fala da tentativa de entender a posição do irmão quanto a sua não compreensão, como consequência da condição do irrefletido, como algo que o irmão ainda não consegue alcançar por estar muito distante de sua vivência.

Dessa forma, considerando que, nos moldes patriarcais ou na ideologia tradicional da masculinidade, o comportamento e a identidade masculina são medidos a partir da oposição ao feminino e que a misandria (aversão às qualidades femininas no homem) e a misoginia (aversão às qualidades femininas na mulher) desempenham um papel importante no sentimento de identidade masculina, a homofobia, infelizmente, torna-se algo inevitável (BADINTER, 1992; FÁVERO, 2010).

Ainda sobre sua família José relata:

*Porque ele (pai) é uma pessoa muito fechada, é daquele tipo bronco meio “fechadão” e então eu já sei como é que é (...). Faz cinco anos que eu moro aqui e ele (pai) não vem na minha casa, porque eu moro com uma transexual. Então, quer dizer a gente sofre o preconceito até da família. Meu pai já teve contato, eu já levei a Fabiana em festas de família, churrasco, batizado de sobrinho, casamento de irmão, do Gustavo! Desse meu “irmãozão” que não é de sangue. Ela chegou até me falar: ‘Você foi o único homem da minha vida que me levou pra vida social da família’.*

O relato remete a um impedimento social a ele e Fabiana para que não se apropriem de nada que esteja no horizonte familiar. Para Fávero (2010), os sujeitos que se desprendem das

normas vigentes de família, que devem ser formadas por pai-homem, mãe-mulher e filhos, são percebidas como uma ofensa à sacralidade familiar, que se apoia na chamada ordem natural das relações entre sexos, tornando impensável qualquer outro modelo de família. Desta forma, o caráter sagrado atribuído às famílias nas sociedades modernas faz com que a homofobia se expresse em uma estigmatização persistente e fundamentada na resistência à visibilidade das famílias formadas por pais e mães homossexuais, travestis e transexuais.

### **Categoria 2: Vivências heteroafetivas-sexuais**

*A minha primeira namorada, que eu me lembro, vagamente, que eu considerei como um namoro foi há uns dez anos atrás, talvez até um pouco mais. E eu sempre tive contatos com as meninas assim, por tipo físico, talvez até por uma preferência minha, a maioria assim gordinha, gordinha e um pouco mais morena, eu sempre tive essa coisa assim. Porém, esse tipo de relacionamento não me alimentava bem, eu não me sentia completo.*

Os relacionamentos heterossexuais de José apontam para certa complacência, já que ele tinha a nítida consciência de não se tratar de envolvimento em sentimentos de amor. Conforme Bauman (2004), relacionar-se é um dos dilemas mais perturbadores da contemporaneidade, já que as pessoas buscam desesperadamente pelo que julgam ser a possibilidade de segurança, tranquilidade e suporte afetivo.

Ao invés de vivenciar tranquilidade e suporte afetivo, no entanto, José acaba se envolvendo em relacionamentos heterossexuais que foram vivenciados como experiências desagradáveis:

*(...) E tem uma característica de várias mulheres que eu não consigo me adaptar, por exemplo, seria a dependência emocional muito grande. Eu acho. Mas não vou também dizer que todas e generalizar, claro. Mas ela (namorada de cinco anos) era muito dependente emocional.*

Relata ainda:

*Mas por exemplo, não é igual a uma mulher (transexuais), por exemplo, é uma mulher e não é ao mesmo tempo. Tipo assim, vamos ser claro. Ela não menstrua, não “enche o saco”, não fica “no pé”, a dependência emocional, eu acho que é muito menor.*

E, é por esse viés subjetivo e parcial que as falas de José remetem a estereótipos do ser mulher que está relacionado ao sexo e é parte dos papéis sociais de gênero. Contudo, as

expressões dos papéis de gênero são múltiplas e podem não corresponder com o sexo ou com a orientação afetivo-sexual (COSTA, 1994).

### **Categoria 3: Vivências homoafetivas-sexuais**

*Com esse rapaz, foi uma coisa meia que relâmpago. Eu consegui perceber em um curto espaço de tempo que não era um homem que eu queria perto de mim, porque ele era outro cara como eu. E eu falei não.*

*E eu fui conhecer esse cara, só que eu vi que eu não estava gostando. Eu falei não, não é. Realmente, um homem como eu era, na época eu estava me transformando, num vai rolar. Homem num vai, não é isso que eu quero. Eu conversei com outras meninas pela internet, eu encontrei, eu fiz encontros assim. Ai eu falei: ‘Alguma coisa está errada, num é ai. Puta! Eu não consigo nem ficar com uma menina normal e nem com um cara!’ E de repente eu sinto que falta alguma coisa.*

Ao relatar ter vivido experiências homoafetivas, José demonstra estranheza em se ver nesse tipo de relação, já que o corpo percebido como igual ao seu não lhe trouxe prazer, mas uma sensação de desconforto.

A sensação de desconforto e inadequação se torna maior quanto mais o colaborador reflete sobre o seu desejo, que não sendo direcionado a mulheres “normais” e nem tampouco a homens cai na marginalidade.

Para Merleau-Ponty (2006), a percepção erótica se faz no mundo, em um corpo que visa outro corpo; assim, a compreensão erótica não é da ordem do entendimento, mas do desejo.

### **Categoria 4: Transições e descobertas: orientação e identidade sexual**

*Olha, pra mim, desde a infância eu sempre tive uma... Assim, eu sempre me sentia diferente dos outros rapazes. Porque eu não gostava das mesmas coisas que eles gostavam, tipo futebol, figurinha, sabe essas coisas? (...). Uma coisa que quando eu era criança eu ficava fascinado, era o programa do Silvio Santos, que tinha as transformistas. E eu ficava louco, falava: ‘Nossa! Que bicha bonita! Nossa! Que mulher bonita!’ E isso, desde criança, isso já me despertava (...). E eu sabia que não era uma mulher, e ai que eu ficava mais... sei lá...mais (balança as mão para cima e para baixo)...entendeu?...Excitado...*

Desde a infância o modo de José se inserir no mundo quanto à sua identidade e orientação sexual revela fuga da lógica heteronormativa. Ele demonstra não se identificar com os papéis de gênero masculino e por isso a fala sobre o “sentir-se diferente” na infância. Já a

sua fala sobre as travestis remete ao erotismo que esse corpo transformado suscitava nele, reconhecendo que não gostava das mesmas coisas que os outros rapazes. Assim, diz:

*Não porque eu já sabia, mesmo que inconscientemente, que o meu negócio não era homem. Porque o cara que é homossexual, de pequenininho você já vê que ele é diferente, nasce assim, porque ninguém se torna gay. A pessoa desde criança é, e ela revela o que ela é depois de uma certa idade. Então eu sei muito bem que eu não tenho esse sentimento, que eu não tenho sentimentos por homens.*

Cardoso (2008) esclarece que a *orientação* (do desejo) *sexual* refere-se ao âmbito psicológico, das fantasias sexuais. E por isso deve ser diferenciada da *prática sexual* (o que se faz no sexo) ou da *identidade sexual* (formas de sentir-se ou ser nominado a partir das práticas sexuais). E José nos mostra, assim, buscar compreensão de sua orientação sexual:

*Você pode falar: ‘Putá, você não se considera gay?’ Não! Eu não me considero gay porque independente de eu ter relação com uma pessoa que tem um órgão sexual como o meu, eu acho que eu não me encaixo no tipo e no meio gay. Porque, eu tenho amigos que são homossexuais, com certeza, mas eu não consigo ter aquela integração com eles. Tem coisas minhas que não são, não corresponde. Às vezes eu estou sentado com alguém, com um colega assim, e passa um cara mais bem apessoado assim, mais bonito. O cara fala: ‘Nossa, olha que cara bonito!’, eu não consigo olhar e achar bonito igual eles estão achando. Ver a parte masculina como bonita num cara eu não consigo, eu não gosto.*

Vencato (2009) nos ensina que na contemporaneidade o conceito de homossexualidade refere à orientação do desejo sexual de uma pessoa e não necessariamente a suas práticas: direcionada (ou não) a pessoas do mesmo sexo que o seu. No entanto, José não se identifica com a orientação homossexual, já que o seu desejo é direcionado a alguém do mesmo sexo que o dele, mas com características femininas.

A exemplo do que trouxemos na análise do colaborador, o conceito de orientação do desejo sexual possui categorias fixas como homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade e por isso não engloba as possibilidades múltiplas e complexas próprias das vivências sexuais (VENCATO, 2009).

Da mesma forma, “...não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é homossexualidade e que as idéias e práticas a ela associada são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo dessas sociedades” (FRY; MACRAE, 1983, p. 3).

E então, José fala sobre a busca de satisfação sexual em encontros com travestis prostitutas:

*Como muitos homens fazem e não admitem que fazem, eu fazia e falo pra você aqui agora, eu pegava e saía. Porque aqui na cidade nós temos os pontos que as travestis ficam, e eu cheguei a sair várias vezes com uma delas, cheguei a fazer amizade e sair. Fazia amizade, mas pagava, falava assim: ‘Vamos fazer o nosso programa aqui, tal’. E eu tinha essa vontade de estar com pessoas assim (travestis) e eu me sentia melhor.*

O colaborador demonstra em sua fala o segredo existente em torno dessa prática sexual, e apesar de admitir fazê-la, tenta minimizar a relação comercial do sexo dizendo que “fez amizade” com as travestis com quem se relacionava. O interdito, o impuro e o obsceno estão intimamente relacionados ao sexo comercial, não reprodutivo, principalmente se envolvem um homem e uma travesti. A ação de sair para rua, em busca de pontos de programas sugere a marginalidade, a transposição dos limites de classe (PELÚCIO, 2009).

Para Pelúcio (2009) os homens que estão envolvidos em práticas sexuais com travestis geralmente são tomados por conflitos internos em decorrência, justamente, de expressarem que o prazer de tais práticas vem do pênis, ou seja, da característica masculina.

#### Nos horizontes da psicoterapia

*E nessa época que eu me separei dela, foi até interessante que eu inclusive fiz tratamento aqui na... (Universidade Pública do interior Paulista), com uma psicóloga, fiz o tratamento um ano e meio. (...) e eu conheci uma pessoa. Eu quis tirar toda a dúvida, eu disse: ‘Agora é a hora. Quero ver se é isso mesmo, eu quero ver se é minha parte sexual que é... Será que eu sou gay mesmo ou não?’ (...). Foi isso que aconteceu, eu fui lá no fundo, eu busquei resposta, eu voltei lá na infância. Foi um tratamento de um ano e meio, mas foi muita coisa que a gente viu aqui, na terapia. A gente fazia duas vezes por semana. Isso era ótimo.*

Toda a angústia decorrente dos conflitos de identidade e orientação sexual o levou a buscar ajuda profissional. Segundo Hall (2003), a formação e transformação contínuas da identidade do sujeito resultaram em angústia, pela necessidade humana de escolher e se definir. Essas “crises de identidades” ocorrem por não haver mais um “eu central” ou uma “identidade fixa”, permanente. As relações sociais e culturais cada vez mais complexas produzem um mundo impregnado de simbologias, com as quais nos identificamos ou rejeitamos.

#### O mundo-vida em um corpo travestido

*Nessa época que eu me separei (de Fabiana), eu até me montei, cheguei a tomar hormônio, foi uma coisa muito louca. E eu estava tentando talvez criar esse lado que estava me faltando, que era a falta da Fabiana (...). Meu corpo ficou completamente diferente, os braços afinaram, eu perdi ombro, tive crescimento da glândula mamária. O hormônio, olha, é incrível! (...). Porque eu cheguei, em alguns lugares, a passar batido como mulher, juro por Deus! Cheguei a perguntar onde era banheiro para uma pessoa, e a pessoa apontar o banheiro feminino. Então eu me liguei que eu estava como mulher, mas a cabeça funcionando como de homem. Entrei em banheiro feminino de vários lugares, da rodoviária, de inúmeros lugares, mas com a cabeça de menino. E eu me senti, que eu não sou como ela (Fabiana). Isso serviu pra acentuar que eu não sou transexual, e eu não me sinto um homossexual ou um gay, que gosta de homens.*

Todos os aspectos referentes à orientação sexual e à identidade sexual estão muito interligados, o que levou José a um movimento de experimentação. Assim, ele relata momentos de sua vivência em que questiona sua identidade de gênero, em um processo de conhecimento de si no mundo e para o mundo. José passa pela experiência de mudança da identidade de gênero masculina para uma identidade feminina e transexual, questionando mais do que sua orientação sexual, mas sua forma de existir no mundo. Segundo Vencato (2009, p. 93) “o desejo de montar-se e a efetivação desse desejo constituem-se em uma experiência singular e importante para suas autoestimas, suas autoimagens e para sua percepção enquanto uma pessoa completa”.

As fantasias expõem desejos ocultos, vinculando os papéis vivenciados, os que sonham ou pretendem vivenciar com o fantasiado. Nesse sentido, as fantasias são impregnadas de sentido metafórico (ARENT, 2009).

### A existência na sexualidade

*Então, eu estava olhando lá (na internet) e eu encontrei uma palavra que define tudo isso, da minha pessoa e da minha personalidade, que é Ginandromorfia. Então, quer dizer, você não é necessariamente homossexual, você é um homem, você tem uma vida sexual, vamos dizer assim, com outro homem. Que é um homem que se transformou, mas você tem uma vida social, você se apresenta como tal. Por exemplo, você não me vê desmunhecar, você não me vê falar mole. Eu não tenho a necessidade disso... Então foi uma coisa que mexeu muito comigo, mas que serviu pra eu ver que eu realmente me encaixo nesse nome bem complicado né? Ginandromorfia. Eu acho que eu me encaixo bem nessa parte. Então eu consigo ter uma vida social normal.*

Em busca de um grupo classificatório com que se identifique José perpassa diferentes categorias. Assim, as categorias utilizadas por essas pessoas para falar sobre si não são fixas ao longo de sua trajetória individual. Como as categorias classificatórias utilizados por essas pessoas não são sempre fixas, torna-se necessário pensá-las em relação a outras categorias com que estes grupos se identifiquem ou não (VENCATO, 2009).

Ainda nesse trecho do relato, José nos revela não se considerar um homossexual. Na pesquisa de Blanchard e Collins (1993) sobre ginandromorfófilos (homens que se interessam sexualmente por transexuais e travestis), termo com que o colaborador diz ter se identificado, os homens estudados também não se definiram como “gays” ou homossexuais. Para esses estudiosos, a ginandromorfofilia se constitui como um interesse erótico singular e que deve ser diferenciado do hetero e homoerotismo.

Vê-se que o colaborador procura rotulações que possam ter força explicativa para traduzir seus desejos e reduzir sua angustia de não se “encaixar”, como ele mesmo diz, socialmente. A fixidez que existe com relação às classificações das dinâmicas de práticas e sexualidades, bem como, a carência de termos para dar conta do que de fato ocorrem nessas vivências são preenchidas com classificações êmicas (PELÚCIO, 2009).

Segundo Ortega e Zorzanelli (2010), a busca de conhecimentos médicos por meios não oficiais, como na internet e em associações virtuais, está cada vez mais comum. Até porque as pessoas estão sendo estimuladas a gerirem sua própria saúde. No entanto, a utilização crescente de tecnologias e o elevado grau de especialização no campo médico fazem com que o profissional da saúde escute cada vez menos seus pacientes. Paradoxalmente, há uma cobrança para que o médico seja objetivo em seu diagnóstico. Contraditoriamente, não pode para isso escutar os pacientes, enquanto estes estão cada vez mais capacitados a falar sobre o desvendamento de sua doença ou comportamento, em uma postura ativa. O que se vê, é um intenso processo de mudança que se passa na relação médico-paciente.

Para Louro (2001), há uma compreensão geral de que esses sujeitos constituem um tipo humano distintivo, mas a questão que se discute socialmente centra-se em seu significado moral, em que alguns apontam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade desse modo de vida enquanto outros anunciam sua normalidade e naturalidade.

### **Categoria 5: Nos horizontes da Homofobia**

*Porque realmente o que fica na cabeça das pessoas é que a maioria das travestis que eles conhecem são pessoas que são de rua, que têm um comportamento inadequado em algumas situações, então, ela é uma pessoa direita, ela trabalha, ela tem um salão de beleza, mas às vezes ela cai no geral, isso no conceito das pessoas. Às vezes a gente interpreta assim, mas às vezes nem é. Pode acontecer de não ser, mas sofre sim.*

O colaborador José tem a percepção de um olhar sempre condenatório destinado para as travestis. Segundo Pelúcio (2009), o julgamento de que a vida de travesti é algo ilegítimo vem da restrição decorrente do binarismo de gêneros, que gera a incompreensão da densidade dessa experiência. Assim, o fato de as travestis serem indeterminadas em relação ao gênero e orientação sexual tem lhes causados muitos danos. E o colaborador continua:

*Porque é muito difícil, uma travesti, uma transexual conseguir encontrar uma pessoa que não seja um gigolô, que não seja um aproveitador, que não seja uma pessoa que não tenha uma índole boa. Porque elas atraem, infelizmente, para elas esse tipo de homem. Que é o homem aproveitador, que é homem sem vergonha, vagabundo. O cara não trabalha e quer se aproveitar de alguma coisa, de alguma forma. Então eu jamais, eu tenho um pensamento diferente disso.*

Ao falar da impossibilidade de pessoas “boas” se aproximarem das travestis ou transexuais, podemos perceber que José também possui o preconceito em si, algo que pode ser compreendido devido a sua constituição mundana de irrefletido. Mas também, José parece utilizar a visão condenatória sobre as travestis para se afirmar perante sua parceira, como se ela jamais pudesse encontrar um parceiro bom como ele. Borges M. L. (2005) valida a afirmação de Kant sobre o amor e a inteligência, mas apenas para alguns homens, que acreditam que para amar uma pessoa seja necessário sentir-se em posição superior a ela, já que a igualdade inspiraria respeito e amizade, enquanto o amor precisaria da desigualdade (FÁVERO, 2010).

José relata também que:

*A gente (José e Fabiana) sai, vai pra todo lugar A gente vai para shopping, faz compra de mês em supermercado, a gente vai onde tem que ir e nós estamos juntos. A gente vai junto e vai de mão dada. A gente está lá! Um defendendo o outro, no que for preciso.*

Demonstra, assim, enfrentar o preconceito junto de sua parceira. Sendo que, atividades cotidianas como ir ao mercado com a companheira tornam-se atos que demanda defesa mútua. Para Bauman (2004), a vontade de cuidar e preservar o outro constitui o que chamamos de amor.

## **Categoria 6: O mundo-vida ao lado de uma transexual**

### O encontro com uma transexual

*Bom, isso foi antes da Fabiana, eu sempre procurei como eu disse, por esse meu desejo mesmo. Isso faz tempo já, porque eu olho assim eu acho bonito, entendeu? (...) Ai que veio o seguinte, eu comecei a formular na minha cabeça, falar: ‘Nossa! Como eu gostaria de ter uma pessoa assim, que eu pudesse conviver, que eu pudesse viver’. Mas é tão difícil, porque a maioria delas é de rua. Elas são prostitutas de rua. Tem um comportamento completamente... a maioria inadequado.*

Segundo Merleau-Ponty (2006), o projeto de movimento é um ato, quer dizer, ele traça a distância espaço-temporal e a atravessa.

Nesse sentido, o colaborador fala sobre o desejo e o fascínio que sempre nutriu pelas travestis, tendo recordações de momentos em sua infância que identificou tal desejo. Para Bauman (2004), o desejo é vontade de consumir, absorver e devorar. Assim, a alteridade é suficiente para instigar o desejo, que nada mais é do que o impulso de desvelar a diferença presente na alteridade, ou seja, desempoderá-la. E nesse sentido de aproximação da alteridade, José diz:

*E quando eu tive essa oportunidade de conhecer uma pessoa e conseguir ter uma vida afetiva, pra mim está sendo muito bom, está sendo ótimo... eu posso dizer no momento que eu estou muito feliz. Porque eu estou com uma pessoa que eu queria estar, o tipo de pessoa que eu queria estar e inclusive você vai se apaixonando... como eu posso dizer...ah...pela pessoa. Pelo jeito que ela é, não físico.*

Desta forma, assume corajosamente a busca por seu desejo bem como o compromisso amoroso decorrente de seu desejo, e demonstra satisfação por isso. Ainda na visão de Bauman (2004, p. 27), “Com a ação por impulso profundamente incutida na conduta cotidiana pelos poderes supremos do mercado de consumo, seguir um desejo é como caminhar constrangido, de modo desastrado e desconfortável, na direção do compromisso amoroso”.

*Eu gosto de uma mulher como ela (Fabiana). Uma mulher que não é mulher, mas com o estereótipo totalmente feminino. E isso me atrai. E, tendo ela um pênis e uma prótese de silicone. Eu saio pra rua com uma mulher, eu sinto que saio com uma mulher e não com um cara, então isso é legal, pra mim é bom, isso me satisfaz e me completa.*

O que José faz é desassociar a genitália de gênero, descolando, assim, sexo e gênero.

Para Pelúcio (2009, p. 81), esses descolamentos “*funcionam mais como uma estratégia de afirmação da masculinidade por meio do contraste com a feminilização do que uma percepção subversiva sobre a associação sexo-gênero-prática-desejo*”.

Nesse mesmo sentido, Butler (2003) crer que é a matriz de inteligibilidade formada por gênero, prática e desejo que institui e mantém relações de coerência e continuidade entre sexo.

### A relação sexual

*(...) Ela tinha esse bloqueio comigo (uso do pênis na relação sexual), e alguns relacionamentos anteriores dela também, ela me contou. Já chegou a citar pra mim que ela tinha esse problema, que, por exemplo, se ela ia ter um relacionamento com um cara, ela não deixava o cara nem ver o órgão sexual dela, quer dizer, não deixava nem ver!(...). Ah ta, vamos pra parte mais aberta? Hoje em dia, ela consegue ser um pouco mais ativa comigo e eu passivo. Então, depois da separação a gente conseguiu trocar, a gente voltou assim, um casal mais liberal, mais fortalecido.*

E continua:

*Porque somente nós temos no espaço sexual uma química ampla, tão fácil, que a gente não tem problema um com o outro. De se aproximar, ter um sexo oral e ter uma troca. Mas antes não era só ela que tinha problema com o órgão sexual dela, eu também tinha problema. Tipo, se antes eu queria que ela me penetrasse eu não tinha artifícios pra chegar até lá, pra mim o bloqueio era total, eu tinha esse problema também.*

Existe, então, uma dificuldade de José em expor seu desejo por ser passivo na relação sexual, tanto na entrevista quanto para sua parceira. Segundo Pelúcio (2009), entre as travestis o homem que deseja ser penetrado sofre preconceito, é desprestigiado e motivo de chacotas, como ser chamado de “mariconas”. Isso porque, apenas são considerados “homens de verdade” aqueles que são ativos, ou seja, penetradores e dominadores. Assim, estes homens que procuram relações sexuais para serem penetrados, além de não serem considerados “homens de verdade”, são julgados por encobrirem seus verdadeiros desejos em público, ou seja, terem frágeis valores morais.

### A cirurgia da parceira de redesignação sexual

*No começo ela teve toda essa paranóia, porque foi uma paranóia, foi foda pra ela. Foi difícil, e eu sofri com isso também... E quando ela desistiu, eu achei muito bom. Eu achei muito bom porque a gente sabe*

*tudo o que acontece com uma pessoa que faz uma cirurgia dessas, já é uma cirurgia complicada e que ela não vai mexer só com o corpo, ela vai mexer com toda a cabeça da pessoa. Porque a partir do momento que numa cirurgia dessas, você retira os testículos, você retira a produção dos hormônios masculinos, muda tudo. E só os hormônios que ela já tomava, inibidor de testosterona, só isso eu já sentia que era muito forte... Mas eu senti muito e tive muitos problemas com ela com todo esse vai e volta hormonal, esse sobe e desce dos hormônios, quer dizer acabou sendo complicado tanto quanto uma mulher ou até mais, porque os níveis de testosterona subiam e desciam, e o humor mudava espantosamente. Então, só eu sei o que eu passei com ela. Então, eu acho que precisa gostar muito pra estar com uma pessoa como ela, como eu estou até hoje, porque foi muito difícil.*

Na fala de José há uma preocupação com as consequências da cirurgia de redesignação sexual a que sua parceira, Fabiana, cogitou se submeter. Sua preocupação está muito focada nas mudanças decorrentes da cirurgia, principalmente no que se refere à produção de hormônios masculinos. Segundo Benedetti (2005), a nova condição do corpo instaurada pelos hormônios surge como algo fundamental para a construção da travestilidade. Assim, José demonstra querer preservar as características masculinas de sua parceira.

### **Categoria 7 – Projeto de vida**

*E pra muita gente, chegar à vida adulta e ter esse tipo de vida sexual é uma surpresa, mas para mim não é. Eu estou super bem, estou feliz como estou. Você vê, eu sou uma pessoa de caráter, ontem e hoje nós estamos pintando nosso apartamento, estão lá às latas de tintas, a gente está batalhando e conseguindo nossas coisas. Construindo nossas vidas juntos.*

O seu projeto de vida refere-se à intencionalidade, surgida das afinidades que foram diariamente revistas e avaliadas, envolvendo investimentos pessoais que desembocaram em um compromisso de acordo com seu grau de satisfação no relacionamento. Sendo assim, envolver-se em um relacionamento não significa optar por uma vida tranquila, mas por exercícios de convivência que exige esforço e habilidade (BAUMAN, 2004).

### **Perfil do colaborador 4: André**

O colaborador André tinha 26 anos à época da entrevista, dizia não ter religião, tinha grau de escolaridade Ensino Médio completo, trabalhava como pintor de carros e pertencia à

classe C. Seu estado civil era solteiro. Namorou e morou junto com a transexual Claudia por cinco anos e estavam separados há dois anos, mas continuavam “ficando”. Claudia era estudante universitária. André é o filho do meio entre três irmãos, morou em várias cidades em sua infância devido aos pais serem migrantes do nordeste do país. Relatou ter um jeito e gosto afeminados desde a infância. Ele se referiu a várias histórias de adultério de sua mãe, que levou a família a conflitos e separações, assim como situações de violação de seus direitos enquanto criança, como abandono e exposição a cenas de sexo da mãe. Também foi abusado sexualmente por um tio paterno. Em decorrência disso, saiu de casa aos 13 anos e passou a morar de favor numa fazenda em troca de comida e lugar para ficar. Logo, seu pai faleceu e seu irmão mais velho reuniu os irmãos em sua casa. Aos dezesseis foi morar com um amigo, voltou a estudar e começou a trabalhar. Nessa época, começou a namorar uma menina que o traiu com o amigo com quem compartilhava a casa. Aos 18 anos, conheceu Cláudia e foi morar com ela. Após a separação de Cláudia, André foi morar sozinho, mas continuou a se relacionar sexualmente com ela. Estava orgulhoso por ter conseguido alcançar seus objetivos de ascensão profissional e financeira. André foi comunicativo e divertido, não teve dificuldade para se expressar e nem para falar de sua vida pessoal. A entrevista foi realizada em Universidade Pública do interior de Minas Gerais, local onde Cláudia estudava.

### **Categoria 1: Nos horizontes da família**

*Então sou eu e mais dois irmãos, os dois já são casados o mais velho e o caçula são casados e eu sou o do meio. Meus pais eram do Rio Grande do Norte, e vieram pra cá, e cada filho foi nascendo num lugar. Eu nasci no Mato Grosso, meu irmão mais velho nasceu no Norte e o mais novo em Goiás. Mas nós vivemos a maior parte aqui em... (cidade do interior de Minas Gerais).*

O colaborador expõe sua forma de inserção no mundo, por meio do seu corpo, a partir do espaço em que ele se situa em sua família, e como sua família situa-se no mundo. Bem como, desse não-estar decorrente das constantes mudanças de lugares.

Marandola Jr. e Gallo (2009), explicam em termos ontológicos, que os processos migratórios têm como elementos centrais um movimento de perturbação na segurança existencial e na identidade territorial dos sujeitos. Assim, a migração por ser um fenômeno geográfico e existencial em si envolve tanto a materialidade quanto a produção social e a corporeidade.

Nesse sentido, Merleau-Ponty (2006) diz que é através da experiência, que se dá por meio do corpo, que construímos a correlação ser-lugar. Assim, nossas percepções, sensações,

cognições, representações e até nossas imaginações sobre um lugar são apreendidas e passam a constituir o nosso ser.

Assim continua seu relato:

*(...) minha mãe traía muito meu pai e eles largaram, e eu sempre ia morar com meu pai. Aí eles (pai e mãe) voltaram, e nós fomos morar numa fazenda. E na fazenda meu pai levantava bem cedo pra ir tirar leite, e tinha um amigo do meu pai que morava dentro de casa, e casarão antigo não tinha cômodo, não tinha divisão, só tinha as paredes. E minha mãe saía da cama dela e do meu pai pra ir dormir com esse cara, na nossa frente. E a gente ficava ouvindo os barulhos, tudo escuro, e eu com oito ou nove anos, ficava pensando o que é que está acontecendo. Na realidade eu já sabia que era sexo, mas é horrível porque era minha mãe! E traindo meu pai! E meu pai descobriu e largou dela de novo. (...) Depois de um tempo ela veio também (para a cidade), e a gente ficou morando com ela uns três meses e ela fez a mesma coisa com outro cara, na nossa frente de novo no sofá, não gosto nem de lembrar. Aí eu já estava com uns dez anos, e foi péssimo.*

As inúmeras separações, traições e uniões dos pais de André fazem com que eles focalizem a atenção apenas para o casal e negligenciem os filhos, que é uma das formas possíveis de violência doméstica assim como é a exposição a cenas de sexo.

Azevedo e Guerra (1989) afirmam que qualquer ação violenta ou omissão praticada no espaço familiar, por adultos, pais e/ou responsáveis, contra crianças ou adolescentes, é violência doméstica. Assim, são movimentos de violência interpessoal que se apoiam no abuso do poder desses pais e/ou responsáveis perante crianças ou adolescentes, que são reduzidas à condição de objeto. Podem vir sob a forma de negligência, violência física, psicológica e sexual.

Para Jacobson (2007), as questões de gênero estão estreitamente ligadas com a formação da sexualidade na família e com seus recursos educacionais, sociais, econômicos e culturais. O entendimento que o sujeito possui sobre a sexualidade vai ser determinado pela condição de vida da família, como por exemplo, a noção de intimidade e privacidade existentes dentro de casa, a educação que seus membros têm acesso, entre outros.

Sobre a mãe André relata:

*E quando eu era criança eu nunca gostei da minha mãe igual eu gostei do meu pai. (...) E minha mãe estava casada com um cara que era traficante, mala pra caramba, batia nela, mas ela devia gostar porque num largava do cara. E nós fomos morar com meu pai.*

A mágoa da mãe expressa no relato do colaborador aponta para o sentimento de abandono e para uma responsabilização dela pelos seus problemas na infância, embora defina

uma mulher também fragilizada, vítima de violência doméstica.

Para Fávero (2010), os processos psicológicos presentes na violência doméstica são muito complexos, assim como a mulher abandonar seu agressor. Essa decisão envolve o aumento da situação de risco e perigo, além do risco financeiro que em alguns casos é significativo já que inclui até necessidades básicas, além das implicações psicológicas, principalmente para mulheres que sofram violência há muito tempo.

Ainda no âmbito da violência, André relata:

*Nisso meu tio, irmão do meu pai, veio fazer graça, tentou abusar de mim, foi péssimo, tentou arrancar a minha roupa e eu comecei a brigar, num deixei, porque eu já estava com uns treze ou quatorze anos. E ele fez isso porque lá na rua onde eu morava na época, eu tinha um cabelão grande, e sabe aqueles Backstreet Boys? Eu era fã incondicional deles! E todo mundo falava que eu era gay, porque era fã deles, num arrumava namorada.*

Chauí (1985, p. 35) nos ensina que a violência é a “ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência”, e que implica uma “relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e opressão”.

E é por essa condição hierárquica que, ao relatar a tentativa de abuso sexual sofrida, sua fala sugere o sentimento de culpa, no sentido em que busca significados em si para o abuso: “*E ele fez isso porque lá na rua onde eu morava na época, eu tinha um cabelão grande (...) E todo mundo falava que eu era gay*”. Esse sentimento é muito comum em pessoas que sofreram algum tipo de violência sexual na infância.

Sua culpa estaria ligada a sua identificação com o gênero feminino já que o fundamento para a socialização masculina é a oposição ao feminino, que se torna motivo de rejeição. Essa dominação masculina permite aos homens uma posição de vantagens sobre ao que é feminino produzindo a homofobia, ao excluir e estigmatizar homens que não reproduzem essa rejeição ao feminino (WELZER-LANG, 2001).

Assim, André continua:

*E eu não aceitei meu tio fazer aquilo (abuso sexual) e sai de casa, fui morar numa fazenda, e o cara só pra me deixar morar lá, eu olhava a propriedade dele e cuidava do gado dele. Então com treze anos eu fui morar sozinho. Logo meu pai morreu, foi assassinado. Quando isso aconteceu, meu irmão mais velho veio e nós fomos morar com ele e com a esposa, eu e meu irmão mais novo. (...) Antes, eu dependia muito mesmo dos outros. Morava assim de favor na casa dos outros,*

*não tinha uma independência. Porque eu nunca tive estrutura familiar, em casa. (...) com dezesseis anos eu peguei e fui morar com um amigo meu, fui trabalhar, estudar (...) eu não tinha pai, minha avó não me dava dinheiro, minha mãe eu nem sabia onde é que ela estava e eu tinha que me virar. Aí fui indo de canto em canto, de canto em canto, com meus dezoito anos fui trabalhar na (grande empresa de cidade), agora mais velho estou com esse trabalho com carros. (...) Foi aí que eu peguei, juntei um dinheirinho, comprei meus móveis tudinho, aluguei um apartamento só pra mim e foi muito bom!*

Desde o início de seu relato André aponta para um nomadismo, um sem-lugar, e para um incomodo diante disso, um desejo de ter seu espaço. Segundo Marandola Jr. e Gallo (2009, p. 5):

A casa como “fundamento espacial do ser-no-mundo” será o lugar mais absorvido e internalizado, sendo base constituinte da identidade e da forma de ser do indivíduo. A casa é onde a pessoa busca seu lugar no mundo. Tendo se afastado de sua referência identitária essencial, a casa, pode envolver toda a terra natal e seu imaginário, no ato/processo de personalizar a sua casa é que o migrante recoloca as bases espaciais de sua existência. Tornando a casa uma expressão de si mesmo a pessoa traz à tona/convoca o seu ser. Personalizar a casa é apropriar-se, fixar-se, enraizar-se, sendo, portanto fundamental para o migrante alcançar tranquilidade e estabilidade ontológica no lugar de destino.

## **Categoria 2: Vivências heteroafetivas-sexuais**

*Bem, eu tenho 26 anos, e perdi a virgindade com 18 anos. Foi com uma menina, eu namorava com ela e perdi. E eu comecei a namorar com ela, e ela era muito pilantra. Foi minha primeira namorada. Muito pilantra e eu comecei a perceber, e foi indo até que eu descobri que ela estava me traindo, e eu fiquei decepcionado “pra caralho”, comecei a ficar com outras, nós largamos, mas até então a gente nunca tinha brigado (...). Então eu morava com um amigo meu, numa casa, e eu fui e peguei essa namorada minha com esse amigo meu, aí nesse dia eu larguei e nesse mesmo dia eu sai (boate gay).*

Assim como o colaborador 2, Paulo, André relata um vivência amorosa falsa, que só foi possível de ser desvelada como falsa após sua decepção ou desilusão. Para Merleau-Ponty (2006, p. 507): “Um amor verdadeiro termina quando eu mudo ou a pessoa amada mudou; um amor falso revela-se falso quando volto a mim. A diferença é intrínseca. (...) o falso amor diz respeito ao personagem que creio ser no momento em que o vivo (...)”. Apesar de a traição ser o motivo da separação, Paulo já se interessava por boates gays, local onde foi buscar consolo para sua desilusão. Tal comportamento aponta para uma orientação sexual não heterossexual. No entanto em seu relato:

*Mas depois que a Cláudia (namorada transexual) e eu largamos tive um relacionamento com uma menina, foi legal, espantou os males que me rondavam de fim de namoro (...). Mas voltando na menina (último namoro), o namoro foi muito bom, mas o problema dela é que ela só queria saber do meu passado, e toda hora perguntando e eu falando não. Ela falava que tinha ouvido falar que eu tinha um passado meio podre. E ela perguntava do meu passado e eu falava não, você quer saber do meu passado pra que, você tem que saber de mim hoje. Mas foi indo, e pra eu não falar pra ela aquilo que ela queria ouvir, mas aquilo que ela queria ouvir era o fim. Mas também foi o fim por eu não ter falado. Mas foi bom.*

Dessa forma, ele continua na postura do irrefletido perante sua vivência afetivo-sexual, evita refletir e tomar consciência sobre a representação do que seu relacionamento não heterossexual representa para si. Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 526): “A existência sempre assume seu passado, seja aceitando-o ou recusando-o”. Nesse sentido, o autor também diz: “É preciso admitir a aquisição como um fenômeno irreduzível. Aquilo que vivemos é e permanece perpetuamente para nós, o velho toca sua infância” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 526).

### **Categoria 3: Vivências homoafetivas-sexuais**

*Bom, é. Eu nunca tive esse tipo de experiência sexual (homossexual), foi só com ela (Cláudia) mesmo, as outras relações no caso, assim, foi só mulher mesmo. Foi a única experiência com pessoa do mesmo sexo que eu né. Só com a Cláudia, assim, nunca deu vontade, de querer assim. Bom, é que antes eu sempre namorei meninas, tranquilo. (...) me atrai a aparência feminina, e eu não sei o que me levou a ficar com outro homem, a Cláudia. Porque eu nunca tive isso como opção, eu sempre gostei de mulher.*

O colaborador diz nunca ter vivenciado relações homossexuais e que sua única vivência não heterossexual foi o relacionamento com Cláudia, transexual. Em sua fala, ele expõe uma significação de que sua relação com a Cláudia se trata de uma relação com outro homem. Assim, para ele não há distinção entre uma relação homossexual e uma relação com uma travesti ou transexual.

O fato de ele referir que sua relação com Cláudia foi uma vivência da qual não era sua opção, remete a fala de Merleau-Ponty (2006, p. 585) sobre a liberdade: “Só há escolha livre se a liberdade se compromete em sua decisão e põe a situação que ela escolhe como situação de liberdade”. Nesse sentido, sua escolha por se relacionar com mulheres não era livre, pois para ele sua única possibilidade era se relacionar dessa maneira.

#### **Categoria 4: Transições e descobertas: orientação e identidade sexual**

*Já pensei, será que foi o meu passado. Porque quando eu tinha doze, treze anos meu tio tentou me abusar, sei lá, poder ser que sim ou não (...). Eu não consigo entender minha orientação, onde é que eu estou encaixado nessa sociedade. E eu estou decidido a não ficar mais com a Cláudia, mas se ela me ligar eu não sei como vai ser. Mas eu não entendo essa questão, sou ou não sou (gay). De vez em quando eu faço essa pergunta pra mim mesmo: Filho, onde é que você está? (risada) Mas eu penso assim, eu fiquei com Cláudia, tive um relacionamento com ela, e se realmente à gente deixar de ficar junto, eu só vou ter relação com mulher, no caso. Então eu vou voltar a ser homem. Ou não né, porque se eu tive relação com ela vou ser sempre gay.*

Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 506), “Mesmo se construo toda minha vida sobre um incidente de puberdade, esse incidente conserva seu caráter contingente e é minha vida inteira que é ‘falsa’”. Nesse sentido, o fato do colaborador apontar a sua experiência de abuso como causa de sua orientação sexual ou de suas experiências de gênero trata-se de uma explicação reducionista sobre a complexidade da sexualidade além de não lhe trazer um conhecimento sobre si.

A dúvida sobre sua orientação sexual aponta para uma não identificação com a homossexualidade, mas com a reflexão de que esse é a identidade que mais se aproxima de sua experiência. Tais pensamentos fazem com que ele se questione sobre quem ele é e onde se encaixa socialmente. O pensamento, historicamente traçado, de sexualidades, gêneros e subjetividades serem binários, ou seja, divididos em homens ou mulheres, heterossexuais ou homossexuais. A sensação de ansiedade e angústia experimentada por André é decorrente de não estar em seu conhecimento à possibilidade de se compreender para além desse binarismo instituído.

Sua preocupação está acerca do rótulo social “gay”, como na fala dele aparece: “*se realmente à gente deixar de ficar junto, eu só vou ter relação com mulher, no caso. Então eu vou voltar a ser homem. Ou não né, porque se eu tive relação com ela vou ser sempre gay*”. Na visão de Pelúcio (2009, p. 82):

*A anormalidade que a categoria homossexual suscita é contraposta por vários desses homens pela afirmação sistemática de sua heterossexualidade, isto é, da sua normalidade, assegurada pelo seu comportamento, mais do que pelos seus desejos e práticas, ainda que sejam eles que desestabilizam essa certeza. Por outro lado, são estes, justamente, que atestam a normalidade.*

O colaborador também relata:

*Porque eu sempre tive cabelo grande, eu sempre gostei de moda. Homem não pode gostar de moda, e muito menos ter cabelo comprido. Homem não pode, homem tem que gostar de futebol. Ter amizade com mulheres então, porque eu tenho muita amizade com várias mulheres, homem tem é que deitar com mulher. Olha só, se três caras sentam numa mesa, só falam de futebol e mulher, não acontece outra coisa. Sempre usei brincos na orelha, gesticulo muito pra falar e também eu não sou de ficar em rodinha com homens sabe. Ai eles ficam falando, você só quer sair com mulher, num gosta de boteco. E o que eu posso fazer? Eu gosto de ir a barzinho bonitinho, charmozinho. Eu não gosto do que eles gostam. E eu sou de muita opinião.*

Sua fala remete a identidade de gênero e os papéis sociais de gênero, que estão socialmente ligados a estereótipos de homens marcados pelos excessos sexuais, violência e oposição ao feminino (CARRARA, 2009). Tais estereótipos começam, na contemporaneidade, a serem questionados pelos homens que começam a reivindicar um espaço social diferente. Assim, permite-se às novas subjetividades masculinas ter características ditas femininas, em um processo de redefinição do corpo e da condição masculina, o homem agora pode admitir sua fragilidade e até sensibilidade (SILVA, 2000).

*(...) Assim, se eu vejo uma travesti, eu penso: Ah, bonita, diferente. Porque eu acho bonita, eu fico pensando, eu na cama com ela e tal, mas e se a gente for e ela querer fazer outra coisa, eu vou acabar apelando e não vai dar certo! Querer ser ativo entendeu? Ativo sou eu, então não vai dar certo, eu não daria conta. Nem curiosidade nunca bateu. E eu evito ficar com outra (travesti) por causa disso. Mas vontade assim, eu tenho. Tenho atração por outras travestis, eu vejo assim, acho muito bonito. É meio complicado, mas acontece de eu sentir, de ver.*

Existe um contraponto entre o corpo subversivo das transexuais e travestis e o corpo normalizado e adaptado a masculinidade hegemônica dos seus parceiros afetivo e/ou sexual. Isso, porque, o corpo transgressivo e associado ao mal e ao desvio das transexuais e travestis não poderiam ser desejados ou até mesmo amados por homens considerados “normais”, casados e heterossexuais. Muitas vezes o gozo acaba por torna-se cheio de remorsos e questionamentos (Pelúcio, 2009).

Ainda segundo Pelúcio (2009), as travestis consideram o homem que deseja ser penetrado como “mariconas”, logo sofrem preconceito e são desprestigiados. Assim, há uma reprodução de valores patriarcais da dominação masculina em que os “homens de verdade” são ativos, ou seja, penetradores.

*E eu fiquei muito mal mesmo uma época. Porque eu era um cara todo certinho, ia à igreja e tudo, muito certinho. E de repente com tudo isso, a Cláudia na minha vida, eu procurei ajuda, procurei a psicóloga, lá da empresa, uma pessoa incrível. A gente conversou muito. E eu queria tomar vergonha na minha cara, ser mais eu.*

Sendo André um ser no mundo, sua angústia decorre dos discursos dominantes heteronormativos presentes na sociedade, que surgem a partir de instituições como a igreja e a psiquiatria. Essas instituições buscam corrigir ou controlar os sujeitos que se desviam do desejo heterossexual tradicional que passam a ser definidas como doença, crime ou pecado (FOUCAULT, 1987). André também aponta para o discurso social de que as práticas não heterossexuais seriam amorais, e assim “*falta de vergonha na cara*”.

Nos dizeres de Merleau-Ponty (2006, p. 612) “Não precisamos temer que nossas escolhas ou nossas ações restrinjam nossa liberdade, já que apenas a escolha e a ação nos liberam de nossas âncoras”.

### **Categoria 5: Nos horizontes da homofobia**

*Eu acho que isso (preconceito) vem tudo do lugar onde eu morava, que eu cresci, porque o pessoal lá não aceita isso (homossexualidade). Então vem deles não aceitarem e eu não querer mostrar pra eles. Eles falam ainda, fala, mas nunca viu. Então não tem como provar. Mas eu acho que o preconceito é meu mesmo (...) Porque no serviço, eu nunca cheguei para os meus colegas e disse: Ah, eu sou, sou... Eu... Eu moro com outra pessoa. Nunca, nunca ninguém soube. E nem minha família, meus avós, meus primos, irmãos, eu nunca falei. Em oito anos, só umas três ou quatro pessoas ficaram sabendo só. (...) No meu trabalho ninguém soube na época, quando eu trabalhava na... (empresa). Mas meu irmão mais novo sabe, meu primo sabe. E até as pessoas assim do meu convívio eles falam: Ah! Você é gay, e num sei o que. Mas nunca tiveram prova, prova concreta.*

E relata também:

*Na realidade eu não sei se vou deixar isso acontecer (outro relacionamento não heterossexual). Acho que eu mesmo tenho preconceito. Porque eu acho isso errado, porque eu mesmo não deixo as outras pessoas saberem, não deixo ninguém saber, e isso é preconceito meu. Que nem, tem um amigo meu que sabe toda a história, conviveu junto, ia lá à casa da Cláudia. E ele falava: Cara você é muito ninja! Como é que você consegue fazer isso? Morar com ela (Cláudia) durante seis anos e ninguém saber, o tanto que essa*

*cidade é pequena. E ficava com essa brincadeira de ninja porque eu escondia muito bem. Mas eu saía com ela na rua de mão dada, andava junto, ia pra boate junto, no shopping.*

Há uma clandestinidade no relacionamento de André e Cláudia decorrente da homofobia. Segundo Miskolci (2007) a homossexualidade é vista como uma ameaça à ordem já que se trata de uma prática sexual estigmatizada e encarada como um desvio da normalidade. Assim, é considerada uma múltipla ameaça já que subverte a ideia de sexo para a reprodução biológica, para a divisão tradicional de poder entre o homem e a mulher na família e na sociedade e, sobretudo, para a manutenção dos valores e da moralidade responsáveis por toda uma ordem e visão de mundo.

Segundo Goffman (2004), na tentativa de evitar desgastes psicológicos os sujeitos estigmatizados atuam tentando ocultar seu estigma, ou ainda, influenciar a visão do mundo sobre si a fim de evitar experiências desagradáveis em suas relações sociais e íntimas, prevenindo-se de todas as formas possíveis para que o seu estigma não seja revelado de maneira irrefletida.

*Se o sujeito está em situação, se até mesmo ele não é senão uma possibilidade de situações, é porque ele só realiza sua ipseidade sendo efetivamente corpo e entrando, através desse corpo, no mundo. Se, refletindo na essência da subjetividade, eu a encontro ligada a essência do corpo é a essência do mundo, é porque minha existência como subjetividade é uma e a mesma que minha existência como corpo e com a existência do mundo, e porque finalmente o sujeito que sou, concretamente tomado, é inseparável deste corpo-aqui e deste mundo-aqui (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 547).*

## **Categoria 6: O mundo-vida ao lado de uma transexual**

### O encontro com uma transexual

*Eu vi a Cláudia (na boate gay), conheci, e começamos a “ficar”. E no outro dia, eu fui jogar bola a tarde e depois fui a casa dela. Eu cheguei lá, tinha um colega dela, um travesti. Nessa hora me deu até medo, pensei: Isso está errado, o que eu estou fazendo, onde é que eu estou entrando! E a gente acabou ficando de novo. E aí nesse tempo todinho, nós levamos seis meses pra ficar, na cama, sexo mesmo. E foi estranho, foi legal, foi assim (faz um suspiro profundo) sei lá, eu não conseguia assimilar as coisas e foi indo, a gente continuou ficando, cada vez mais ficando. Aí eu já parei de ficar com as meninas que eu estava ficando. E eu comecei a ficar de novo com uma menina que eu estava ficando e a Cláudia me “pegou no pulo”. E ela me mandou decidir! E eu escolhi ficar com a Cláudia. E eu parei de dividir casa*

*com um colega e fui morar com ela. Isso sem ninguém saber, nunca meus colegas do trabalho souberam. E foram cinco anos a gente morando junto (...)*

Sua fala mostra a ambiguidade de sentimentos desse momento de encontro, ligados ao prazer e a interdição, a busca da experiência de se relacionar com uma transexual e a culpa decorrente da moral internalizada que tal relacionamento é “errado”. Em seguida, a tentativa de se envolver em outro relacionamento, com uma mulher, mas a impossibilidade de abandonar ou esquecer a vivência desejada.

Nesse sentido, Merleau-Ponty (2006, p. 219) nos esclarece:

*É a sexualidade que faz com que o homem tenha uma história. Se a história sexual do homem oferece a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem projeta-se sua maneira de ser a respeito do mundo, quer dizer, a respeito do tempo e a respeito dos outros homens.*

### Ciúme

*Mas, nós brigávamos muito, muito, muito, muito. Eu era, na época, muito possessivo. (...) Bom, comecei a ver coisa que eu não estava aceitando mais, traição na cara dura mesmo sabe. Coisa de internet falava pra mim que não tinha nada a ver, sexo virtual eu via e ela falava que não era. E eu não aceitava, era errado, não interessa.*

O ciúme mencionado refere-se a um sentimento de insegurança decorrente de traições por contatos virtuais. Segundo Bauman (2004), o cenário atual, da pós-modernidade, traz consigo uma fragilidade dos laços humanos que provoca cada vez mais insegurança, as pessoas priorizam contatos que não ultrapassem o virtual e relacionamentos em “redes”, já que estes podem ser tecidos e desmanchados com a mesma facilidade. O resultado desta ‘confusão’ de práticas e valores é a falta de habilidade em se relacionar, o distanciamento e a ausência de valores como empatia e afetividade.

### A relação sexual

*Assim, eu e a Cláudia, ela nunca usou o (pênis) dela comigo não, não deixava nem ver. E assim, como eu posso dizer, eu sempre fui ativo. E é diferente do que uma relação com mulher, bem diferente, é bem melhor. Num sei também. Pode ser porque eu e a Cláudia tínhamos uma relação que ia muito além do que sexo, era uma relação de apoio mesmo, de gostar muito. Nós éramos companheiros mesmo. Assim, ela não queria que visse, mas numa relação sexual não tem jeito, você acaba vendo. Não tem jeito. Pesquisadora: E como era pra você ver? Eu não gostava não.*

Novamente o colaborador reforça sua condição de penetrador e ativo, apontando para

um caráter de dominação masculina. E revela a vergonha de Cláudia diante de seu órgão genital. Pinto e Bruns (2003) creem que esse drama torna-se intenso e a transexual acaba por manter com o seu corpo uma relação de distanciamento e impessoalidade.

#### A cirurgia da parceira de redesignação sexual:

*Nossa e teve uma época que ela tomou hormônio! Nossa senhora! Ela ficava três vezes pior do que ela já é! Só brigava, os nervos a flor da pele! E ela teve um problema sério com o silicone e teve que operar, foi dureza. (...) ela correu atrás de uns papéis uma época, mas não deu certo (a cirurgia de redesignação sexual), ela ficou bem estressada também. Eu acho que ia ser muito bom pra ela. Eu torço que dê certo ainda. Ela ainda quer muito fazer a cirurgia. Eu torço para que as coisas deem certo pra ela.*

Ao falar do processo de feminilização de Cláudia, André relata uma nova condição instaurada no corpo dela pela utilização de hormônios, algo fundamental para a construção da travestilidade, mas que provoca mudanças profundas no humor e conseqüentemente na relação do casal (Benedetti, 2005). Sobre a cirurgia de redesignação sexual demonstrou pouco saber além de ser a realização de um desejo profundo de sua ex-parceira.

#### Separação

*Era muita briga mesmo, coisa de jogar na cara um do outro: eu faço faculdade, você não procura fazer nada. E eu morava na casa dela. Ela falava: você está morando na minha casa. E eu fui criando aquela dependência dela mesmo. Porque eu só fazia o que a Cláudia queria, era muito dependente, financeiramente, mas principalmente emocional, muito emocional. E ela me deixava de um jeito, de raiva eu não dormia. Eu tomava remédio pra dormir e mesmo assim não conseguia, vidrado nela. Pior que nunca usei droga, nunca fui preso, mas era pior que droga, pior do que ficar sem liberdade. Aquela vontade sair e ao mesmo tempo aquele medo de perder. Eu não quero mais sentir isso na minha vida tão cedo.*

Observam-se aqui sentimentos ambivalentes e uma alternância entre os sentimentos de medo, culpa e raiva. Assim, misturam-se o medo de ficar só, a culpa por não querer mais o relacionamento e a coabitação, a raiva da parceira que não mais consegue garantir sua felicidade. Na separação sempre existe uma esperança voltada para que a nova situação traga alívio e alguma realização até então não conquistada (Nazareth, 2004). Mas o casal ainda não conseguiu se separar, como mostra o relato a seguir:

*Aí ela (Cláudia) liga de madrugada: o que você está fazendo? Eu*

*falo: estou dormindo! Lógico. Ai já me chama pra ficar com ela, a gente fica. Ai briga, aí liga, aí fica, e vai indo. O bom pra mim vai ser quando ela for embora, terminar a faculdade, faltam seis meses né, aí a gente se desprende, eu estou contando nos dedos pra acabar essa faculdade. Porque a gente perdeu o respeito, não existe mais respeito no nosso relacionamento, então não tem volta. Não tem mais como.*

Há uma repetição do casamento e separação dos pais de André, na separação dele e de Cláudia, com padrões de diversas idas e vindas, brigas, dificuldade em terminar, traições. Também é importante mencionar que é no sistema familiar que primeiramente experimentamos nossa sexualidade, sendo que, de certa forma ela é aprendida e apreendida, e experimentada via legados familiares, como em diálogos, toques e impressões. Podemos observar, por exemplo, que muitas vezes alguns comportamentos sexuais se repetem entre gerações de uma família, por terem sido transmitidos intergeracionalmente (JACOBSON 2007).

### **Categoria 7 – Projeto de vida**

*Para falar a verdade eu estou um verdadeiro cachorro. (Risada). É verdade! Fico com uma menina, daqui a pouco canso e fico com outra. Falo que vou ligar e não ligo. Na realidade eu não estou com ninguém, ou melhor, estou com alguém. Estou preso lá com a Cláudia, não consigo ter um relacionamento novo por causa dela. Mas você sabe que se a Cláudia fosse embora de... (cidade que moram) eu namoraria de boa, eu ficaria com uma menina. Não procuraria outro travesti. Se ia bater saudade e se eu iria atrás dela não sei, se eu ia sentir muita falta também não sei.*

André retorna a uma busca em se envolver em um relacionamento de amor falso, construindo um personagem do heterossexual padrão para si. Mas ainda sem conseguir, pois tem consciência da falta de sentimentos de seus relacionamentos atuais. E assim diz:

*Tem uma música do Capital Inicial que eu acho que é bem a minha vida, o trecho é assim: O que você faz quando ninguém te vê fazendo, e o que você queria fazer se ninguém pudesse te ver. É uma coisa assim meio louca.*

A preocupação com o julgamento social aparece marcadamente no relato de André, seu desejo de uma relação não heterossexual é encoberto pelas dificuldades sociais que envolvem esse tipo de relacionamento. Para Merleau-Ponty (2006, p. 586):

*Se a liberdade é a liberdade de fazer, é preciso que aquilo que ela faz não seja desfeito em seguida por uma nova liberdade. Portanto, é preciso que cada instante não seja um mundo fechado, é preciso que um instante possa envolver os seguintes, é preciso que, uma vez tomada a decisão e*

iniciada a ação, eu disponha de uma saber adquirido, eu me beneficie de meu élan, eu esteja inclinado a continuar.

### **Perfil do colaborador 5: Miguel**

À época da entrevista o colaborador Miguel tinha 28 anos, dizia não seguir nenhuma religião, tinha grau de escolaridade Superior incompleto, trabalhava como mecânico industrial e foi classificado como classe D no perfil socioeconômico. Seu estado civil era divorciado e namorava a transexual Simone – uma professora concursada do Estado – há um ano. Miguel se refere a dois relacionamentos significativos antes deste com Simone, o primeiro, com a mulher com quem foi casado durante três anos e com quem teve uma filha que estava com sete anos à época. O segundo, com outra mulher com quem namorou durante oito meses. Miguel teve uma infância tranquila, nunca conheceu seu pai, é o filho do meio entre três irmãos. Também possui um irmão de criação que é André, o colaborador 4, e diz ter ótima relação com ele. Sua mãe criou André por muito tempo (não soube dizer exatamente quanto tempo) e continuou a cuidar dele mesmo quando ele já não morava com ela. Refere um período de dificuldade financeira em que trabalhava na feira e estudava, o que culminou com o fim de seu casamento. Relata que seu primeiro contato com travestis e transexuais se deu através de André e que conheceu Simone através de Cláudia, namorada de André. Miguel foi comunicativo e divertido, não teve dificuldade para se expressar e nem para falar de sua vida pessoal. A entrevista foi realizada em Universidade Pública do interior de Minas Gerais, onde Miguel estudava.

#### **Categoria 1: Nos horizontes da família**

*Da família, minha relação é ótima, eu tento conversar com ela (mãe), por umas coisas na cabeça dela, mas ela inda tem muito preconceito, ela não aceita não, e por isso eu não falo nada (sobre seu relacionamento com uma transexual). E meu irmão mais velho também, ele trabalha lá comigo, se ele souber também vai dar um ataque. (...) Eu tenho uma prima que assumiu que era lésbica, e minha tia é evangélica. Então ela (tia) ficou doida da cabeça! (Risada) Diz a minha mãe que ela quase morreu!*

Apesar do bom relacionamento familiar, existe uma dificuldade de diálogo a respeito de suas vivências afetivo-sexuais, com a mãe e o irmão mais velho, que André atribui ao preconceito. Essa dificuldade de compreensão da vivência não heterossexual se estende a família ampliada, e é atribuída a formação e práticas religiosas.

Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 249): “Para que eu compreenda as falas do outro, evidentemente é preciso que seu vocabulário e sua sintaxe “já sejam conhecidos” por mim”. O autor nos diz ainda: “Não é com “representações” ou com um pensamento que em primeiro lugar eu comunico, mas com um sujeito falante, com um certo estilo de ser e com o “mundo” que ele visa” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 249).

Assim, o mundo-vida dos familiares de André está fundamentado nos paradigmas do patriarcado e de padrões de religiosidade, o que promove uma dificuldade na compreensão da vivência do filho que está fora dos padrões da heteronormatividade, e conseqüentemente do repertório conhecido por eles.

*Já o meu irmão mais novo é tranquilo. O meu irmão mais novo e o André, que é meu irmão de criação, e eu já tivemos relação (com travestis e transexuais), os três já tiveram relação com homossexual, assim né, travesti. Nós três temos a cabeça mais aberta. Porque assim, se a gente tem afinidade com a pessoa, não é isso que vai atrapalhar. (...) Os familiares dela (Simone, transexual), eu conheço a mãe dela, eu vivo na casa dela, durmo na casa dela. Porque é muito mais fácil ir a casa dela, dormir na minha casa é impossível. Não tem jeito.*

De forma contrária, seus irmãos e a família de Simone já possuem uma compreensão sobre as relações afetivas e sexuais com travestis ou transexuais. No entanto, a fala de Miguel “os três já tiveram relação com homossexual, assim né, travesti” expressa um paradoxo existente na forma da maioria das pessoas verem as travestis e as transexuais, sem uma definição segura de gênero e orientação sexual. Isso é prejudicial para elas, já que a maioria das pessoas são orientadas pelo binarismo de gênero e não conseguem dimensionar a complexidade dessa experiência (PELÚCIO, 2009).

## **Categoria 2: Vivências heteroafetivas-sexuais**

*Ela (esposa) não queria nada comigo, e eu meio que forcei ela me beijar, e aí ela gostou, a gente começou a ficar e ficar. E acabou que eu comecei a namorar com ela, e era muito bom. (...) Com o tempo fomos deixando de gostar um do outro e começamos a brigar demais. Sabe? Pessoa nova, filho novo, muitas contas para pagar. Bem, quando a necessidade entra pela porta o amor pula pela janela (Risada) Um dia, depois de uma briga a gente resolveu, acabou. Nós separamos, e com o nervoso eu falei pode levar tudo. Tinha carro, moto, casa e a mobília completa. E eu fui trabalhar, depois fui pra escola, e quando eu cheguei em casa tinha só o fogão e a cama de casal (Risada). Eu fiquei em uma situação meio crítica. Fui lá*

*comprei um litro de vinho, sentei do lado do fogão, tomei tudo e dormi ali mesmo. No outro dia acordei e decidi que tinha que correr atrás da minha vida e procurar melhorar sempre. Ela foi um grande amor na minha vida, sempre tive uma quedinha por ela e tenho até hoje.*

O relacionamento inicia a partir de um padrão de dominação masculina, por meio da demarcação de sua posição de poder sobre a esposa, e conseqüentemente sobre o feminino. Em seguida, aparece uma fragmentação entre o “homem guerreiro”, marcado por excessos sexuais e violência, e o “homem doméstico” voltado para a paternagem e família (CARRARA, 2009). Essa crise típica do homem contemporâneo é então agravada pelas dificuldades financeiras e pela impossibilidade de prover a família, função historicamente atribuída ao homem, desembocando na separação.

Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 507): “Um amor verdadeiro termina quando eu mudo ou a pessoa amada mudou”. A mudança de Miguel ao olhar da esposa ocorre quando ele mostra sua fragilidade perdendo, assim, seu poder.

*Depois disso vem à outra também, fiquei oito meses com ela, também tive relação e tudo com ela, e com o decorrer do tempo foi desgastando. E eu como uma pessoa que seleciona com quem quer ficar e tal, eu acabo me desligando se eu não vejo nela o potencial do que eu quero. Ai com o tempo eu fui vendo que ela não era o que eu queria. E a gente acaba se desligando.*

Assim, esse relacionamento após o casamento vem para reinstaurar a sua confiança em si, nesse relacionamento Miguel reassume a posição de domínio frente as mulheres, característica típica da figura masculina.

### **Categoria 3: Vivências homoafetivas-sexuais**

*E a primeira vez que foi diferente foi com a Simone, e foi com ela que eu comecei a ter relação, esse tipo de relação (não heterossexual). Mas pelo fato de a aparência dela ser muito de mulher eu não tive tanta dificuldade com isso. Fora isso, nunca mais tive relação alguma com esse tipo de pessoa, assim, de homossexual, a não ser, só com ela. (...) Nunca sai com nenhum travesti, transexual ou gay, ninguém, só ela. E ela porque, como eu disse, ela parece muito mulher. Ela é quase mulher.*

Nesse relato, o colaborador afirma que consegue se relacionar com a transexual Simone por ela parecer muito com uma mulher, isso remete a uma posição contrária ao estudo de Pelúcio (2009, p. 81) sobre travestis, segundo a autora, “(...) os homens que gostam de fazer sexo com travestis expressam que o prazer vem justamente daquilo que é visto nelas como masculino (pênis, sêmen, sexo insertivo) (...)”

#### **Categoria 4: Transições e descobertas: orientação e identidade sexual**

*Bom, pra mim, eu me considero hetero, entendeu? Mas, por exemplo, se uma pessoa lá no meu serviço, esses peões, me ver com ela, vai falar que eu sou gay. Porque na cabeça deles eles têm assim: Ah, se você está junto! Vou falar meio assim, do jeito que eles falam: Se você come é porque você é gay também. Entendeu? Não é? Não. Na minha cabeça eu acho que não. Pra você ser gay, tem que ser afeminado, tem que gostar de homem, homem de barba. E eu tenho minha masculinidade intacta. Enquanto a Simone, ela é transexual, é diferente. Não tem reação igual a um homem. Assim, ficar com o pinto duro, ereção. Ela não. Ela não tem isso. Ela gosta de homem, tem cabelo grande, tem peito, silicone, pele macia, tudo. Igual mulher.*

Assim como o colaborador 3, José, Miguel não se identifica com a identidade homossexual. No entanto, Miguel se identifica com a identidade heterossexual, a partir da reflexão sobre o comportamento de sua parceira transexual que é muito semelhante ao de uma mulher. Nesse sentido, Cardoso (2008) diferencia a orientação (do desejo) sexual (âmbito psicológico, das fantasias sexuais) das práticas sexuais (o que se faz no sexo), ou ainda da identidade sexual (formas de sentir-se ou ser nominado a partir das práticas sexuais).

Considerando que Miguel afirma que seu desejo é direcionado para as características femininas de sua parceira transexual, a sua orientação sexual, mas não suas práticas, vão ao encontro de uma orientação heterossexual. Nesse mesmo sentido, Vencato (2009) afirma que contemporaneamente o conceito de homossexualidade se refere à orientação do desejo sexual de uma pessoa e não necessariamente a suas práticas.

*Esse conflito que eu vivo é estranho, é que de vez em quando vem na minha cabeça, eu estou ficando com um homem! Vem isso na minha cabeça, por mais que ela pareça mulher. E às vezes até, a gente está fazendo sexo e de repente vem na minha cabeça, eu estou ficando com um homem! E aí não fica mais perfeito, não fica do jeito que queria que fosse. E eu tento sumir com esse pensamento o mais rápido possível. E o pior é que eu acho que mesmo depois da cirurgia (de redesignação sexual) eu ainda vou lembrar.*

A tentativa de esquecer ou apagar o fato de Simone ser uma transexual mostra-se inútil, além de trazer sofrimento tanto para Miguel quanto para Simone. Nesse sentido Merleau-Ponty (2006, p. 526) diz: “A existência sempre assume seu passado, seja aceitando-o ou recusando-o. (...) É preciso admitir a aquisição como um fenômeno irreduzível. Aquilo que vivemos é e permanece perpetuamente para nós, o velho toca sua infância”

### **Categoria 5: Nos horizontes da homofobia**

*Olha, quem sabe do nosso relacionamento não tem preconceito. Quem tem é quem não sabe, principalmente o pessoal do meu emprego e do meu bairro. E eles ficam com aquelas brincadeiras se eu me arrumo, se corto o cabelo. Isso de vez em quando me irrita, mas eu deixo pra lá. Eu tento esquecer. É “enchessão de saco” demais. E é justamente o preconceito que me impede de contar pra eles. É o fato de ninguém entender, é que eles vão achar que eu sou gay, e eu não sou gay, eu sou homem. Igual minha mãe, ela não vai entender, ela vai dizer que não criou um filho para ser veado.*

E continua:

*Na realidade pensando em mim eu quero estar nessa situação (relação com transexual), mas pensando em toda a sociedade e meus familiares eu não quero estar. Tenho medo de minha mãe descobrir, brigar comigo, minha filha e minha mãe não entender. E sofrer todo o preconceito de um homossexual quando as pessoas descobrem que é. Eu acho que eu não sou e só.*

Aqui é exposta a clandestinidade dessa vivência afetiva sexual que é decorrente de um pensamento comum a sociedade, em que os gays, que são homens com orientação homossexual, não são homens. Essa ideia baseia-se na lógica dominante da heterossexualidade. Tal lógica se institui e reitera-se na coerência e continuidade entre corpo/gênero/sexualidade, estabelecendo um padrão de “normalidade” a ser adotado, que vai produzir efeitos sociais de hierarquia, classificação, dominação e exclusão (LOURO, 2004).

*Ah, com relação à religião, que muita gente me critica. Eu posso até acreditar em Deus mais em religião não. Porque Deus pode até existir, mas ele não está em religião. E eu pessoalmente nunca parei pra perguntar o que essas pessoas, da religião pensam, o que eles acham sobre quem se relaciona com travestis, mas o que todo mundo sabe é que é feio, é o fim do mundo. Meu irmão mais velho mesmo, ele é muito religioso, e ele viu agora esses tempos que ia ter a parada gay de (...) e já falou que a gente está no tempo do Sodoma e Gomorra de novo (Risada). Previsão de fim do mundo. Religião é isso né, por isso que eu não tenho.*

O colaborador se refere ao preconceito advindo de pessoas religiosas para com sua maneira de vivenciar sua sexualidade. Segundo Foucault (1993), a religião seria um dos dispositivos para controle social da sexualidade. Assim, esses discursos surgem a partir de uma visão heterossexual e da família burguesa, sugerindo que quaisquer práticas fora desses paradigmas seriam pecado. Nesse mesmo sentido, Cecaelli (1999) aponta para o fato de que as bases dos valores éticos e morais de nossa cultura encontram suas raízes na tradição

judaico-cristã, que tem como característica a preservação de uma herança da Antiguidade que é a de hostilização ao prazer e ao corpo.

*O que vem na minha cabeça é que ela é um homem, e que eu estou com um homem. E isso na minha cabeça não é certo, não é que não é certo, é que, isso na minha cabeça. Minha cabeça não gosta, entendeu? Pra mim na realidade isso não é certo, porque um homem que escolhe ficar com um homem ele também é... Não, isso não é assim. Porque não pode ser baseado se é certo ou errado porque isso já vem de negócio de religião e não sei o que lá. E não é nada disso. Não é que não é certo, não é pra mim, eu não quero isso. Eu estou naquele lugar, fazendo aquilo e isso não é o que eu quero. Eu quero me relacionar com mulher. Quero ter filho, eu sinto falta de pegar minha mulher, passear com ela, levar ela em um lugar livre. Andar de mão dada, abraçar e beijar no lugar, demonstrar carinho. Com ela não tem isso, não tem liberdade.*

A reflexão do colaborador sobre sua vivência amorosa gera conflito e angústia, sentimentos decorrentes dos valores sociais vigentes. A compreensão sobre as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo ainda são vistas sob um enfoque biológico. Assim, a identidade homossexual se reduz essencialmente a uma categoria social patologizada e criminalizada, mesmo que se apresente em um abrangente leque de vivências (BOURDIE, 1999).

Nesse mesmo sentido, Miskolci (2007) assinala que a sexualidade de gays e lésbicas rompe com a associação entre sexo e reprodução. Assim, a sociedade, por desconhecimento, ainda compreende que esses indivíduos são pura sexualidade, o que os levaria de uma forma ou de outra, à promiscuidade ou a se envolverem em práticas ilícitas como a pedofilia. A percepção social sobre aqueles que se relacionam com parceiros/as do mesmo sexo são de que suas vidas amorosas são reduzidas à sexualidade e sob a necessidade de controle.

## **Categoria 6: O mundo-vida ao lado de uma transexual**

### O encontro com uma transexual

*Mas engraçado que todo mundo fala que eu penso demais para fazer as coisas, que eu fico pensando demais. Mas tem que ser, porque quando eu não penso faço bobeira. Com a Simone eu fui meio sem pensar e a gente acabou se relacionando. E eu quero estar com ela né, mas ela ainda tem um pinto (Risada).*

Assim, o colaborador refere a sua surpresa ao se relacionar com uma transexual, e ao tomar uma atitude que seria tão significativa em sua vida de maneira impensada. Nesse sentido, para Merleau-Ponty (2006, p. 08):

O mundo não é um objeto do qual possuo em meu íntimo a lei da constituição. Ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explicitadas. A verdade não “habita” somente o “homem interior”, ou mais precisamente, não há homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece.

Novamente aparece a falta de delimitação sobre a identidade sexual de Simone, já que Miguel oscila em compreendê-la como travesti ou transexual. E revela a busca de sua parceira por um “homem de verdade”. Segundo Pelúcio (2006) as travestis referem que para ter uma vida conjugal o homem deve ser másculo, ativo, empreendedor e penetrador.

*É o que eu falo, para ela ser mulher mesmo é só tirar a vírgula (Risada). (...) A única coisa que num faz ela uma mulher completa. Quanto à relação é ótima, tanto que, travesti quer ficar com homem, não quer veado. Porque veado quer relação tanto ativa quanto passiva. Então travesti quer homem, e é isso que me chamou a atenção nela. Ela fala que eu sou o biótipo dela, meu físico é o que ela quer. E eu sou o homem dela. E também eu sou uma pessoa que estuda e é isso que ela quer.*

### O corpo transformado

*(...) mas eu conheci a Simone, na realidade, eu já tinha visto ela antes, mas ela ainda era Marcos, num tinha se transformado e então nem passou pela minha cabeça ter algo com ela. Sabe, ela não tinha ainda essa aparência totalmente feminina. Ela tinha cabelo comprido, mas ainda não tinha silicone, não tinha nada. Tinha até barba na cara ainda. O cabelo grande, mas a aparência ainda masculina.*

Miguel acompanhou o processo do corpo de Simone se transformando, deixando as formas masculinas e assumindo as femininas. Para Bruns (2011, p. 70): “O corpo é a materialização da presença desse ser no mundo. Com sua mente e sua capacidade intelectual, emocional e espiritual, o homem participa do mundo numa relação dialética constante”.

Nesse sentido, segundo Vieira e Furlan (2011), a sexualidade seria uma das formas possíveis de expressão no mundo, pertencendo a um nível de compreensão que não se encontra na consciência, mas sim como parte das funções corporais básicas.

### Vivências afetivo-sexuais da parceira transexual

*Os ex-namorados dela eram travestis também e um casou com uma*

*mulher. E esta nessa. Só que os dois ainda ficam correndo atrás dela. Mas eu não sei o que eu fiz que ela não quer saber deles, ela diz que me ama e quer ficar comigo. Eu acho que é o fato de eu ser tranquilo, eu saio com ela, passeio com ela, levo ela pra tudo quanto é lado.(...) E ela sofreu demais com os ex-namorados dela, e nós até agora tem dado muito certo.*

O relato aponta para vivência de relações afetivo-sexuais de Simone, que é uma transexual, com travestis. Segundo Blanchard e Collins (1993) os parceiros de transexuais, que os autores chamam de ginandromorfófilos, muitas vezes são homens feminizados que se reconhecem em atividades de travestis devido à forma como se vestem ou ao seu estilo de vida e que procuram outros como eles para encontros sexuais.

### Diálogo

*Então eu tive outra relação (com mulher) que ela descobriu, mas mesmo assim a gente conversou e continuou junto até hoje. Gosto muito da Simone, mas com ela ainda falta alguma coisa. Tanto é que ela fala pra mim, agora né, depois que eu trai ela. Ela fala assim, procura, pode ir atrás, se você sente necessidade (de mulher). E eu falei pra ela: você sabe que eu vou atrás. E ela disse: eu sei que você vai atrás, mas faça direito. Não me deixa descobrir. Até ela fazer a cirurgia (de redesignação sexual), depois que ela fazer a cirurgia não tem desculpa mais não (Risada). Mas eu tenho um problema, porque é complicado você sair com uma mulher uma noite e já ficar com ela e transar com ela, e no outro dia nem olhar na cara dela. Eu não consigo. Sou meio afetivo nesse ponto. Só vale a pena se eu for fazer bem pra ela e ela bem pra mim (...) Claro, o que eu quero é passar pela vida de uma pessoa e ela ficar com boas lembranças de mim. Entendeu?*

No relato aparece um casal que fala sobre a vida sexual e promove acordos de conduta entre eles, com a ideia de promover um melhor convívio, mas o acordo está pautado sobre a insegurança de Simone. Isso porque ao falar da compreensão de Simone sobre a sexualidade do casal, surge o aspecto que Pelúcio (2006) menciona sobre as travestis quanto haver uma percepção de que elas estariam em risco constante de serem abandonadas pelo homem, seja por ele não suportar a situação de clandestinidade ou pelo forte estigma que tal situação implica. A compreensão é de que os homens têm um impulso sexual “naturalmente incontrolável”, e que, devido a falta de coragem em assumir o relacionamento com uma travesti os levaria novamente a se relacionarem com mulheres.

O acordo entre o casal também envolve a ideia da legitimação da traição, por parte do homem, no caso de ser com uma mulher biológica. Isso ocorre devido a uma construção de hierarquia de gênero entre as travestis, em que as mulheres teriam vantagens sobre elas (PELÚCIO, 2006a).

### Ciúme

*É como eu digo, mulher é assim né: às vezes o marido está lá bebendo a cerveja com os amigos, ela já acha que está traindo. Uma pessoa liga no celular já acha que está traindo, quer saber quem é. As mesmas brigas, do mesmo jeito. Tudo já acha que está com outra mulher. Aquela coisa né: Queria ser bonito igual minha mãe fala e ter o tanto de mulher atrás de mim igual a minha mulher acha (Risada). E com a Simone é a mesma coisa, as neuras são as mesmas, o psicológico é o mesmo.*

Mais uma vez aparece a insegurança de Simone e o padrão de dominação masculina presente em todos os relacionamentos de Miguel. O ciúme pode ser considerado como uma das formas da mulher permanecer sob o domínio masculino.

Segundo Fávero (2010) o poder se refere à capacidade de se alcançar o que se quer ter ou objetivos, da mesma forma, o exercício do poder seria a manutenção ou aquisição daquilo que julgamos ter valor. E é nesse sentido que as emoções estão ligadas aos processos interpessoais de poder, status e intimidade.

### A relação sexual

*Bom, a primeira vez que a gente chegou a ter relação sexual foi totalmente estranho. Não era do jeito que já tinha feito antes, com mulher, com carinho, eu não iria conseguir fazer preliminares nela. Então foi por sexo mesmo, tudo muito rápido, só por curiosidade. Ai depois eu fui conhecendo ela, mas antes ela tinha ficado comigo só por sexo também. Só que eu fui atrás para conhecer ela, e foi onde eu acabei me relacionando, e gostei de ficar com ela, gosto da presença dela. E é estranho, é estranho. Eu não estou com ela por sexo, eu estou com ela pela pessoa dela mesmo e ela sabe disso. Eu amo ela.*

O estranhamento diante da nova vivência mostra o primeiro contato com o desconhecido perpassando o âmbito do prazer. A sexualidade pode ser comparada à fala, em sua forma encarnada de nos inserir na relação com o mundo, ou seja, em sua forma de nos posicionar em um espaço de maneira corpórea. Assim, por ser funções inerente ao ato perceptivo, da mesma maneira que nossa relação com o mundo ultrapassa nossos

pensamentos por ser mais originária, a sexualidade nos insere no mundo da “intersubjetividade” e das “significações eróticas” (VIEIRA; FURLAN, 2011).

*Vou ser bem claro, com a gente é só oral e anal. Mas por exemplo, eu não me vejo fazendo sexo oral numa travesti de jeito nenhum, isso não. Só ela faz em mim. (...) Ela (Simone) não gosta de mostrar (o pênis). Tanto é que as primeiras vezes que eu fiquei com ela, ela não mostrava, escondia, era aquela coisa até demais para esconder. Eu não via. Eu vejo raramente também até hoje. Ela não gosta de mostrar, parece que ela tem vergonha. Por isso que ela está procurando a cirurgia (de redesignação sexual) pra ver se acaba de vez com isso. Pra poder usar biquíni, pra poder ser mulher mesmo. A cabeça dela e o jeito dela pensar é totalmente feminino.*

Simone apresenta uma relação com seu órgão genital idêntica a da maioria das transexuais, possui vergonha, não deixa ser visto ou tocado, principalmente durante a relação sexual. Mas a intimidade com seu parceiro fez com que diminuísse um pouco sua preocupação. Para Bruns (2011, p. 70):

O corpo é o habitat do erotismo, a força transgressora que triunfa sobre as interdições, valores, preconceitos, estigmas e tabus de cada sociedade. Visto ora pela perspectiva do sagrado, ora pela do profanado, ou ainda do interpretado, o corpo sempre esteve “capturado” pelos modismos de cada época, em consonância com as normas de cada sociedade.

#### A cirurgia da parceira de redesignação sexual:

*Eu fico feliz porque depois da cirurgia (de redesignação sexual) ela vai parar de produzir testosterona, e ela vai continuar tomando hormônio feminino, então a aparência dela vai ficar bem mais feminina. E então eu vou poder andar com ela tranquilamente na rua, vou poder apresentar pra minha família. (...) Porque eu nunca fui de levar mulher em casa, quando eu levava para minha mãe é porque era sério. Pra minha mãe eu não gosto de levar não, sempre fui de ficar com todo mundo, com as meninas, mas num levava ninguém em casa. E já que eu quero ficar com ela por muito tempo, ela eu queria apresentar pra minha mãe, como a Simone que ela quer ser, uma mulher.*

Diz também:

*O que eu queria mesmo era ter conhecido ela depois da cirurgia, e eu acho que ai ela esconderia a identidade dela tudo, trocaria de nome e eu assim não saberia quem ela é. É, acho que é isso.*

Ele demonstra compreender o quanto a cirurgia irá ressignificar sua relação com Simone e a necessidade de se adaptar a um novo mundo-vida. O colaborador demonstra ansiedade e expectativas perante a cirurgia de redesignação sexual, como algo muito

aguardado. Assim revela que com a cirurgia será possível dar continuidade aos projetos do casal, como por exemplo, a tentativa de inserção na família e na sociedade.

Nesse sentido Lima (2009) afirma que as regras da heteronormatividade são uma construção da própria sociedade, servindo para controlar e normatizar as condutas sexuais dos sujeitos, estruturando seus desejos, subjetividades e práticas sexuais de um único modo, estabelecidas como corretas e sadias.

Dessa forma, a sexualidade pode ser compreendida como algo dramático, já que a ela sobrepomos toda nossa vida pessoal, isso porque, o nosso corpo é o nosso ser refletido. Nesse sentido, constatamos a impossibilidade de transpor a sexualidade ou de fechá-la em si mesma (MERLEAU-PONTY, 2006).

### **Categoria 7 – Projeto de vida**

*Mas nos dois somos adultos, ela é bem madura. Tanto eu quanto ela, nós estamos ganhando bem, e se continuar assim à gente tem condição de alugar uma casa, comprar os móveis, acho que isso vai acontecer. Mas nós estamos esperando quando ela for mulher mesmo, aí vai ser diferente.*

E diz:

*Antes andava que nem um bichinho, um rebelde sem causa. Mas ela foi como ela mesma diz: me lapidando como um diamante. E com isso tudo eu fui melhorando tanto fisicamente como psicologicamente. E hoje eu sou uma pessoa completamente diferente. Eu vi nela o que eu procurava em uma mulher. E por isso nós estamos juntos e vamos ver até onde isso vai dar.*

O casal apresenta muitos projetos quanto a ir morar junto, o compartilhamento de suas vivências com a família, desejos de sair da clandestinidade e de ampliar uma coexistência que vem dando prazer a ambos. Para Féres-Carneiro (2003) o sentimento de intimidade nas relações amorosas conjugais, bem como a conjugalidade, se dá pelo compartilhamento da dimensão psicológica. E é isso que torna a constituição de um casal fascinante e difícil – sua dinâmica de comportar ao mesmo tempo duas identidades individuais, dois desejos em uma única identidade conjugal, um desejo conjunto, um projeto de vida de casal na relação amorosa (FÉRES-CARNEIRO, 2005).

## CAPÍTULO 5

### DESVELANDO SENTIDOS: A VIVÊNCIA DE HOMENS QUE SE RELACIONAM AFETIVO-SEXUALMENTE COM TRANSEXUAIS

Apresentamos, agora, uma síntese compreensiva das convergências e divergências identificadas nos relatos dos colaboradores e das reflexões que propusemos, em seus vários aspectos existenciais.

Os colaboradores convergiram no *rememorar a infância e a adolescência* **Nos horizontes da família**. Esses primeiros períodos da vida são fundamentais, pois assinalam a inserção do ser-mundo – por meio de experiências corporais, significações serão marcadas, que perdurarão até o fim de sua existência.

Nesse sentido, para Merleau-Ponty (2006), é pelo corpo que compreendemos os outros, assim como é pelo corpo que percebemos as “coisas”. Dessa forma, o sentido do gesto está na mundaneidade, ou seja, se entrelaça com a estrutura do mundo, como na experiência perceptiva.

Assim, a significação que os colaboradores atribuíram às memórias de suas vidas foi a de experiências de um modelo de família apoiado no paradigma do patriarcado – marcado por relações de poder, como a dominância masculina e a religiosidade. Tal visão promove posturas preconceituosas e a não compreensão da sexualidade vivida fora da heteronormatividade. Os colaboradores referem uma percepção de que é importante para sua constituição de sujeito receber a aceitação e o apoio da família com relação as suas vivências afetivo-sexuais. Relatam que a falta de compreensão gera angústia e sofrimento.

No entanto, os colaboradores também referem algumas reproduções desses modelos patriarcais na vivência de seus relacionamentos, apesar dos esforços empreendidos para romperem com eles e gerarem mudanças.

Segundo Merleau-Ponty (2006), a percepção de historicidade do sujeito é permitida pela subjetividade, que é a temporalidade no plano da percepção. Assim: “Meu corpo toma posse do tempo, ele faz um passado e um futuro existirem para um presente, ele não é uma coisa, ele faz o tempo em lugar de padecê-lo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 321).

Todos os colaboradores convergem quanto a ter havido em suas histórias de vida primeiramente **Vivências heteroafetivas-sexuais** e, depois, a relação com a parceira transexual. Também relataram conflitos no relacionamento com as ex-companheiras, em

decorrência de crises de identidade ligadas à sexualidade, que marcaram significativamente suas vidas. Paulo refere-se a uma tentativa de suicídio, enquanto Juliano refere-se a diversos relacionamentos com mulheres por meio da prostituição.

Para Merleau-Ponty (2006) assim como o amor verdadeiro envolve todos os recursos do sujeito e o interessa por inteiro, o falso amor só diz respeito a um de seus personagens. O sujeito não inventa o personagem de má fé, mas acredita ser ele no momento em que vivencia o falso amor e só passa a discernir sua falsidade com o conhecimento de si mesmo – o qual apenas é obtido pela desilusão, ou seja, *quando me volto a mim o amor falso se revela*.

Dessa maneira, esses sentimentos ilusórios ou imaginários são vividos, mas não nos atravessam, ficam na periferia de nós mesmos. Os sujeitos são tomados por “valores de situação” que acabam por esconder seus sentimentos essenciais, por exemplo, vivenciam tristezas e alegrias diante de situações como enterros e ser presenteados, respectivamente, sempre de acordo com o cenário, mas cotidianamente experimentam apenas sentimentos de indiferença e de vazio (MERLEAU-PONTY, 2006).

Quanto às **Vivências homoafetivas-sexuais**, todos colaboradores, exceto José, convergiram ao relatarem nunca ter tido esse tipo de experiência, mesmo sendo suas parceiras transexuais não cirurgiadas, ou seja, possuem um pênis. Isso porque eles não compreendem que a relação com uma transexual seja uma relação homossexual bem como pelo tipo de atração corporal que sentem por elas e pela prática da relação sexual que se estabelece sem o uso do órgão genital delas. Isso vai ao encontro do entendimento de que as possibilidades de vivências da sexualidade são múltiplas, para além da forma binária heterossexualidade e homossexualidade. Nesse sentido, uma mesma pessoa pode se identificar com diversas orientações sexuais em diferentes momentos da vida.

Para Butler (2002), a constituição da trajetória sexuada é estabelecida na repetição e na reiteração das normas regulatórias de gênero, sendo assim um efeito performático. A autora questiona o meio pelo qual as normas reguladoras se materializam nos sistemas sexo-gênero.

José divergiu nesta categoria por ter relatado experiências sexuais com um homem e com algumas travestis em práticas de prostituição. A relação sexual com travestis por meio da prostituição remete ao interdito, ao impuro e ao obsceno devido a não envolver valores morais e sociais de sexo para a reprodução. O ato de sair para rua em busca de pontos de programas sugere a marginalidade, a transposição dos limites de classe (PELÚCIO, 2009). No entanto, este colaborador converge com o relato dos demais no que diz respeito à ideia de que não vive uma relação homossexual com sua parceira transexual.

Em relação às **Transições e descobertas: orientação e identidade sexual** todos os colaboradores convergem ao relatar que se sentem atraídos por mulheres ou pelas características femininas das transexuais. Para Merleau-Ponty (2006), a percepção erótica não ocorre na consciência, mas no mundo, ou seja, se dá por meio de um corpo que se dirige a outro corpo. Para o autor algo tem significação sexual a partir de que exista para meu corpo, que é uma potência para os estímulos de uma situação erótica, da mesma forma que a vida sexual tem uma intencionalidade original com raízes vitais na percepção, motricidade e representação (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 217).

Assim, os colaboradores apontam para uma divisão no corpo da transexual entre feminino e masculino, em que apenas o feminino seria responsável pela produção de estímulos sexuais que os afetariam corporeamente. Tal divisão não tem como ocorrer já que a transexual é tudo isso, ela compreende as duas dimensões e, assim, o desejo também remete ao andrógino, aos seios e ao pênis.

Nesse sentido, Paulo, André e Miguel convergem quando apresentaram questionamento frequente gerador de muita angústia no que diz respeito estabelecer uma Identidade Sexual com que realmente se identifiquem. Esses colaboradores não aceitavam que diante de seu atual relacionamento a sua orientação afetivo-sexual não corresponda à heterossexualidade.

Ainda sobre essa questão, José e Miguel convergem quanto aos seus questionamentos acerca de sua inserção enquanto sujeito no mundo em busca uma identidade – eles rejeitam tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade como identidade. Por se encontrarem nessa reflexão e sem respostas, ambos buscam ajuda profissional Nos horizontes da psicoterapia. Miguel não reflete sobre o que essa ajuda lhe possibilitou enquanto conhecimento de si.

Essas “crises de identidades” ocorrem por não haver mais na contemporaneidade um “eu central” ou uma “identidade fixa”, permanente; ou seja, a formação e transformação contínuas da identidade do sujeito resultam em angústia pela necessidade humana de escolher e se definir. As relações sociais e culturais, cada vez mais complexas, produzem um mundo impregnado de simbologias, com as quais nos identificamos ou as quais rejeitamos (HALL, 2003).

Ainda assim, a experiência da dúvida é a única maneira de fazer interromper toda a dúvida em relação à própria dúvida e é no contato com a dúvida, depois de se conhecer na relação com as coisas, que se dá a percepção interior. O “eu” enquanto sujeito psíquico não pode ser percebido por si mesmo por não constituir um objeto, já que é responsável pela sua realidade e que o encontro consigo mesmo ocorra no ato. Nesse sentido, qualquer percepção

interior é imprópria. O pensamento e a verdade existem através de um ato pelo qual eu ultrapasso a dispersão temporal das fases do pensamento e a simples existência de fato de meus acontecimentos psíquicos, sendo importante a compreensão deste ato (MERLEAU-PONTY, 2006).

Durante a psicoterapia, José busca sua identidade por meio do mundo-vida em um corpo travestido, refere assim o momento em que se “montou”, travestiu-se, tomou hormônios e se relacionou com um homem. Segundo Vencato (2009) para os sujeitos que possuem o desejo de montar-se, ao efetivá-lo realizam uma experiência singular que afeta sua autoestima e autoimagens para uma percepção de pessoa completa.

Após essa intensa vivência, José percebeu que não era isso que queria para si. Em seguida, se lança a uma reflexão sobre A existência na sexualidade e encontra o que para ele caracteriza seu mundo-vida: a ginandromorfofilia. Segundo Pelúcio, sujeitos com esse comportamento estão procurando rotulações que possam ter força explicativa para traduzir seus desejos e reduzir suas angústias de não se adequar socialmente (PELÚCIO, 2009).

Para Merleau-Ponty (2006, p. 496):

Todo pensamento de algo é ao mesmo tempo consciência de si, na falta do que ele não poderia ter objeto. Na raiz de todas as nossas experiências e de todas as nossas reflexões encontramos então um ser que se reconhece a si mesmo imediatamente, porque ele é seu saber de si e de todas as coisas, e que conhece sua própria existência.

Identificamos convergência entre Juliano e Paulo quanto a timidez, ambos referem grande dificuldade em se expressar através da linguagem. Para Merleau-Ponty (2006), a timidez representa uma fuga da coexistência, uma forma de evitar as relações sociais.

**Nos horizontes da homofobia** os relatos dos colaboradores convergem quanto à dificuldade que enfrentam na busca por aceitação do fato de se relacionarem com uma transexual e do apoio que buscam oferecer à parceira diante da discriminação e preconceito que elas sofrem por parte da sociedade como um todo. André se destaca ao referir claramente que o preconceito que mais o incomoda é aquele existente em si próprio.

Na cultura popular brasileira, o homem se define não apenas na oposição com a mulher, mas relação entre si e outras figuras, tais como o machão, o corno, a bicha ou o viado. Todas essas figuras do masculino que se afastem do ser “verdadeiramente” homem fazem com que o homem que vive com uma transexual sofra com preconceitos e estigmas impregnados nesses termos (PARKER, 1993; PELÚCIO, 2007).

Logo, é necessário expor a heteronormatividade, analisando as estratégias públicas e privadas que são mobilizadas coletivamente e individualmente para vencer o medo e a atração das

identidades desviantes. O combate à homofobia é algo que precisa avançar, apenas denunciar a negação e o submetimento dos/as homossexuais não é suficiente, é preciso desconstruir o processo em que sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados (LOURO, 2001).

Quanto a **A vivência afetivo-sexual com uma transexual**, os relatos apontam para convergências sobre O encontro com uma transexual ser marcado pelo processo de apaixonamento e prazer, mas também por sentimentos de aflição decorrentes de paradigmas e valores morais de interdição cultural relacionados à homofobia.

Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 510):

Da mesma maneira, para o apaixonado que o vive, o amor não tem nome, não é uma coisa que se possa circunscrever e designar, não é o mesmo amor do qual falam os livros e os jornais, porque é a maneira pela qual os apaixonados estabelecem suas relações com o mundo, é uma significação existencial.

Neste ponto, os colaboradores falam do momento em que se apaixonaram pelas parceiras e como se deu o processo de aceitação da parceira. Ao se despir de valores heteronormativos e preconceituosos, o indivíduo permite-se vivenciar sua escolha afetivo-sexual de forma a alcançar a reciprocidade afetiva e sexual simultânea (BRUNS, 2007a).

Miguel diverge ao referir ter conhecido sua parceira antes do processo de feminilização e assim fala sobre O corpo transformado. Também diverge ao falar das Vivências afetivo-sexuais da parceira transexual, demonstrando conhecer as experiências da parceira. Nesse sentido Merleau-Ponty (2006, p. 219) diz:

É a sexualidade que faz com que o homem tenha uma história. Se a história sexual do homem oferece a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem projeta-se sua maneira de ser a respeito do mundo, quer dizer, a respeito do tempo e a respeito dos outros homens.

Juliano, Paulo e Miguel convergem quanto a sua reflexão sobre o Diálogo com a parceira, sobre os acordos estabelecidos para a coexistência do casal. Assim, os sujeitos falantes, por meio das “significações disponíveis” ou “atos de expressão anteriores”, fundam um mundo em comum onde no momento do falar nos referimos ao mundo sensível. Ainda segundo o autor: “(...) a fala é única entre todas as operações expressivas capaz de sedimentar-se e de constituir um saber intersubjetivo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 257).

Esses colaboradores relatam o excessivo Ciúme da parceira, algo difícil na relação. No entanto, em pesquisa de Pinto (2008) sobre transexuais emergiu nos depoimentos analisados o ciúme por parte dos parceiros e mais presente nos relacionamentos estáveis, evidenciando o entrelaçamento das relações de gênero e poder. Já André refere ser ele o possuidor de Ciúme excessivo, que dificultou a relação; ele se diz “*muito possessivo*”.

Quanto a A relação sexual, os colaboradores convergem quando relatam ser um momento prazeroso embora permeado pelo conflito relativo à não aceitação de ambos possuírem um pênis e ao peso de estarem vivendo uma relação que foge à norma heterossexual. A sensação de desconforto e inadequação é maior para o colaborador, que reflete sobre seu desejo não direcionado a mulheres “normais” e nem tampouco a homens – o que denota a marginalidade desse desejo.

Nesse sentido, Pinto (2008) afirma sobre seus achados no estudo realizado com transexuais que elas relatavam relações sexuais conflituosas por haver uma repulsa ao pênis e, assim, muitas vezes, a prática do sexo anal foi referida como a única forma possível de se relacionar sexualmente, mesmo que não apreciem esse tipo de relação. O preconceito relativo à prática do sexo anal é legitimado quando a sociedade une rigidamente práticas sexuais a tabus, produzindo a acentuação de estereótipos e delimitando esta prática a certos tipos de orientação sexual.

Para Merleau-Ponty (2006), a percepção erótica se faz no mundo, em um corpo que visa outro corpo. Assim, a compreensão erótica não é da ordem do entendimento, mas do desejo: “um corpo não é percebido apenas como um objeto qualquer, essa percepção objetiva é habitada por uma percepção mais secreta: o corpo visual é subentendido por um esquema sexual, estritamente individual” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 216).

Assim, José diverge dos outros colaboradores dizendo que seu prazer está dizendo que se prazer está exatamente na androgenia do corpo da parceira. Corroborando com Pelúcio (2009, p. 81) que sobre os parceiros de travestis diz: “(...) os homens que gostam de fazer sexo com travestis expressam que o prazer vem justamente daquilo que é visto nelas como masculino (pênis, sêmen, sexo insertivo) (...)”

Juliano diverge ao falar do Risco e vulnerabilidade, preocupando-se com sua finitude e em ter comportamentos de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis.

Todos colaboradores convergem quanto a serem parceiros de transexuais que não passaram por cirurgia de redesignação sexual, mas todas pensam ou já pensaram em fazê-la inclusive entrando com processo em hospitais. É interessante mencionar que entramos em contato com treze homens parceiros de transexuais já cirurgiadas que não aceitaram participar dessa pesquisa. Acreditamos que essa recusa na participação acontece em decorrência da estigmatização que o casal com parceira transexual sofre diante da sociedade, e que após a cirurgia acreditam que será possível esquecer o passado e ressignificar suas existências.

Segundo Pinto e Bruns (2006) a cirurgia de redesignação sexual gera a expectativa sobre uma ressignificação de seu mundo vivido por meio de sua integração individual e

social, com a eliminação da discordância sexual que vivenciam entre o sexo biológico e psicológico. No entanto, é importante mencionar que apenas a realização dessa cirurgia não possibilitaria o reencontro do sentido existencial, esse é um processo muito mais complexo e subjetivo que poderia se desenvolver com auxílio de psicoterapia.

Para Merleau-Ponty (2006, p. 526): “A existência sempre assume seu passado, seja aceitando-o ou recusando-o”. Nesse sentido, o autor também diz: “É preciso admitir a aquisição como um fenômeno irreduzível. Aquilo que vivemos é e permanece perpetuamente para nós, o velho toca sua infância” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 526).

Nesse sentido, para que aconteça uma ressignificação da existência de forma a conquistar uma vida plena, é necessário assumir a aquisição de suas experiências passadas, até para que possa superar a estigmatização que é geradora de tantos problemas e sentimentos desagradáveis.

André ao dar a entrevista não estava mais vivenciando um relacionamento com sua parceira, assim fala do processo de Separação que estava experienciando. Mesmo que ainda mantivesse relações sexuais com sua ex-parceira.

Os colaboradores referem como **Projeto de vida** estabelecer uma vida amorosa plena e satisfatória. No entanto, seus modelos estão baseados no casamento e família nuclear. Nesse mesmo sentido, Pelúcio (2006), em estudo sobre travestis, afirma que existe uma amarra das travestis à matriz heteronormatizadora, por ser definidor de papéis claros e legítimos. Com uma formação para a conjugalidade heterossexual, as travestis têm dificuldades em elaborar outra lógica para as relações conjugais. “*Sonham em serem aceitas, e para tal se referenciam nos padrões de conjugalidade e parentalidade ditos normais: monogâmicos, pautados em relações não-comerciais de sexo, centrados na família nuclear*” (PELÚCIO, 2006, p. 532).

Para Miguel é importante sair da clandestinidade de seu relacionamento e poder viver em família com sua parceira, mas acredita que isso só será possível depois que ela fizer a cirurgia de redesignação sexual. Segundo Merleau-Ponty (2006), o projeto de movimento é um ato, quer dizer, ele traça a distância espaço-temporal, atravessando-a.

Já André diverge quanto aos seus projetos, ele pretende deixar de se relacionar com travestis ou transexuais. Sua percepção foi de um relacionamento que trouxe sofrimento e angústia, além de problemas sociais. Dessa forma, planeja se envolver apenas com mulheres. Para Merleau-Ponty (2006), a disposição em ultrapassar as estruturas reveladas para si, recriando o mundo e a si mesmo, é que vai definir um homem. Assim, André está por revelar-se a si mesmo.

Isso ocorre porque o sujeito é estigmatizado por se direcionar em práticas distintas às

da heteronormatividade, que é uma construção da própria sociedade na intenção de controlar e normatizar as condutas sexuais dos sujeitos, estruturando seus desejos, subjetividades e práticas sexuais de um único modo, estabelecidas como corretas e sadias. Ou seja, destituindo o homem de sua liberdade.

Do mesmo modo, o “patriarcado contemporâneo”, que apresenta os antigos padrões de hierarquias e desigualdades entre os gêneros sob nova roupagem, produz e reproduz as formas de se relacionar baseadas na dominação e expropriação do feminino. Esses padrões permeiam a mídia, como a televisão (em novelas e informes publicitários) e as instituições educacionais responsáveis pela mediação de valores que envolvem feminilidade e masculinidade (FÁVERO, 2010).

Dessa perspectiva de mundo, é muito comum as pessoas entenderem a vivência de um homem parceiro de uma transexual como se esse homem fosse um homossexual “enrustido”, sem coragem para assumir perante a sociedade sua orientação sexual. Isso o expõe a um estigma ainda mais degradante e que o distancia ainda mais dos padrões de masculinidade exigidos, uma vez que soma homossexualidade e covardia.

Nesse sentido, Vencato (2009) esclarece que o conceito de homossexualidade na contemporaneidade se refere à orientação do desejo sexual de uma pessoa e não necessariamente a suas práticas. E aponta que o conceito de orientação do desejo sexual possui categorias fixas como homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade, não englobam, assim, as possibilidades múltiplas e complexas próprias das vivências sexuais.

Da mesma forma, Fry e MacRae (1983, p. 3) nos ensinam: “(...) *não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é homossexualidade e que as idéias e práticas a ela associada são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo dessas sociedades*”.

A nossa compreensão é de que esses sujeitos não seriam nem homossexuais, nem heterossexuais, mas que vivenciam uma experiência de sexualidade singular em sua existência. Assim, procuramos desconstruir a binaridade homoerótico *versus* heteroerótico que compõe a orientação sexual a fim de ampliar nossa visão e compreender a multiplicidade e complexidade que envolve essa experiência da sexualidade.

É importante que se desfaça a ideia de congruência entre orientação afetivo-sexual, comportamento e identidade sexual para que haja uma integração do sujeito e se evite tensões psicológicas no que diz respeito às identidades LGBT. Essa posição se consolida como mantenedora de uma visão linear da experiência sexual, desde a atração, passando pela atividade e identificação sexual. É necessária uma ampliação dessa visão atual que evidencie

a multiplicidade e variabilidade das experiências individuais acerca das vivências de gênero e das vivências sexuais (FÁVERO, 2010).

## CAPÍTULO 6

### HORIZONTES

Nossas reflexões sobre o fenômeno “Como são as *vivências afetivo-sexuais de homens parceiros de transexuais?*” para além de nos possibilitar a ampliação de nossa compreensão acerca das diversidades sexuais, nos atentou para a necessidade de desconstrução das regras da heteronormatividade e do preconceito a elas arrolado a fim tornar viável essa compreensão ampla das diversidades sexuais.

A congruência entre orientação afetivo-sexual, comportamento e identidade sexual que aqui buscamos desassociar é encontrada em pesquisas da área de psicologia, entre tantas outras. Tal fato vem apontar e denunciar fissuras intrínsecas às teorias e abordagens que não acompanham o desenvolvimento das transformações sócio-político-culturais, os quais denotam as novas maneiras em que homens e mulheres estão vivenciando suas relações amorosas.

É nesse sentido que alertamos para a necessidade de se pensar estratégias e políticas públicas sociais que rompam com paradigmas patriarcais e estigmas relativos à diversidade de maneiras de vivenciar a sexualidade, a parte da heteronormatividade. E, assim, possibilitar que esses sujeitos possam emergir em sua existência e se constituir enquanto ser no mundo.

Desta forma, acreditamos ser preciso uma capacitação continuada de profissionais da saúde, sobretudo dos psicólogos, para que possam receber de forma acolhedora e responsável esses sujeitos – tanto as transexuais quanto seus parceiros –, os quais, geralmente, evitam o encontro clínico e experimentam o sofrimento decorrente da não compreensão de suas vivências por parte dos profissionais.

Apontamos também para a necessidade de capacitação continuada dos profissionais da educação, responsáveis por acompanhar as primeiras experiências desses sujeitos, para que possam acessá-los e orientá-los. Estes, responsáveis também pela educação de pessoas que não vivenciam essa experiência e cujas condutas podem, portanto, determinar a forma como esses sujeitos serão tratados pela sociedade como um todo. Destacamos também o papel das universidades como espaço para a promoção de debates e como instituições responsáveis pela ampliação e compartilhamento dos saberes relativos às diversidades sexuais.

Outra questão que advogamos seja repensada é a circulação nas diversas mídias contemporâneas de informações que sejam empáticas com as vivências das transexuais e de seus parceiros, que sejam acolhedoras desses sujeitos em suas singularidades.

É importante mencionar que a responsabilidade de fazer a informação circular não cabe apenas aos sujeitos que estão diretamente envolvidos com essa questão, como profissionais, familiares e casais com parcerias transexuais, mas também a toda a sociedade – nas instâncias religiosas, jurídicas, etc – enfim, em todos os espaços por onde transitam esses casais contemporâneos.

Em suma, apontamos para a necessidade de se permitir o desvelar da vivência desses homens parceiros de transexuais, que até o momento aparece envolta no preconceito e na estigmatização, para que possam existir dignamente perante a sociedade.

## REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M. **Pesquisa fenomenológica em psicologia**. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Org). *Psicologia e fenomenologia: Reflexões e perspectivas*. Campinas: Alínea, 2007. p. 17-25.

ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A. F. **Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica**. *Estudos de Psicologia*. Campinas, v. 27, n. 2, 2010. p. 259-268.

ARENT, M. **Performances de gênero em um “clube de mulheres”**. In: DIAZ-BENITEZ, M. A.; FÍGARI, C. E. (org). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 147-170.

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA - APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-IV-TR**. Tradução Cláudia Dornelles. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

AUGRAS, M. **O ser da compreensão**. Petrópolis: Vozes, 1981. 100 p.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. **Crianças Vitimizadas: A síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu Editora, 1989.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BENEDETTI, M. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

BENTO, B. A. M. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 2003. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

BLANCHARD, R.; COLLINS, P. I. **Men with sexual interest in transvestites, transsexuals, and she-males**. *Journal of Nervous and Mental Disease*, v.181, n.9, 1993. p. 570 – 575.

BORGES, M. C. et al. **Transtornos parafilicos em pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**: série de casos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 56, n. 3, 2007. p. 219 – 223.

BORGES, M. L. Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher? *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, 2005. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000300012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000300012&script=sci_arttext)>.  
Acesso em: 22 dez. 2011.

BORGES, R. C. **Pais e mães heterossexuais**: Relatos sobre a homossexualidade de filhos e filhas. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, 2009.

BOURDIEU, P. **O espírito de família**. In: \_\_\_\_\_; Razões práticas: sobre a teoria da ação. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papius, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 1999.

BROWN, N. R. **The Sexual Relationships of Sexual-Minority Women Partnered with Trans Men**: A Qualitative Study *Archives Sexual Behavior*, n. 39, 2009. p. 561 – 572.

BRUNS, M. A. T. **O olhar cotidiano e a perda da sensibilidade**. In: \_\_\_\_\_; ALMEIDA, S. Sexualidade: preconceitos, tabus, mitos e curiosidades. Campinas: Átomo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses entre a subjetividade e a objetividade**. In: \_\_\_\_\_; HOLANDA, A. (Org.). *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. 2. ed. Campinas: Editora Alínea, 2007. cap. 4, p.57-66.

\_\_\_\_\_. **A sexualidade da criança**. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v.18, n. 2, 2007a. p. 323-331.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade de cegos**. Campinas: Editora Átomo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapeutas iniciantes**: os desafios das diversidades afetivo-sexuais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 63, n. 1, 2011. p. 64-74.

\_\_\_\_\_; SANTOS, C. **Diversidades sexuais, corpos e desejos em transformação.** Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro – SPTM, Uberlândia, v. 10, n. 2, jul/dez., 2006. p. 105-108.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Criticamente subversiva.** In: JIMÉNEZ, R. M. Sexualidades transgressoras: uma antologia de estudos queer. Barcelona: Içaria, 2002. p. 55-81.

CAMPOS, E. B. V.; COELHO JR, N. E. **O conceito de alucinação em Merleau-Ponty: aspectos clínicos e psicopatológicos.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, ano V, n. 2, jun/2002. p. 13-27.

CARDOSO, F. L. **O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade.** Interam. j. psychol., Porto Alegre, v. 42, n. 1, abr. 2008 . Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-96902008000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 jan. 2012.

CARRARA, S. **Masculinidades em crise.** (2009). Vídeo. Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/site/2009/12/04/integra-masculinidades-em-crise-sergio-carrara/>>. Acesso em: 27 out. 2011.

CECARELLI, P. R. **Sexualidade e preconceito.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental III, n. 3, 1999. p. 18-37.

CHAUÍ, M. **Participando do debate sobre mulher e violência.** In: Perspectivas Antropológicas da Mulher. Rio de Janeiro: Zahar, n. 4, 1985. p. 25-62.

COSTA, R. P. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana.** São Paulo: Editora Gente, 1994.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais.** Porto Alegre: ARTMED, 2008. 438 p.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DENTZ, R. A. **A motricidade do corpo próprio em Merleau-Ponty.** Prometeus: Filosofia

em Revista, Sergipe, v. 2, n. 4, 2009. p. 27-36.

DURHAM, E. R. **Família e reprodução humana.** In: \_\_\_\_\_. et al. *Perspectivas antropológicas da mulher 3.* Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

FÁVERO, M. H. **Psicologia do gênero: Psicobiografia, sociocultura e transformações.** Curitiba: Ed. UFPR, 2010. 435 p.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Família e casal: efeitos da contemporaneidade .** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa.** São Paulo: Pioneira, 1993.

FOUCAULT, M. **Os anormais.** São Paulo: Martins Fontes, 1974.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir – história da violência nas prisões.** 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber.** 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

\_\_\_\_\_. **A história da sexualidade II: o uso dos prazeres.** 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FRIDMAN, L. C. **Pós-modernidade sociedade da imagem do conhecimento.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 1999. p. 353-375.

FRY, P.; MacRAE, E. **O que é homossexualidade.** 2. ed. São Paulo: Brasilienses, 1983.

FURLAN, R. **A questão do método na psicologia.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 1, jan./mar. 2008. p. 25-33.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

\_\_\_\_\_. **Família.** In: \_\_\_\_\_. O mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 61-75.

GIFFIN, K. **A inserção dos homens nos estudos de gênero:** contribuições de um sujeito histórico. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 10, n. 1, 2005. p. 47-57.

GILLIGAN, C. **Uma voz diferente.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, s/d.

GOFFMAN, E. **Estigma:** Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução Mathias Lambert. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2004. Disponível em: <[http://xa.yimg.com/kq/groups/24970967/453448499/name/Erving\\_Goffman\\_ESTIGMA.pdf](http://xa.yimg.com/kq/groups/24970967/453448499/name/Erving_Goffman_ESTIGMA.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2011.

GOLDEMBERG, M. **Sobre a invenção do casal.** Rio de Janeiro: Revan, 1999.

GUIMARÃES, R. M.; BRUNS, M. A. T. **Prostituição de luxo:** a vivência sexual das profissionais do sexo. In: *Fazendo Gênero* 8, 2008, Florianópolis. Disponível em: <[http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST26/Guimaraes-Bruns\\_26.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST26/Guimaraes-Bruns_26.pdf)>. Acesso em: 23 de jun. 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOLANDA, A. **O resgate da fenomenologia de Husserl e a pesquisa em psicologia.** Tese de doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2002.

HOLANDA, A. F. **Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética:** elemento para um entendimento metodológico. In: BRUNS; \_\_\_\_\_. *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. 2. ed. Campinas: Editora Alínea, 2007. cap.3, p.35-56.

HUXLEY, P. J.; KENNA, J. C.; BRANDON, S. B. **Partnership in transsexualism.** Part II. Paired and nonpaired groups. *Arch. Sex. Behav.*, Manchester: v. 10, n. 2, 1981. p. 143-160.

JACOBSON, C. M. **A construção da sexualidade na família e seus contextos.** In: HORTA, A. L. M. e FEIJÓ, M. (Org). *Sexualidade na família*. São Paulo: Expressão e Arte, 2007.

JAMESON, F. **Pós-Modernismo:** a lógica cultural do capitalismo tardio. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

JUSTO, J. S. **O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade.** Rev. Dep. Psicol.,UFF, Niterói, v. 17, n. 1, 2005 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-80232005000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 nov. 2010.

LEWINS, F. **Explaining stable partnerships among FTMs and MTFs: a significant difference?** Journal of Sociology, v. 38, n. 1, 2002, p. 76 – 88.

LIMA, A.S. **Representações e construção de valores hegemônicos: olhares sobre as travestilidades no cotidiano social.** 2009. Disponível em: <<http://www.mostreseuvalor.org.br/publicacoes/arquivos/Aline%20Soares%20revisado.doc>>. Acesso em: 23 jun. 2010.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LOURO, G. L. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação.** Revista Estudos Feministas, v. 9, n. 2, 2001. p. 541-553.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna.** 6. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 2002.

MACEDO, R. M. Sexualidade e gênero. In: HORTA, A. L. M.; FEIJÓ, M. R. Sexualidade na família. São Paulo: Expressão e Arte, 2007. p. 20 - 30.

MAGALHÃES, A. S.; FERES-CARNEIRO, T. **A conjugalidade na série identificatória: experiência amorosa e recriação do eu. Pulsional : Revista de psicanálise** , ano XVI, n. 176, dez/2003. Disponível em: < [http://www.editoraesquita.com.br/pulsional/176\\_05.pdf](http://www.editoraesquita.com.br/pulsional/176_05.pdf) >. Acesso em: 11 jan. 2011.

MARANDOLA JR, E.; GALLO, P.M.D. **Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração.** In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES, 6, 2009. Belo Horizonte. Anais Eletrônicos da ABEP. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/6EncNacSobreMigracoes/ST3/Marandola\\_2.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/6EncNacSobreMigracoes/ST3/Marandola_2.pdf) >. Acesso em: 17 jan. 2012.

MARIGUELA, M. **Sexualidade e Ética do Cuidado de Si.** Educação: Teoria e Prática, v. 18, n. 30, 2008. p. 37-46.

MARRA, C. **Para entoar a tua canção:** uma reflexão sobre a necessidade de uma postura sensível do psicólogo quanto às questões de diversidade cultural. 2005. 227 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – NUFAC – Núcleo de família e comunidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC-SP, 2005.

MARREGA, M. F.; BRUNS, M. A. T. Super homem e a mudança da história: um estudo sobre papéis de gênero. In: CUNHA, M. V.; PASIAN, S. R.; ROMANELLI, G. (Org.). Pesquisas em psicologia: múltiplas abordagens. São Paulo: Vetor Editora Psico Pedagógica, 2009. p. 83-96.

MELLO, L. **Outras famílias:** A construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. Cadernos Pagu, Campinas, n. 24, jan/jun. 2005. p. 197 - 225.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção. 3ª.ed.** Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 662 p.

MISKOLCI, R. **Reflexões sobre a normalidade e desvio social.** Estudos de Sociologia. Araraquara. v. 14, 2003. p. 109 - 126.

MISKOLCI, R. **Pânicos morais e controle social:** reflexões sobre os casamentos gays. Cadernos Pagu, v. 28, 2007. p. 101 - 128.

MONEY, J. e LAMACZ, M. **Gynemimeses and gynemimetophilia:** Individual and cross-cultural manifestations of a gender-coping strategy hitherto unnamed. Comprehensive Psychiatry, v. 25, n. 4, 1984. p. 392 - 403.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico da pesquisa.** São Paulo: Pioneira, 2002.

MOREIRA, V. **O Método Fenomenológico de Merleau-Ponty como Ferramenta Crítica na Pesquisa em Psicopatologia.** Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 17, n. 3, 2004. p. 447 - 456.

NAZARETH, E. R. **Família e divórcio.** In: CERVENY, C. M. O. (Org.). Família e... São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID-10.** Tradução: Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. São Paulo: EDUSP, 2008.

ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R. **Corpo em evidência: A ciência e a redefinição do humano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PAGLIA, C. **Personas sexuais: Arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson**. Tradução Marcos Santarrita. Lisboa: Relógio d'Água, 2007. 690 p.

PARKER, R. **Corpos, Prazeres e Paixões**. Rio de Janeiro: Editora Best-Seller, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cultura, economia política e construção social da sexualidade**. In: LOURO, G. L. (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomas Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PELÚCIO, L. **Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre a conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem**. Revista Estudo Feministas. v. 14, n. 2, 2006. p. 522 - 534.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos t-lovers: a construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com travesti**. 2006a. Disponível em: <[http://www.clam.org.br/publique/media/tlovers construção de indentidade recente .pdf](http://www.clam.org.br/publique/media/tlovers%20construcao%20de%20identidade%20recente.pdf)>. Acesso em: 02. set. 2010.

\_\_\_\_\_. **"Mulheres com Algo Mais" - corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti**. Revista Versões, n. 3, 2007. p. 77 - 93.

\_\_\_\_\_. **Gozos ilegítimos: tesão, erotismo e culpa na relação sexual entre clientes e travestis que se prostituem**. In: DIAZ-BENITEZ, M.A.; FÍGARI, C.E. (org). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 71 - 92.

PINTO, M. J. C. **A vivência afetivo-sexual de mulheres transgenitalizadas**. 2008. 227 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, 2008.

\_\_\_\_\_; BRUNS, M. A. T. **Vivência transexual: o corpo desvela seu drama**. Campinas: Átomo, 2003.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **A transexualidade no contexto hospitalar**. In: **Psicologia da saúde: pesquisa e prática**. São José do Rio Preto: THS/Arantes Editora, 2006. Cap.6, p. 401 - 422.

REIS, L. M. **Sexualidade e câncer de colo de útero: o corpo feminino adoecido na perspectiva de Maurice Merleau-Ponty**. 2010. 216 f. Tese (Doutorado em Psicologia) -

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, 2010.

REZENDE, A. M. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

ROMANELLI, G. **Paternidade em famílias de camadas médias**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, Ano 3, n. 2, 2003. p.79 - 95.

SALEM, T. **O casal igualitário: princípios e impasses**. Tese (Doutorado). Disponível em: File://E:/textos/rbcs 09-03.htm. Acesso em: 18 abr. 2007.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995. p. 71 - 99.

SILVA, S. G. **Masculinidade na história: A construção cultural da diferença entre os sexos**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 20, n. 3, 2000. p. 8 - 15.

SINGLY, F. **O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar**. In: PEIXOTO, C.E.; SINGLY, F. e CICHELLI, V. (org). Família e individualização. Rio de Janeiro: Ed. Fgu, 2000. Prefácio. p. 13 - 19.

SOARES, M. ; BRUNS, M. A. T. **Vivências afetivo-sexuais de parceiros de transexuais**. In: Fazendo Gênero 9, 2010, Florianópolis. Fazendo Gênero 9 - Diásporas, diversidades e deslocamentos, 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277919869\\_ARQUIVO\\_artigo.fazendogenero\[1\].pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277919869_ARQUIVO_artigo.fazendogenero[1].pdf)>. Acesso em: 09 jan. 2012.

SOARES, M.; BRUNS, M. A. T. **Parceiros de Transexuais: Relatos de vivências afetivo-sexuais**. IV Jornada de Ginecologia e Obstetrícia da SOGESP, 2010a.

SOARES, M. et al. **O apoio da rede social a transexuais femininas**. Revista Paidéia, USP, Ribeirão Preto - SP, v. 21, 2011. p. 83 - 92.

SOARES, M. ; MIYAZAKI, M. C. O. S. ; VIANNA, A. M. S A . **Saúde sexual da mulher no climatério**. In: I Congresso Brasileiro de Educação Sexual, 2008, Araraquara. Anais do I Congresso Brasileiro de Educação Sexual, 2008.

SOARES, M. ; PINTO, M. J. C. ; VIANNA, A. M. S. A . **Prevalência das Disfunções Sexuais Femininas**. In: III Encontro Interdisciplinar de Aprimorandos e Aperfeiçoandos

FAMERP/FUNFARME, 2006, São José do Rio preto. Anais do III Encontro Interdisciplinar de Aprimorandos e Aprefeiçoandos FAMERP/FUNFARME, v. 13, 2006.

SOARES, M. ; VALÉRIO, N. I. ; VIANNA, A. M. S. A. **Programa Saúde da Família: Grupo para Controle e Manejo do Estresse no Professor.** In: IV Congresso Latino Americano de Psicologia da Saúde - ALAPSA.2007. São Paulo. Anais do IV Congresso Latino Americano de Psicologia da Saúde – ALAPSA, v.1, 2007.

SPARGO, T. **Foucault e a Teoria Queer.** Tradução Wladimir Freire. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

TEXEIRA FILHO, F. S.; MARRETTO, C. A. R. **Homossexualidades, homofobia e tentativas de suicídio em adolescentes LGBT,** 2008. Disponível em: [http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST50/Teixeira\\_Filho-Marreto\\_50.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST50/Teixeira_Filho-Marreto_50.pdf) Acesso em: 18 out. 2010.

TORRES, A. **A individualização no feminino, o casamento e o amor.** In: PEIXOTO, C. E.; SINGLY, F. e CICHELLI, V. (org). Família e individualização. Rio de Janeiro: Ed. Fgu, 2000. Cap.8. p. 135 - 156.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

VENCATO, A. P. **Negociando desejos e fantasias: corpo, gênero, sexualidade e subjetividade em homens que praticam crossdressing.** In: DIAZ-BENITEZ, M. A.; FÍGARI, C. E. (org). Prazeres dissidentes. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 93 - 118.

VERDE, J.B.; GRAZIOTTIN, A. **O enigma da identidade: o transexualismo.** Tradução Sérgio Schirato. São Paulo: Paulus, 1997. 200 p.

VIEIRA, M. G.; FURLAN, R. **Algumas considerações sobre psicopatologia na filosofia de Merleau-Ponty.** Ágora, Rio de Janeiro, v. XIV, n. 1, jan/jun 2011. p. 129 - 141.

VILHENA, J.; MAIA, M. V. C. M. **Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea.** Revista Mal-estar e subjetividade, Fortaleza, v. II, n. 2, 2002. p. 27 - 58.

WELZER-LANG, D. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia,** 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>. Acesso em: 27 de out. 2011.

## ANEXO A

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São José do Rio  
 Preto – CEP/FAMERP  
 Av. Brigadeiro Faria Lima, 5416 – Vila São Pedro – Fone/fax: 17 – 32105700 ramal 5813  
 São José do Rio Preto – SP

## D E C L A R A Ç Ã O

Declaro para os devidos fins que:

- Tenho ciência dos termos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e que cumprirei os mesmos;
- Que tornarei público os resultados do projeto de pesquisa Quem são os parceiros de transexuais? - Relatos de vivências, sejam eles favoráveis ou não;
- Que há infra-estrutura necessária para o desenvolvimento do referido projeto.

São José do Rio Preto, 16 de maio de 2008.

*Milene Soares*

Responsável pelo projeto

Milene Soares  
 Ψ Psicóloga Ψ  
 CRP: 06/81491

*Prof. Dr.ª Maria Alves de Toledo Bruner*

Prof. Dr.ª Maria Alves de Toledo Bruner  
 Orientadora

*Leda Maria Branco Ravagnani*

Serviço de Psicologia

Leda Maria Branco Ravagnani  
 Psicóloga  
 CRP 13.956

*Prof. Dr.º Eduardo Maria Tróvisco Navarro da Costa*

Prof. Dr.º Eduardo Maria Tróvisco Navarro da Costa  
 Chefe do Departamento de Psiquiatria e  
 Departamento de Psiquiatria e  
 Psicologia Médica

*Dr. Carlos Antônio de Souza*

Unidade de Atendimento Sexual  
 Dr. Carlos Antônio de Souza  
 MÉDICO  
 CRM: 13.441

*Prof. Dr. José Germano Ferraz de Arruda*

Prof. Dr. José Germano Ferraz de Arruda  
 Chefe do Dept.º de Especialidades Cirúrgicas  
 Departamento de Especialidades  
 Cirúrgicas

Obs: Solicitar assinaturas e carimbos de todos os responsáveis direta e indiretamente por essa pesquisa, por exemplo: responsáveis pelo departamento, disciplina, serviço, andar, médicos e chefia de enfermagem responsáveis pelo sujeito da pesquisa (paciente)

## ANEXO B

**FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**

Autarquia Estadual - Lei n.º 8099 de 27/09/94  
(Reconhecida pelo Decreto Federal n.º 74.179 de 14/06/74)

---

Parecer n.º 284/2008

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

O Protocolo nº 3543/2008 sob a responsabilidade de Milene Soares com o título "Quem são os parceiros de transexuais? Relatos de vivência" está de acordo com a resolução CNS 196/96 e foi aprovado por este CEP. Incluir no termo de consentimento livre e esclarecido os riscos e benefícios da pesquisa.

Lembramos ao senhor(a) pesquisador(a) que, no cumprimento da Resolução 251/97, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) deverá receber relatórios semestrais sobre o andamento do Estudo, bem como a qualquer tempo e a critério do pesquisador nos casos de relevância, além do envio dos relatos de eventos adversos, para conhecimento deste Comitê. Salientamos ainda, a necessidade de relatório completo ao final do Estudo.

São José do Rio Preto, 05 de agosto de 2008.

Prof. Dr. Antônio Carlos Pires  
Coordenador do CEP/FAMERP

## ANEXO C

### Termo de Consentimento Livre e Pós-esclarecido

Meu nome é **Milene Soares**, sou psicóloga e especialista em Psicologia da Saúde, candidata ao mestrado em Psicologia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Estou desenvolvendo uma pesquisa que terá como orientadora a **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Alves de Toledo Bruns** com o título “**Quem são os parceiros de transexuais? Relatos de vivências**”, para compreender como é a sua vivência afetivo-sexual estável com parceiro(a) transexual, e gostaria de convidá-lo para participar do estudo. Assim, informamos que:

1. Sua participação é totalmente livre e espontânea;
2. O local e o horário das entrevistas a serem realizadas serão previamente escolhidos respeitando suas necessidades;
3. Todas as entrevistas serão gravadas e arquivadas de forma a não serem relacionadas ao seu nome;
4. Em hipótese alguma sua identidade será revelada, sendo substituído por outro fictício;
5. A qualquer momento que desejar poderá interromper, ou não responder a pergunta;
6. Sua desistência não repercutirá em qualquer forma de retaliação ou prejudicará seu atendimento nesta instituição;
7. Garanto que não terá gastos extras por participar da pesquisa;
8. O único risco a que você se submeterá durante a entrevista será um possível incômodo pela questão perguntada.

**Para responder questões relacionadas a esta pesquisa, é um direito seu como participante poder falar comigo pessoalmente ou pelo telefone (34) 9941-9495.**

No decorrer ou no final da entrevista, caso você sinta necessidade de atendimento psicológico, comprometo-me a prestá-lo a você de forma gratuita.

#### Certificado de Consentimento

Eu, \_\_\_\_\_,  
 RG \_\_\_\_\_, declaro que após convenientemente esclarecido(a) pela pesquisadora, consinto em participar no Projeto de Pesquisa em questão, por livre vontade sem ter sido submetido(a) a qualquer pressão.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do(a) entrevistado(a)

\_\_\_\_\_  
 Assinatura da pesquisadora  
 Psicóloga Milene Soares  
 CRP 06/81491

## ANEXO D

<p><b>Nome:</b>  <b>Documento de Identidade n.º:</b>  <b>Data de Nascimento:</b>  <b>Estado civil:</b>  <b>Religião:</b>  <b>Escolaridade:</b>  <b>Renda Mensal:</b>  <b>Filhos:</b>  <b>Endereço:</b>  <b>Bairro:</b>  <b>Cidade:</b>  <b>CEP:</b>  <b>Telefone:</b></p>	<p><b>Idade:</b>  <b>Reside com:</b>  <b>Praticante:</b>  <b>Profissão:</b></p> <p style="text-align: center;">n.º</p>
---	--

Critério de Classificação Econômica Brasil - ABEP/2003

### SISTEMA DE PONTOS

#### Posse de itens

Televisão em cores 0 2 3 4 5  
 Rádio 0 1 2 3 4  
 Banheiro 0 2 3 4 4  
 Automóvel 0 2 4 5 5  
 Empregada mensalista 0 2 4 4 4  
 Aspirador de pó 0 1 1 1 1  
 Máquina de lavar 0 1 1 1 1  
 Videocassete e/ou DVD 0 2 2 2 2  
 Geladeira 0 2 2 2 2  
 Freezer (aparelho independente  
 ou parte da geladeira duplex) 0 1 1 1 1

#### Grau de Instrução do chefe de família

Analfabeto / Primário incompleto 0  
 Primário completo / Ginásial incompleto 1  
 Ginásial completo / Colegial incompleto 2  
 Colegial completo / Superior incompleto 3  
 Superior completo 5

#### CORTES DO CRITÉRIO BRASIL

**A1** 30-34  
**A2** 25-29  
**B1** 21-24  
**B2** 17-20  
**C** 11-16  
**D** 6-10  
**E** 0-5